

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**MEMÓRIA E CIDADE:
LEMBRANÇAS DO BAIRRO DA VILA NOVA -
1930 AO PRESENTE**

SÍLVIA CLÍMACO MATTOS

BRASÍLIA
2008

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**MEMÓRIA E CIDADE:
LEMBRANÇAS DO BAIRRO DA VILA NOVA -
1930 AO PRESENTE**

SÍLVIA CLÍMACO MATTOS

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade de Brasília.

Orientadora: Professora Doutora Cléria Botelho da Costa

BRASÍLIA
2008

CLÍMACO MATTOS, Sílvia.

Memória e Cidade: lembranças do Bairro da Vila Nova –
1930 ao tempo presente / Sílvia Clímaco Mattos.

Brasília, 2008.

151 f.

Dissertação apresentada para obtenção do título de
Mestre em História pelo Programa de Pós-graduação em
História da Universidade de Brasília.

Orientadora: Professora Doutora Cléria Botelho da Costa.

FOLHA DE AVALIAÇÃO
SÍLVIA CLÍMACO MATTOS

MEMÓRIA E CIDADE:
LEMBRANÇAS DO BAIRRO DA VILA NOVA -
1930 AO PRESENTE

Dissertação apresentada como requisito parcial à
obtenção do título de Mestre em História pelo
Programa de Pós-graduação em História da
Universidade de Brasília.

Orientadora: Professora Doutora Cléria Botelho da
Costa

Brasília, 29 de agosto de 2008

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Cléria Botelho da Costa
Orientadora

Profª Drª Nancy Aléssio Magalhães
Examinadora

Profª Drª Ellen F. Woortmann
Examinadora

Aos meus amados pais

Agradecimentos

Agradeço aos moradores da Vila Nova: Sr. Quincas, D. Doralice, Sr. José Teodoro (*in memorian*), Sr. Eliseu, D. Leila, D. Valdecy, D. Maria Jerônima (*in memorian*), D. Mara, Sr. Manoel, D. Selma, D. Ivana, Sr. Geraldo, Sr. Claudomiro, D. Júlia, Sr. José Fernandes, Sr. Domingos, D. Lêda, Sr. Edson e Sr. Pedro que, tão gentilmente, contribuíram com a pesquisa que é aqui apresentada.

À Georgina, que me inspirou, ao contar tantas histórias sobre o Bairro, a iniciar os meus estudos sobre a Vila Nova.

À minha orientadora Cléria Botelho, por sua intensa dedicação durante todo o meu mestrado. Sua disponibilidade em me orientar, sugerir e me ajudar foram fundamentais para a realização desse trabalho.

Aos professores do programa de Pós-graduação em História da Universidade de Brasília. Os seminários realizados sob sua coordenação foram de inestimável valor para o meu amadurecimento intelectual.

À banca de qualificação do Projeto de Pesquisa formada pelas Professora Doutora Ellen F. Woortmann – Departamento de Antropologia da UnB e Professora Doutora Nancy Aléssio Magalhães – Departamento de História da UnB – pelas suas preciosas observações e sugestões, que muito contribuíram para a elaboração da dissertação.

À tia Dayse e Chiquita, pela cuidadosa revisão dos meus escritos.

Aos meus pais Sílvio e Regina, por terem me incentivado e me apoiado durante todo o curso, financiando meus estudos e minhas viagens.

Aos meus tios João Carlos e Rosana e a meu primo Leo, por terem, nesses dois últimos anos, me acolhido sempre em sua casa em Brasília.

À minha querida avó Nini, a Hiparidi e aos meus irmãos que, pacientemente, me acompanharam nessa caminhada.

RESUMO

O trabalho em questão tem por objetivo reconstruir a memória do Bairro da Vila Nova através das lembranças de seus velhos moradores que chegaram à Goiânia entre as décadas de 1930 e 1950.

Noticiada por todo o território nacional, a construção da nova capital atraiu um contingente expressivo de pessoas em busca de trabalho, dando início a um processo de ocupação desordenada da cidade com a invasão de parte das terras públicas do Estado.

Para cá vieram migrantes de distintas regiões do País, muitos originários do Nordeste do Brasil, os quais se dedicaram à construção da nova capital. Estes ocuparam ilegalmente a área leste da cidade, espaço que veio a se constituir no Bairro da Vila Nova.

A pesquisa foi realizada, fundamentalmente, com a história oral. Busquei, por meio dos relatos dos moradores da Vila Nova, coletados no decorrer de sucessivas entrevistas, reconstruir a memória do Bairro, analisando as diferentes narrativas que dão vida e estruturam as suas falas.

Ao identificar as suas práticas cotidianas, construídas no decorrer de sua existência no Bairro, foi possível conhecer os vínculos estabelecidos entre esses indivíduos com o lugar em que vivem, fundamentais para a composição desse trabalho.

Os moradores formam uma comunidade de memória, cujas lembranças perpassam toda a trajetória do Bairro, do seu nascimento até o tempo presente (2008). Em suas narrativas, o antes e o agora convivem, mostrando que, na memória, distintas temporalidades não se excluem mutuamente.

PALAVRAS CHAVE: memória, bairro, cidade, narrativas, cotidiano.

ABSTRACT

The current work aims to reconstruct the history of the District of Vila Nova through the memories of their old residents who arrived in Goiania between the decades of 1930 and 1950.

Noticed throughout the national territory, the construction of the new capital attracted a significant contingent of people in search of work, initiating a process of disorderly occupation of the city with the invasion of part of public land from the state.

Migrants came here from different regions of the country, many originating in northeastern Brazil, which is devoted to the construction of new capital. These migrants illegally occupied the area east of the city, which has space to be in the neighborhood of Vila Nova.

The survey was conducted, mainly with the oral history. I tried, through reports of the residents of Vila Nova, collected during successive interviews, to reconstruct the history of the neighborhood, examining the different narratives that give life and structure their words.

By identifying their everyday practices, built in the course of its existence in the quarter, it was possible to know the links between those individuals with the place in which they live, fundamental to the composition of that work.

The residents form a community of memory, whose memories cross the whole trajectory of the quarter, from its birth until the present time (2008). In their narratives, before and now live, showing that in mind, different temporalities are not mutually exclusive.

KEY WORDS: memory, neighborhood, town, narratives, daily life.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1. CIDADE: UM PALCO DE MEMÓRIAS	16
1.1. Goiânia e Vila Nova: espaços que se entrelaçam	16
1.2. O outrora da cidade	36
2. O NOVO ESPAÇO E AS RECONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS	51
2.1. Os migrantes formam Vila Nova	51
2.2. Lembrando a legalização do espaço	62
2.3. Lembrando os vizinhos	79
2.4. Lembrando os anos 60	85
3. OS LUGARES DE MEMÓRIA DA VILA NOVA	98
3.1. A Praça Boaventura	99
3.2. O Mercado Popular.....	105
3.3. A Igreja do Sagrado Coração de Jesus.....	110
3.4. A Feira Livre.....	116
3.5. O Parque Botafogo	119
3.6. A Liga dos Amigos	125
3.7. O Instituto de Educação	130
3.8. A Escola Superior de Educação Física	135
3.9. O Vila Nova Futebol Clube	138
CONSIDERAÇÕES FINAIS	143
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	146

INTRODUÇÃO

O Bairro da Vila Nova surgiu como uma ocupação ilegal nos primeiros anos da construção da nova capital do Estado de Goiás, Goiânia, iniciada em 1933. O Bairro, que se encontra situado a oito quilômetros da Praça Cívica, é um dos mais antigos da capital. Seus primeiros ocupantes foram, fundamentalmente, os trabalhadores da construção civil e suas famílias, originários de diferentes partes do País, que então chegavam à Goiânia em busca de oportunidades de trabalho.

Várias décadas se passaram desde o surgimento da Vila Nova e, hoje, o Bairro não apenas foi plenamente legalizado, mas também incorporado à região central da capital. Muitos dos moradores que se instalaram no local no decorrer das décadas de 30, 40 e 50 permaneceram residindo no Bairro. Eles compõem uma população de idosos, cujas lembranças trabalhei no decorrer da pesquisa.

Meu interesse pela memória desses moradores remonta ao período em que cursava minha graduação em História na Universidade Católica de Goiás. Nessa época, passei a conhecer um pouco sobre o Bairro através das histórias que me eram contadas por uma antiga moradora da Vila Nova que então freqüentava minha casa como amiga da família e que, embora não continuasse residindo no Bairro, gostava de relembrar tais histórias ouvidas, há anos, de velhos moradores, outrora seus vizinhos.

Foi nessa ocasião que resolvi investigar o que me era narrado, passando a pesquisar a ocupação da Vila Nova e as memórias de vida e luta de seus antigos moradores. A temática em questão me parecia instigante, já que um trabalho de pesquisa junto aos moradores do Bairro me permitiria conhecer outras versões sobre o passado de Goiânia, que levassem em conta a experiência cotidiana e o imaginário de pessoas comuns que vivenciaram o surgimento da cidade.

Considerarei também que a realização de um trabalho que, de alguma maneira, pudesse utilizar alguns dos procedimentos metodológicos da História Oral, com a

qual entrara em contato a pouco tempo, poderia se constituir numa oportunidade de conhecer esse moradores, pessoas comuns que, não obstante, também são sujeitos do conhecimento histórico. Ao trazer suas memórias sobre o Bairro, enfatizando as redes de relações sociais aí estabelecidas, os seus valores compartilhados, assim como as formas por eles inventadas para se apropriarem do espaço em que vivem, pude identificar outros aspectos históricos da cidade ainda pouco difundidos localmente.

Goiânia, cidade cuidadosamente projetada, desde o início de sua construção convivía, contraditória e simultaneamente, com formas de ocupação espontâneas, geradas pelo fazer cotidiano daqueles que se instalaram na região da Vila Nova. O fenômeno evidenciava uma contradição fundamental entre o projeto de cidade idealizado pelo governo do Estado, por urbanistas e arquitetos e aquele efetivamente construído pela população migrante de trabalhadores braçais oriunda, majoritariamente, de áreas rurais, que chegava à cidade em busca de melhores condições de vida.

É importante considerar que, ainda que alguns aspectos acima apontados sejam, há muito, objeto de estudo de diversos trabalhos que compõem a historiografia goiana, eles ainda se ressentem de abordagens que incorporem também a experiência dos moradores da capital que vivenciaram esse período histórico. Essas experiências, ao virem à tona por meio da lembrança, podem reformular a memória da cidade, mostrando que o presente pode ser muito mais que um simples elo de transição entre passado e futuro, mas um tempo repleto de significados. (BENJAMIN, 1987, p. 231)

O passado da cidade, reconstruído, no presente, pelas vozes de seus moradores, torna possível uma compreensão de temporalidade distinta daquela comumente trabalhada pela historiografia, marcada por uma sucessão de momentos que se sucedem obedecendo a um movimento linear e contínuo. Essa lógica temporal não é aquela da lembrança, mais próxima de uma concepção temporal benjaminiana, em que o passado é visto como um tempo saturado de “agoras” e o presente uma temporalidade vivida na rememoração. (BENJAMIN, 1987, p. 229)

Benjamin também denuncia a empatia dos historiadores para com aqueles que despojam os grupos minoritários de sua memória e bens culturais (1987, p. 231), condenado a apropriação da memória pelos grupos sociais dominantes que constroem uma história de acordo com os seus interesses. O autor nos alerta sobre

a necessidade de uma produção historiográfica fundamentada no tempo vivido e experimentado na prática, lançando as bases para uma historiografia voltada para os grupos marcados pela invisibilidade histórica.

Dentro desse raciocínio, falarei, ao longo dessas páginas, sobre o Bairro da Vila Nova, cuja memória me propus reconstruir, utilizando-me, para isso, das lembranças dos moradores que se instalaram no Bairro entre as décadas de 30 e 50 e que aí permanecem residindo até o presente. Busquei, por meio dos seus relatos, obtidos através de entrevistas, compreender as relações existentes entre a história de vida e a história do Bairro, levando em conta a percepção desses moradores sobre o local em que vivem e o impacto que a urbanização exerce sobre eles.

Esses relatos, que formam o *corpus* oral da pesquisa, foram fundamentais para o acesso ao passado da Vila Nova, embora esse passado, evidentemente, seja sempre uma reconstrução pautada nas demandas do presente daqueles que o recordam. Fatos e acontecimentos que, de outra maneira, talvez fossem lançados, com o passar dos anos, ao esquecimento, são trazidos à tona por meio da recordação, convertendo-se em elementos significativos para a compreensão da cidade de agora.

Na medida em que o ato de lembrar envolve diferentes temporalidades, não se restringindo apenas ao passado, mas perpassando também o presente, não quis estabelecer limites precisos ao recorte temporal da pesquisa, permitindo que ela abarcasse também o momento atual. Dessa forma, embora o marco inicial seja a década de 1930, mais precisamente o ano de 1933, com o lançamento da pedra fundamental de Goiânia e o surgimento das primeiras ocupações da Vila Nova, o trabalho acabou se entendendo até os dias de hoje, com as narrativas dos moradores sobre a capital constituída em metrópole.

Para a realização da pesquisa alguns procedimentos iniciais foram adotados ainda no ano de 2004, época em que comecei meus estudos sobre o Bairro. A formação de uma rede de entrevistados, sugerida pelos próprios moradores, no decorrer das primeiras entrevistas, esteve entre as minhas principais iniciativas, nessa ocasião. Foi quando tive acesso a diferentes nomes, telefones e endereços, sugeridos pelos moradores contatados que indicavam vizinhos e antigos companheiros, considerados narradores capazes de contar suas lembranças sobre o Bairro.

Foram realizadas dezenove entrevistas, norteadas por um roteiro previamente formulado, composto por diferentes perguntas sobre o surgimento da Vila Nova, suas principais localidades, personagens, festas e atuação política de seus moradores. Apesar da presença de um roteiro semi-estruturado no decorrer das entrevistas, estas não se limitaram a segui-lo rigidamente, com os narradores expondo livremente os seus pensamentos, de acordo com o que era suscitado pela lembrança.

Dentre os entrevistados, quinze são pessoas idosas, com idades variando entre sessenta e cinco e noventa e oito anos. São homens e mulheres que chegaram ao Bairro entre as décadas de 1930 e 1950, sozinhos ou acompanhados de suas famílias. Alguns trabalharam diretamente na construção civil como pedreiros, enquanto outros atuaram em outras funções, como no caso das mulheres que vieram acompanhar seus maridos, pais ou irmãos e que não trabalharam diretamente na construção civil.

Apenas quatro moradores possuíam, por ocasião das entrevistas, menos de cinquenta anos. Eles foram escolhidos para participar da pesquisa por serem filhos de pais migrantes que chegaram à Goiânia no período da construção da capital, tendo nascido ou vivido a sua infância na Vila Nova.

As entrevistas foram realizadas em suas residências e, posteriormente, transcritas de forma fiel à fala dos narradores. Os relatos foram, então, utilizados na confecção de minha monografia apresentada no final do curso de graduação, trabalho que, no final do ano de 2005, se transformou no projeto de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília.

No decorrer do curso de mestrado, realizei a tematização das entrevistas, objetivando comparar os diferentes tópicos apontados pelos narradores. As temáticas mais freqüentes nortearam os capítulos da dissertação, e foram complementadas com outros relatos obtidos em conversações informais, visando o esclarecimento de dúvidas suscitadas durante a confecção do trabalho.

Quanto ao *corpus* escrito, pesquisado na Secretaria Municipal de Planejamento - SEPLAM, foram utilizados: o Decreto nº 574 do Código de Edificações de 1947, que apresentou a Planta Geral de Goiânia, legalizando a ocupação da Vila Nova; o Censo 2000 do IBGE; a Agenda 21 de Goiânia do ano de 2004, o Plano Integrado

de Desenvolvimento de Goiânia – PDGI 2000 e o Plano Diretor da Cidade do ano de 2007.

No decorrer da pesquisa, as particularidades do Bairro foram, pouco a pouco, sendo delineadas. Entre essas, cito a presença expressiva de ex-trabalhadores que participaram da construção da capital e que permaneceram vivendo no local; a existência de uma população de origem nordestina que acompanhou a trajetória da Vila Nova, de seu nascimento aos dias atuais; os fortes laços de convivência e amizade mantidos entre os vizinhos, que formam uma comunidade de memória dentro do Bairro.

Busquei, no decorrer desse trabalho: reconstruir a memória do Bairro por meio das lembranças de seus moradores; conhecer as identidades desses indivíduos; compreender as diferentes formas de apropriação dos lugares que compõem o Bairro; identificar os seus espaços de agregação social; compreender as relações estabelecidas entre Vila Nova e Goiânia.

O campo teórico utilizado foi delimitado no decorrer do curso, com as sugestões de leituras feitas por minha orientadora e com as leituras realizadas durante os seminários oferecidos pelo programa de pós-graduação. Entre as obras estudadas, foram fundamentais as de autores ligados às teorias de memória, que muito contribuíram para a análise e interpretação das falas dos moradores.

Entre essas, destaco o estudo pioneiro de Maurice Halbwachs sobre a memória coletiva, o conceito de lugar de memória desenvolvido por Pierre Nora e as pesquisas de Michael Pollack sobre relações entre memória e identidade e memória e esquecimento. Igualmente fundamentais foram os escritos de autores como Walter Benjamin, com suas reflexões sobre a arte de narrar, sobre a tradição e sua transmissão, o que inclui a sua concepção de experiência como legado e o trabalho de Ecléa Bosi, que destaca os vínculos estabelecidos entre memória e afetividade, memória e biografia individual.

A imensa produção historiográfica sobre Goiânia, com suas obras consagradas, e outros estudos recentes, que abordam, de diferentes formas, as distintas faces da capital contribuíram muito para a realização da dissertação. Importantes também foram estudos dos autores da geografia, tanto os nacionalmente conhecidos, como Milton Santos e Lucrecia Ferrara, como aqueles de expressão local, cujas obras primam pela análise do espaço, em especial do espaço urbano das cidades.

Os moradores que participaram diretamente da construção da Vila Nova e de Goiânia são considerados, aqui, como sujeitos atuantes, se constituindo em observadores privilegiados da trajetória de ambas as localidades, sobre as quais refletem, no presente, olhando-as em retrospectiva. Suas recordações são parte de sua história de vida, narradas, em sua velhice, com o intuito de se atribuir um sentido às experiências vividas, fundamental à reafirmação de um sentimento de coesão interna encontrado no cerne de toda construção identitária.

Esses moradores, portanto, são também narradores, encarregados de transmitir aos ouvintes suas experiências formadas ao longo dos anos em que viveram no Bairro. Essas experiências compõem aquilo a que chamamos de memória coletiva, continuamente reconstruída dentro dos pequenos grupos de sociabilidade que, ao contarem suas histórias, se encarregam da difusão e, conseqüentemente, da perpetuação de um tipo de tradição oral da qual suas narrativas fazem parte. (BENJAMIN, 1987, p.198)

Ao nos colocarmos como seus ouvintes, somos incorporados ao processo de transmissão narrativa, transformando-nos, tal como aqueles que narram, em sujeitos ativos na tarefa de reconstrução do passado. Contemplados com um certo tipo de tradição formada no seio de uma comunidade de memória específica, surgimos como destinatários de uma herança cultural que do passado se estende ao presente.

Suas lembranças, entretanto, também possuem o seu reverso, que é o esquecimento, o não dito, ou aquilo que não é narrado dentro da massa de acontecimentos que compõem a memória de Goiânia. As divergências entre as memórias desses narradores e a memória dos grupos encarregados da difusão de uma história oficial sobre a capital fez com que, eventualmente, as primeiras fossem silenciadas, sendo jogadas ao território nebuloso do esquecimento.

Esse esquecimento, entretanto, não engloba a totalidade dessas lembranças, já que os relatos dos moradores não repetem o discurso oficial sobre a cidade, mas, em muitos pontos, o contradizem. Isso significa que as memórias dos moradores, embora abertas a influências externas, têm algo de original, de próprio, estando profundamente alicerçadas no local em que foram construídas, ou seja, no próprio Bairro da Vila Nova.

É importante, ressaltar também que essa memória retira a sua substância, não apenas dos acontecimentos ocorridos no passado, mas também daquilo que ocorre

no presente. O processo de reconstrução da memória ocorre sempre no tempo do agora, o que significa que há um constante trabalho de enquadramento dessa memória, que irá moldá-la às preocupações vivenciadas pelo grupo atualmente.

Para Benjamin (1987, p. 229), a história não tem sentido quando voltada apenas para um passado morto, sem qualquer ligação com aquilo que é experimentado no presente e, por isso, o historiador, como um homem do seu tempo, como alguém que escreve a partir do momento em que vive, deve esforçar-se para revelar esse vínculo profundo existente entre o antes e o agora. Segundo o autor, o tempo da história deve ser aquele capaz de ultrapassar os limites convencionalmente estabelecidos entre o ontem e o hoje, fazendo com que passado e presente se complementem, dando significado a vida de um povo.

No primeiro capítulo será realizado um panorama atual sobre o Bairro da Vila Nova e sobre a cidade de Goiânia, constituída em metrópole regional. Logo a seguir, introduzirei um breve histórico sobre a construção da capital, que considero fundamental para compreensão do contexto original do Bairro pesquisado. A Vila Nova será, então, abordada em seus anos iniciais, por ocasião da instalação dos primeiros posseiros urbanos originários de diferentes regiões do País que migraram para a cidade em busca de oportunidades e novas frentes de trabalho.

No segundo capítulo, falarei sobre a identidade dos migrantes que ocuparam o Bairro e sobre a trajetória urbana da Vila Nova que, de periferia, torna-se centro, com a incorporação de equipamentos sociais e serviços urbanos ao seu território. As dificuldades enfrentadas pelos moradores nas décadas de 30, 40 e 50 serão abordadas em contraposição às transformações que atingiram o Bairro a partir da década de 60 e que exerceram uma grande influência sobre esses velhos moradores, modificando a sua percepção sobre o espaço em que vivem.

Por fim, no terceiro e último capítulo, reconstruirei a ligação existente entre o Bairro e os seus chamados lugares de memória, ou seja, edificações, instituições ou espaços públicos que, no decorrer do processo histórico, foram consagrados pelos moradores, ou seja, investidos de uma vontade de memória. Esses lugares, que possuem uma dimensão simbólica e icônica, agregam em torno de si uma grande quantidade de significados, surgindo como verdadeiros referenciais para a lembrança, fundamentais para a compreensão das identidades dos moradores do Bairro.

Talvez por residir numa localidade vizinha à Vila Nova, Bairro que sempre visitei, a minha motivação em trabalhá-lo se fortaleceu. Acredito que a reconstrução de sua memória pode contribuir com os estudos historiográficos sobre a capital, ampliando a compreensão sobre o papel e inserção de Goiânia nos quadros político e cultural do País.

A reconstrução desse passado por meio das lembranças, versões e representações daqueles que o experimentaram em seu cotidiano, permite que elementos diversificados sejam incorporados àqueles que animam a historiografia da cidade, construída, basicamente, em torno das fontes oficiais e de documentos escritos. Ao trazer as percepções desses moradores sobre a formação do Bairro e sobre transformações que o atingiram, ao longo dos anos, acredito poder contribuir para a construção de uma história sobre Goiânia, quem sabe, mais rica e, provavelmente, mais humana.

CAPÍTULO 1

CIDADE: UM PALCO DE MEMÓRIAS

1.1. Goiânia e Vila Nova: espaços que se entrelaçam

Os velhos moradores da Vila Nova compõem um grupo particularmente expressivo dentro da cidade de Goiânia, tendo em vista as várias décadas de sua permanência na capital. Suas memórias, ao abarcarem todo o período de formação da cidade, cujo nascimento e crescimento os moradores acompanharam de perto, se compõem de um rico repertório de lembranças, que do passado se estende ao presente (2008).

Bairro e cidade são espaços que se entrelaçam e que, por isso, não podem ser estudados separadamente. Local de moradia, de trabalho e de convivência, espaço e palco de uma grande diversidade de relações sociais, a cidade contém a experiência daqueles que a construíram. Formada a partir de condições históricas específicas, a cidade nunca permanece a mesma, estando sujeita a inúmeras modificações realizadas pelos grupos sociais que habitam o seu espaço urbano.

Certas características que diferenciam as cidades na atualidade de outros aglomerados populacionais do passado parecem resultar da diversidade de suas funções e dos costumes sociais dos grupos que aí habitam. Quando esses grupos se modificam, as cidades também se transformam, ainda que em algumas de suas localidades perceba-se uma resistência a essas transformações, o que pode ser observado na permanência de certos hábitos locais em contraposição àqueles experimentados no contexto maior das cidades. (HALBWACHS, 1990, p. 136)

As cidades, vistas como produto de uma época, de uma cultura e de um local, parecem nascer da necessidade de organizar, modificar e integrar determinados espaços de acordo com objetivos específicos. Confundindo-se com a própria ordem

social, torna-se impossível compreender a maneira pela qual elas são concebidas sem entender as sociedades que aí vivem. (CAVALCANTI, 2007)

As cidades, ao concentrarem em si um imaginário diversificado, podem ser representadas ora como espaços de liberdade, de criatividade e de rebeldia, ora como locais de imposição da ordem, da repressão e do controle. Quer sejam o lugar da comunidade ou do individualismo segregador, as cidades concentram sentidos diversos em seus espaços, atribuídos pelos diferentes sujeitos que nelas vivem e que as classificam conforme a posição ocupada em seu espaço urbano. (ARRAIS, 1999, p. 13)

As memórias dos moradores da Vila Nova sobre o Bairro e a cidade de Goiânia não se restringem aos acontecimentos vivenciados no passado, mas se estendem até o momento atual. Na medida em que a memória abarca temporalidades distintas que, de acordo com Benjamin (1987, p. 229), se encontram no momento do agora, considero fundamental trazer as percepções dos moradores da Vila Nova sobre Goiânia no presente.

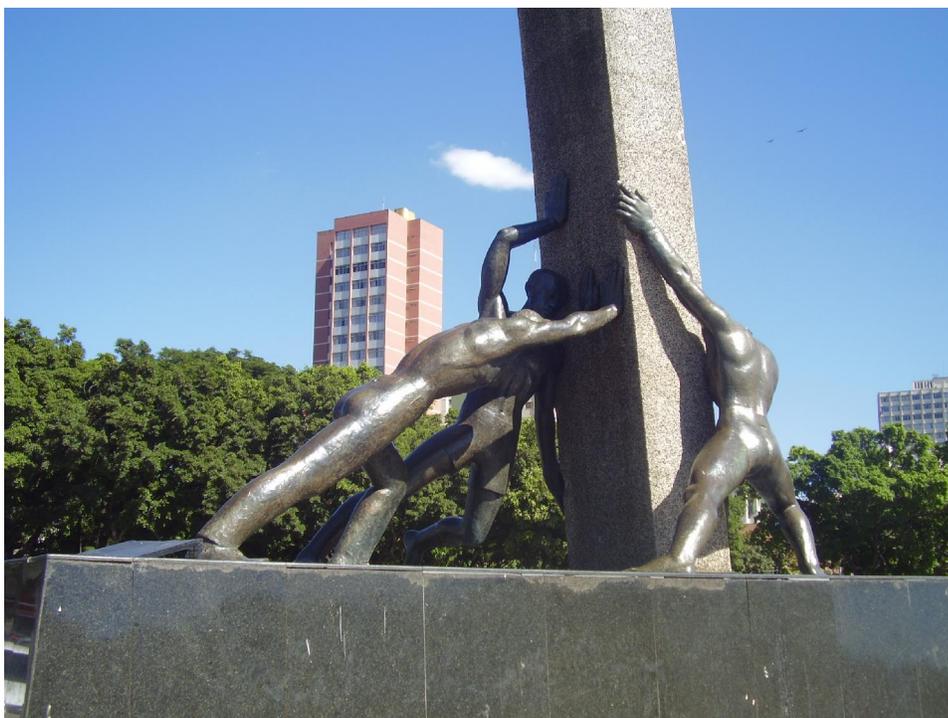
As memórias forjadas sobre Goiânia se encontram estreitamente vinculadas a certos espaços planejados e edificações formados durante a sua construção. Dentre esses espaços, destacam-se as avenidas, tais como a Anhanguera, a Araguaia, a Goiás e a Tocantins; as praças, como a Cívica e a Bandeirantes; os edifícios, como o Palácio das Esmeraldas, o Teatro Goiânia e a Catedral, bem como os monumentos, como a estátua do Bandeirante, ou até mesmo monumento em homenagem às Três Raças, construído em momento posterior a construção da cidade.

A memória coletiva da capital, portanto, parece ter seu ponto de apoio em suas estruturas físicas, já que a lembrança é evocada a partir das imagens espaciais construídas em torno de sua materialidade. Constituindo-se marcos referenciais dentro das cidades, as edificações que compõem seus diversos lugares influenciam os grupos que aí vivem, o que equivale dizer que as casas, os prédios, as igrejas e outros referenciais urbanos confundem-se com a vida dos moradores das cidades, são a parte material de sua memória. (HALBWACHS, 1999, p. 136)

Os espaços públicos que compõem as cidades parecem estar configurados conforme às necessidades e aspirações dos grupos que habitam o ambiente urbano e que detêm o controle sobre o mesmo. Essas configurações podem ser determinadas tanto no momento de concepção das cidades, como ocorreu em



Palácio das Esmeraldas
Foto: Sílvia Clímaco Mattos
Ano: 2008



Monumento das Três Raças
Foto: Sílvia Clímaco Mattos
Ano: 2008

Goiânia durante o seu planejamento e construção, como também durante o cotidiano de sua apropriação, quando então os espaços das cidades são reconfigurados visando atender as demandas materiais e simbólicas do presente.

“Quando um grupo humano vive muito tempo em um lugar adaptado a seus hábitos, não somente os seus movimentos, mas também seus pensamentos se regulam pela sucessão das imagens que lhe representam os objetos exteriores.” (HALBWACHS, 1990, p. 136).

No que diz respeito ao Bairro da Vila Nova, embora ele não tenha permanecido incólume às transformações que se processaram na cidade, algumas de suas características do passado ainda possam ser visualizadas, especialmente as que se referem à rede de sociabilidade mantida entre seus moradores. O expressivo número de pessoas, atualmente idosas, que chegou a Goiânia no período de sua construção, compartilhando lembranças formadas ao longo das décadas em que viveram no Bairro, diferenciam a Vila Nova de outras localidades da cidade, onde já não é possível observar o mesmo grau de intimidade e interação social entre os vizinhos.

Nas falas dos moradores, esse diferencial é freqüentemente reconhecido, sem que isso implique na negação das profundas transformações que ocorreram no Bairro ao longo dos anos. Comparando as relações estabelecidas na Vila Nova àquelas mantidas em pequenas cidades do interior, os velhos moradores narram as suas impressões atuais sobre o Bairro que mantém, em relação ao passado, alguns traços de permanência ou continuidade. Essa comparação é expressa da seguinte maneira no relato do Sr. José Fernandez de Queiroz:

O Bairro é como cidade do interior, tipo cidade do interior, um pessoal simples, todo mundo é amigo, todo mundo se conhece, todo mundo se ajuda. A situação do Bairro hoje... com o tempo foi trocando o pessoal, veio outro pessoal, um pessoal mais ocupado, do jeito que trabalha fora e o tempo ficou pequeno, o tempo é curto. Então que o pessoal quase não tem tempo para os outros, cada qual cuida de si, essa correria de cidade grande. A Vila Nova virou cidade e modificou o sistema. Quem ainda está aqui há muito tempo a amizade continua a mesma, mas quando é gente de fora que chega... Mas de qualquer maneira eu acho o Bairro muito bom, a população daqui foi muito constante, ficou muita gente aí, houve essa mudança aqui, mas não foi total, muita gente permaneceu, se firmou na Vila Nova e ficou. (José Fernandes de Queiroz, abril, 2004)

O reconhecimento das transformações que se processaram no Bairro e na cidade é evidente nas falas dos moradores, sendo essas modificações em grande parte responsáveis pela alteração de seus referenciais mineumônicos, que outrora se constituíam em suporte para as lembranças. Na medida em que as antigas casas e sobrados são demolidos e, em seu lugar, são construídos grandes prédios residenciais, de repartição ou estabelecimentos comerciais, quando as pequenas praças e ruas são alargadas dando lugar a amplas avenidas, ou quando os monumentos tradicionalmente consagrados são retirados e substituídos por monumentos investidos de uma nova atribuição simbólica, ocorre uma profunda transformação na percepção anteriormente formada sobre esses lugares.

As transformações que ocorreram no espaço físico de Goiânia e que se refletiram nas formas de apropriação desse espaço são lembradas da seguinte maneira por D. Doralice Gidirana Nogueira:

Esses lugares que hoje é tudo feito prédio, essas casas boas que tem aí, essas coisas, era tudo assim, terreno baldio e eles faziam campo de futebol. Meus irmãos mesmo foram dos que brincaram demais nesses lugares assim... (Doralice Gidirana Nogueira, abril, 2004)

É importante notar que a memória é em grande parte construída em torno daquilo que se transformou e que, portanto, sugere a lembrança, a recordação da identidade de ontem. São as transformações ocorridas no espaço da cidade que permitem a evocação da sua imagem do passado, já que a lembrança não seria possível se a cidade permanecesse idêntica no decorrer do tempo, pois não haveria, então, possibilidade de comparação entre a sua imagem presente e a sua imagem passada.

Goiânia, como as demais metrópoles brasileiras, é uma cidade intensamente marcada pela transformação. Concebida e projetada no ano de 1933 para abrigar uma população de 50.000 habitantes, Goiânia, atualmente, possui uma população de quase um milhão e trezentas mil pessoas, segundo as estimativas de 2007 da Secretaria Municipal do Planejamento de Goiânia – SEPLAM. Esse crescimento vertiginoso, ocorrido ao longo dos seus setenta e quatro anos de existência, ocasionou um aumento expressivo de bairros, muitos surgidos de forma não-planejada e ilegal, formando as extensas periferias situadas em suas bordas.

Além dessas concentrações urbanas periféricas, com infra-estrutura urbana precária, também podem ser observados muitos espaços vazios pela cidade, que apresenta uma densidade demográfica desigual, resultante de grandes concentrações em algumas de suas partes e de uma dispersão populacional em outras. A responsabilidade por esse quadro pode ser em grande parte atribuída à ação de especuladores urbanos, ou seja, à inserção da capital dentro da lógica do mercado imobiliário.

No que diz respeito ao crescimento da cidade e aos problemas por ele ocasionados, trago o relato de D. Doralice Gidirana Nogueira, impregnado de percepções sobre o momento atual do Bairro e da cidade em que vive:

A evolução que a gente vê é uma evolução boa, positiva e negativa. O que eu posso dizer é isso, muita benção, mas também muito perigo, muita tristeza. A gente tem medo de sair com bolsa, já tentaram tomar carteirinha minha. (...) Agora esta não é a Vila Nova, é a grande Goiânia. E por que não dizer o Brasil inteiro? Não é? (Doralice Gidirana Nogueira, abril, 2004)

Na fala de D. Doralice, é possível perceber uma narrativa semelhante a outras escutadas cotidianamente em diversas localidades de Goiânia. Em seu relato convivem, simultaneamente, uma concepção de modernidade como progresso e evolução, significando mudanças consideráveis na vida cotidiana das pessoas em decorrência da possibilidade de aquisição de bens de consumo e da facilidade de deslocamento e intercâmbio com regiões outrora distantes, e a percepção de que a modernidade também pode desencadear uma grande diversidade de problemas, entre os quais a violência urbana, e, por esse motivo, ela também apresenta características de retrocesso e involução.

Os problemas associados ao crescimento populacional das grandes cidades se tornaram mais graves, em Goiânia, a partir da década de 1960, quando os fluxos migratórios para a capital provenientes das zonas rurais, foram intensificados. A larga mecanização do campo que desarticulou as formas tradicionais de vida e trabalho no meio rural provocou a expulsão de pequenos agricultores que, sem recursos para continuar no campo, se dirigiram à cidade na tentativa de aí se estabelecerem. (GOMES in Cavalcanti, 2007, p. 33)

Tal situação desencadeou um processo de periferização da capital com a proliferação de loteamentos irregulares e clandestinos nas zonas de expansão urbana e até mesmo na zona rural do município, gerando a fragmentação do seu

território, bem como um processo de conurbação com municípios vizinhos, tendo como resultado um espaço urbano altamente segregado, com graves problemas de desemprego e violência interna. Concentrando em seu espaço atividades administrativas, comerciais, industriais e culturais, a capital é hoje classificada, de acordo com o Plano Diretor de 2007, como metrópole regional, o que significa uma grande capacidade de atração de migrantes provenientes de outras regiões do Estado e mesmo do País em busca de oportunidades de trabalho.

A realidade com que se depara a maior parte desses recém-chegados, entretanto, geralmente não lhes é favorável, já que os migrantes quase sempre se vêem privados de emprego e de moradia numa localidade sobre a qual possuem poucos conhecimentos, restando-lhes apenas a inserção em nichos pouco favorecidos da metrópole, como as favelas ou invasões sem rede de água, energia elétrica, saneamento básico e segurança. Ocupando os piores espaços urbanos da cidade, essa população pobre, seja migrante ou não, está cotidianamente às voltas com a ameaça do desemprego, recorrendo a subempregos diversos visando a sua sobrevivência na metrópole.

Nesse sentido, é fundamental compreender o êxodo rural, em grande parte responsável pelo movimento migratório em direção à capital, a partir de um imaginário que envolve as grandes cidades, tidas, na concepção do migrante, como localidades onde é possível alcançar melhores condições de vida em virtude do acesso facilitado ao trabalho, à saúde e à educação. Esse imaginário, entretanto, nem sempre é confirmado na chegada do migrante pois, o que ocorre, em realidade, é que os piores espaços de Goiânia estão destinados ao migrante pobre.

A grande capacidade de atração da metrópole Goiânia junto a uma população migrante originária do interior de Goiás e das regiões Norte e Nordeste também provocou um rápido crescimento em municípios do entorno, pois grande parte da população assentada nesses municípios tem sua vida vinculada a Goiânia, que fornece um número expressivo de postos de trabalho, serviços de assistência médica e educação pública para os moradores situados nos arredores da capital. Municípios como Aparecida de Goiânia e Senador Canedo estão entre aqueles que mais cresceram em virtude de sua proximidade com a capital do Estado.

Embora esse processo de segregação tenha se intensificado em Goiânia a partir das décadas de 1960 e 1970, ele é bastante anterior a esse período, remontando à própria construção da cidade, iniciada em 1933. Nessa ocasião, os

primeiros trabalhadores da construção civil que chegaram à nova capital se instalaram em acampamentos provisórios providenciados pelo governo do Estado ou em áreas invadidas que, posteriormente, viriam a se transformar no Bairro Vila Nova. A recordação do surgimento da Vila Nova durante a construção da nova capital é assim narrada pelo Sr. Joaquim Cardoso Sales, migrante nascido em Correntina, interior da Bahia, e morador do Bairro:

Vila Nova nasceu praticamente junto com Goiânia. Nós temos Campinas, que é mais velha, mais velha do que Goiânia, e Vila Nova, era muito pequena, (...) depois que veio Vila Coimbra, Setor Bueno, veio tudo depois de Vila Nova. Vila Nova era cidade onde o pessoal que veio trabalhar aqui, oitenta por cento dos migrantes que vieram trabalhar em Goiânia residiam todos em Vila Nova. Então aquela região nossa de Correntina, do oeste da Bahia, de uma maneira geral, ficaram quase todos em Vila Nova. (Joaquim Cardoso Sales, abril, 2004)

Desde então, as chamadas invasões, como as que ocorreram na Vila Nova, proliferaram em larga escala em Goiânia, comprometendo, em muitos pontos da capital, espaços que deveriam se constituir em áreas de preservação, como as regiões de nascentes e os fundos de vales. (AGENDA 21, 2004, p. 52) As alterações produzidas na cidade, ocasionadas pelo crescimento urbano, geraram o seu saldo de devastação ambiental, que é claramente percebido pelos seus moradores, que comparam a paisagem visualizada no presente com as suas recordações do passado.

A recordação da cidade de outrora, comparada à cidade do presente, é expressa da seguinte maneira pelo Sr. José Teodoro da Silveira, que relata transformações ocorridas no córrego Botafogo, que corta o Bairro da Vila Nova:

Aquele córrego ali quando eu vim para Goiânia a água era limpinha. Tinham bagunçado lá dentro não. Agora fizeram aquelas pistas do lado, mas aquela água ali não pode nem por na boca não, virou esgoto. Mas naquele tempo, principalmente lá para cima, a água era limpinha, porque não tinha ninguém que morava para lá. Agora Deus me livre igual esse córrego que tem para cá ó. Esse córrego aí também, água dele era limpinha, agora não presta mais. (José Teodoro da Silveira, março, 2004)

Situações como essa trouxeram a necessidade de sucessivas transformações na lei de zoneamento da capital, além da implementação de medidas visando à expulsão de posseiros urbanos, localizados em áreas consideradas de risco, para regiões ainda mais distantes do núcleo central da cidade. Tais procedimentos,

entretanto, não erradicaram os imensos problemas do espaço urbano de Goiânia, mas ampliaram, ainda mais, o seu processo de segregação. A cidade, na percepção dos seus moradores, já não é mais a mesma, pois seu intenso crescimento faz com que já não seja possível conhecê-la em sua totalidade, como é possível perceber na fala do Sr. José Teodoro da Silveira:

Você vai andar daqui, você vai até no Pedroso é cidade, atravessa córrego, córrego, andando por esse mundo afora, tudo é cidade. Você anda para lá, para o lado do Setor Pedro Ludovico, cidade. Todo lado que você vai agora a cidade tomou conta. (José Teodoro da Silveira, março, 2004)

Neste relato, é possível reconhecer uma construção de fronteira, ou limite espacial, bastante distinta daquela formulada, atualmente, nos meios urbanos. Se os rios e córregos se constituíam nas fronteiras que separavam as fazendas, pequenas vilas e antigas cidades no meio rural em Goiás, sendo utilizados pelas populações dessas localidades para demarcar os limites que separavam esses territórios, em Goiânia as vias fluviais não podem, para espanto de meu entrevistado, desempenhar a mesma função na demarcação do território urbano, pois as grandes dimensões da cidade extrapolam os obstáculos impostos pela natureza.

Frente às grandes dimensões de Goiânia, seus antigos habitantes se sentem privados de uma parte importante da sua memória, em grande medida alicerçada nos lugares que compunham a cidade no passado e que hoje se encontram completamente modificados. Quando a reafirmação de sua lembrança já não é mais possível, o passado formado em torno desses lugares vai sendo, gradualmente, esquecido e, por isso, o desaparecimento de casas e edifícios, a transformação das ruas, praças e avenidas, além de outras tantas mudanças que ocorrem no espaço físico da capital, são, muitas vezes, sentidos pelos antigos moradores como danosos à memória formada em torno desses lugares.

Quando as ruas são tomadas por um intenso fervilhar de pessoas, transformando-se no espaço do anônimo, da multidão sem rosto que desfila às pressas pela cidade, imersa numa aparência de caos e confusão, torna-se cada vez mais difícil para os moradores mais antigos se reconhecerem no espaço urbano em que vivem. Nesse cenário marcado pela transitoriedade, onde paisagens surgem para logo em seguida desaparecerem e onde uma multiplicidade de imagens sobre

a cidade são cotidianamente formadas, talvez já não seja possível a construção de uma memória urbana em alguns de seus espaços.

Como conseqüência, vemos surgir uma espécie de estranhamento nas narrativas de alguns moradores entrevistados em relação a esse espaço. Lamentando a crescente perda dos vínculos de amizade e vizinhança vivenciados no passado, eles comparam o crescente desenraizamento a que se encontram submetidos, no presente, com o sentimento de pertencimento que outrora experimentaram no Bairro, como pode ser observado no relato do Sr. Domingos Soares Santos:

Era ótimo, porque você conhecia todo mundo. Não tinha muro. Hoje você não conhece ninguém, não pode chegar tarde da noite. Antigamente você sabia quem era quem, quem que estava na sua casa. Se você precisava de um arroz, de um feijão, pedia um vizinho ao lado. Hoje você não conhece ninguém, a maior parte é estranho. E agora voltou essa onda de quitinete, de quartinho com banheiro, todo dia aparece gente nova na sua rua e você não sabe quem está no setor. Tem um certo perigo hoje. Vila Nova acabou muito, mudou muito. (Domingos Soares Santos, abril, 2004)

Goiânia tornou-se, assim, um cenário de contrastes, habitado por diferentes personagens que compõem grupos com interesses divergentes que competem entre si pelos melhores espaços urbanos, disputando equipamentos, serviços e recursos governamentais destinados à metrópole pelo poder público. Estes grupos ocupam diferentes lugares na capital e, conforme o contexto sócio-cultural em que estão inseridos, projetam representações distintas sobre a mesma.

Dessa forma, são produzidos os diferentes olhares sobre a cidade que formam as imagens que sobre ela são construídas. Sejam essas imagens positivas, sejam elas negativas, o que se pode afirmar é que são moldadas pelos sujeitos que habitam os diferentes espaços da cidade. Pesquisá-la a partir das memórias dos moradores de um dos seus bairros significa priorizar um tipo de percepção produzida num ponto específico da mesma, uma vez que não é possível conhecer todas as memórias formuladas sobre as suas diferentes partes.

De acordo com esse raciocínio, a fala do Sr. Geraldo Faria Campos nos parece especialmente ilustrativa no que se refere às contradições que perpassam o espaço urbano da Vila Nova e que se reproduzem no contexto maior de Goiânia. Embora essas contradições nem sempre sejam evidentes aos olhos dos desavisados, encobertas por outros aspectos mais visíveis que compõem o espaço urbano, isso

não significa que elas não existam, pois o Bairro, assim como a cidade, se constituem em espaços heterogêneos, abrigando uma realidade de riqueza e pobreza que, no caso da Vila Nova, só é perceptível aos olhos do observador atento.

Eu penso assim que você olha assim uma aparência e acha que não tem, que não existem problemas, não sei se hoje se evita isso de mostrar que é pobre, de mostrar que é simples, porque é um Bairro todo asfaltado, em todos os lugares ele é asfaltado. Não sei, eu hoje não teria assim condições de caracterizar. (...) E não sei se as pessoas até passam mais apuro por você olhar assim pela aparência. 'Ah, não tem muita necessidade.' É muito perto da Anhanguera, é muito perto da Independência, e tal etc, não sei como seria caracterizada hoje a Vila Nova. (Geraldo Faria Campos, abril, 2004)

A consciência de que os recursos da cidade estão desigualmente distribuídos conforme o poder aquisitivo dos grupos que nela habitam, pode ser observada nas falas dos moradores da Vila Nova, que ora reconhecem o lugar centralizado ocupado pelo Bairro dentro do espaço urbano de Goiânia, sentindo-se privilegiados em relação àqueles que habitam a periferia da cidade, e ora se ressentem quanto à ausência de certos tipos de serviços que não são encontrados na Vila Nova, mas que se encontram disponíveis em bairros mais valorizados dentro da configuração urbana da cidade.

É bastante perceptível, no espaço urbano da Vila Nova, o contraste entre habitações que compõem o Bairro, formado tanto por casas grandes e bem construídas, habitadas por indivíduos provenientes de grupos sociais de médio poder aquisitivo, quanto por casas pobres que remontam ao período das primeiras ocupações do local, onde vivem famílias de baixa renda. Essa contradição é assim comentada por D. Doralice Gidirana Nogueira que, em seu relato, também avalia a grande valorização do Bairro no mercado imobiliário de Goiânia, em comparação a outros bairros mais distantes da cidade:

(...) porque tem muitas casas boas aqui na Vila Nova, casas boas mesmo, e muito rancho, às vezes pertinho daquela casa boa. Por isso que eu pensei que ia desvalorizar demais, mas não. Eu tenho uma amiga que está com uma construção muito boa em São Judas Tadeu... parece que é São Judas Tadeu... e está querendo vender para comprar uma simpleszinha aqui e não está conseguindo. E a construção dela é muito boa, mas não está tendo condição. (Doralice Gidirana Nogueira, abril, 2004)

As queixas em relação à Vila Nova também são freqüentes nas falas de alguns moradores, igualmente motivadas pela comparação do Bairro com outras regiões da cidade. Apesar de o seu espaço urbano ter melhorado bastante nas últimas décadas, o Bairro, ainda assim, não chega a ser um bairro “nobre”, carecendo de alguns serviços específicos, como descreve a moradora, nascida no Bairro, D. Mara Sandra Parente Lemos, filha de migrantes que chegaram à Vila Nova por ocasião de sua ocupação.

Agora eu fico triste por quê? As boas escolas são só para o lado do Setor Oeste, Setor Bueno, é escola de inglês, computação, tudo de bom ficou lá. Então para cá não tem escola boa, não tem. (...) e as coisas boas são só para lá, os shoppings só para lá, aqui na Vila Nova não tem um shopping que poderia ter, o mercado mesmo podia se transformar num shopping, tem espaço, tem. (...) setores que vieram bem depois da Vila Nova estão sendo mais valorizados que a Vila Nova. (Mara Sandra Parente Lemos, abril, 2004)

As imensas contradições nas formas de ocupação do espaço urbano da metrópole, portanto, se evidenciam, entre outras formas, pelos diferentes modos de segregação, representados pelos locais de concentração de riqueza e pobreza, centro e periferia. Nesse sentido, a metrópole Goiânia não constitui uma exceção, por não ter sido, ainda, capaz de vencer o desafio de abrigar adequadamente a sua população, apresentando um quadro espacial interno bastante diferenciado quanto à distribuição e concentração de serviços e equipamentos urbanos oferecidos pelo poder público aos seus habitantes.

(...) a demarcação espacial (e social) se faz sempre no sentido de uma gradação ou hierarquia entre centro e periferia, dentro e fora... basta conferir a expressão brasileira ‘centro da cidade’, e também a conotação altamente negativa do espaço sub-urbano – suburbano. (MATTA, 1997, p. 32).

A cidade, como realização humana e coletiva, assume características e funções diversificadas de acordo com os diferentes lugares e etapas do processo histórico. O que se observa, entretanto, na atualidade, é que a cidade tem se constituído em muito mais do que um simples local onde a vida social se desenrola, tornando-se um fenômeno mundial ao comportar “um modo de vida que se generaliza progressivamente” (CAVALCANTI, 2007).



A metrópole Goiânia

Acervo: Secretaria Municipal do Planejamento

Ano: 1999

Esse modo de vida que se desenrola nas cidades tem como uma de suas características a sua crescente complexificação, responsável pela sua constante redefinição espacial, realizada no intuito de atender às demandas que, diariamente, surgem na vida de seus moradores. Esses espaços, conforme o seu uso e o público a que se destinam, são ora valorizados, ora desvalorizados, o que se reflete na fisionomia da metrópole, em constante mutação.

Todas essas transformações que, nos últimos cinquenta anos, se abateram nas cidades brasileiras, se fizeram sentir também em Goiânia, cujo quadro social é semelhante aos das demais metrópoles do País, onde a aglomeração, a velocidade e a diversidade, cotidianamente experimentadas, dificultam bastante a consolidação de uma memória unificada em torno de seus diferentes espaços. À medida que as marcas produzidas no meio material das metrópoles são criadas, apagadas e, novamente, recriadas, múltiplas memórias vão sendo formadas sobre elas, algumas bastante diferentes entre si, modeladas conforme às percepções e lugares ocupados pelos atores sociais que aí vivem.

É importante considerar, entretanto, que embora a metrópole possa ser considerada um espaço fragmentado e diversificado, habitado por uma multidão apressada e anônima, ela também produz seus próprios personagens, formados dentro da lógica de seu espaço urbano. Mendigos, ambulantes, pedestres, moto-boys, taxistas e meninos de rua que circulam diariamente pelas avenidas ruidosas e movimentadas de Goiânia são alguns desses personagens que integram a multidão que habita as metrópoles brasileiras e cujas identidades nos são desconhecidas.

As metrópoles parecem surgir como experiência sensorial da modernidade. Viver nelas, segundo Ferrara, pressupõe o reconhecimento de uma diversidade de sinais na aprendizagem de códigos marcadamente visuais usados para a sinalização das ruas, tais como as placas de trânsito, letreiros, luminosos, anúncios e outdoors, bem como a identificação dos serviços e estabelecimentos diversos com que conta o ambiente urbano, como as casas comerciais, instituições bancárias e repartições públicas. (FERRARA, 2000)

O grande apelo sensorial que caracteriza a vida na metrópole é intensificado, ainda, pelo advento da publicidade, considerada por alguns como o idioma da metrópole moderna, desempenhando um papel central na difusão de um modo de vida centrado em valores voltados para o consumo. A publicidade encontra o seu *locus* num contexto marcadamente urbano, industrial e capitalista, sendo, atualmente, em Goiânia, uma das principais responsáveis pela poluição visual observada em certas áreas da cidade e pelo entorpecimento dos sentidos dela decorrente. (FERRARA, 2000)

Esse aspecto caótico visualizado em Goiânia é agravado, ainda, pela intensa aceleração do tempo na capital, em grande parte promovida pelos meios de transporte e comunicação que permitem um aumento da velocidade de circulação dentro e fora do perímetro urbano da capital. O intenso fluxo de veículos permite um deslocamento tão rápido como nunca antes visto na história, ainda que ele ocasione uma série de problemas para as metrópoles, como poluição sonora e atmosférica, além dos grandes congestionamentos que dificultam a própria função para a qual estão destinados os veículos: a rápida circulação no ambiente da cidade.

A cidade é o lugar onde há mais mobilidade e mais encontros. A anarquia atual da cidade grande lhe assegura um maior número de deslocamentos, enquanto a geração de relações interpessoais é ainda mais intensa. O movimento é potencializado nos países subdesenvolvidos, graças à enorme gama de situações pessoais de renda, ao tamanho desmesurado das

metrópoles e ao menor coeficiente de 'racionalidade' na operação da máquina urbana. (SANTOS, 1997, p. 255)

A aceleração do tempo nas metrópoles me parece particularmente importante após uma análise do significado da categoria tempo para a constituição da memória. Construída a partir de um conjunto de lembranças sobre o passado, a memória de uma coletividade é consolidada com o transcorrer do tempo, que é demarcado pelo grupo de acordo com os acontecimentos por ele considerados significativos, tornando-se, assim, uma referência coletiva.

“O tempo e suas lembranças constroem o espaço da cidade. Esse espaço é aquele lugar, como define Milton Santos, capaz de dar ao homem sua noção de pertencer a uma cidade e que o impede de alienar-se.” (FERRARA, 2000, p. 148)

Se, nas pequenas localidades, o sujeito estava submetido a uma convivência longa e repetitiva com os mesmos objetos, instituições e imagens, de cuja construção ele participava, cuja história ele sentia pertencer como sua, nas grandes cidades ocorre o inverso disso. Nas grandes cidades, segundo Milton Santos (1997, p. 262), o movimento se sobrepõe ao repouso, os homens mudam de lugar como turistas ou como migrantes, as mercadorias, idéias e imagens circulam em grande velocidade quebrando o senso de pertencimento aos lugares com o conseqüente desenraizamento do sujeito.

A aceleração do tempo, portanto, dificulta a própria recordação ligada a acontecimentos e datas considerados importantes para a memória do grupo e para a constituição de sua identidade, pois impede que o mesmo seja empregado de forma satisfatória no processo de rememoração. É por isso que, segundo Ecléa Bosi (1994, p. 63), a evocação do passado é prerrogativa dos velhos, pois esses, menos absorvidos que o adulto pelas demandas do presente, dispõem de tempo necessário para elaborar seu vasto repertório de lembranças, assim como de um distanciamento do passado suficientemente grande para colocá-lo em perspectiva.

Considerados, em algumas sociedades, como os verdadeiros guardiões das tradições grupais e da memória coletiva, os velhos, de acordo com a autora, são aqueles que possuem o conhecimento do passado, formado a partir de suas experiências adquiridas ao longo dos anos. Detentores de uma espécie singular de obrigação social, da qual outros grupos etários não estão encarregados, os velhos

são aqueles aos quais se atribui a tarefa de lembrar, “e lembrar bem.” (BOSI, 1994, p.63)

A preocupação relacionada à lembrança e ao esquecimento é freqüente entre os moradores idosos do Bairro, que demonstram a sua satisfação em realizar a sua tarefa de rememorar o passado. A importância da recordação para esses velhos narradores é assim expressa na fala de D. Leila Braz Muniz:

(...) porque eu, na minha idade, eu lembro de muita coisa boa que aconteceu aqui na Vila Nova e às vezes eu sento assim à noite, que eu levanto muito cedo, quatro horas da madrugada eu estou de pé aqui, eu sento e fico pensando nas coisas boas que aconteceu, eu escrevo, pinto. (Leila Braz Muniz, abril , 2004)

As lembranças desses moradores estão profundamente marcadas por uma dimensão emocional ou afetiva. De acordo com Bosi (1994, p. 55), a memória, ao atuar através de um processo seletivo, retém aquilo que de alguma forma tem significado para o indivíduo ou para o grupo, sendo que tais significados costumam estar carregados de afetividade, atendendo a demandas insufladas pelo presente daquele que recorda. A emoção provocada pela recordação também se fez sentir durante realização das entrevistas, tal como pode ser observado na fala de D. Lêda de Araújo Vilela:

A gente até emociona assim de lembrar, tanta coisa linda, gostosa mesmo. Tem noite que eu fico assim sozinha... relembro... porque hoje em dia muita coisa eu esqueço, mas a minha infância pequenininha, pequenininha, é como se fosse um filme, sabe, passando assim na minha mente. Lembro, nossa senhora, de tudo, tudo, tudo, como um filme mesmo. Não esqueço de nada, nada, nada. (Lêda de Araújo Vilela, março, 2004)

A memória é o elo que une passado e presente, pois, embora esteja intimamente ligada a uma tradição fundamentada num conjunto de valores, histórias, objetos e fazeres transmitidos ao longo das gerações, ela também é um fenômeno sempre atual, que empresta sentido e dá continuidade à vida de pessoas e grupos. É por isso que aqui posso afirmar, a exemplo de Pierre Nora (1993, p. 09), que a memória é sempre viva, carregada por grupos vivos, estando em constante transformação, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento.

Para entendermos as formas de constituição da memória é importante ter em conta o fato de que, embora ela seja em grande parte coletiva, também se encontra

entrelaçada à dimensão afetiva e à biografia individual. Essa interseção entre coletivo e individual que compõe os quadros da memória pode ser facilmente percebida nas lembranças dos moradores da Vila Nova, como, por exemplo, nas que se referem a sua experiência de migração.

Embora a experiência migratória tenha sido coletivamente vivenciada por aqueles que então se dirigiam à nova capital em busca de melhores condições de vida, fugindo a uma realidade de pobreza experimentada em suas terras de origem, as suas lembranças em relação a essa terra e aos familiares que já se foram também são eminentemente pessoais, formando uma identidade que, embora seja em grande parte grupal, também possui seus conteúdos próprios, exclusivos. Nesse sentido, o relato de D. Júlia Orlando de Freitas me parece especialmente elucidativo, pois a sua experiência, ainda que coletiva, ou seja, vivenciada por grande parte dos moradores do Bairro, também contém algo que se relaciona unicamente à sua pessoa:

A gente lembra que nós viemos da Bahia, vieram meus pais, hoje já não tenho, faltam três irmãos que também vieram conosco, também já faleceram. Lá na casa nossa, lá na Bahia quando a gente vai, a gente vai lá, dá aquela saudade, dá aquela vontade de ficar, sabe. Então tem muitas coisas que a gente tem saudade, nunca esquece. A terra da gente pode ser ruim que for, mas você tem saudade. As raízes da gente são lá. (Júlia Orlando de Freitas, março, 2004)

No processo de construção e reconstrução da memória, o material fornecido pela História também é utilizado, sendo constantemente modificado ou reinterpretado pelos diferentes grupos, de acordo com suas demandas do presente. Dentre essas demandas são particularmente importantes aquelas voltadas para o fortalecimento de sua identidade, aqui entendida como a imagem que o grupo possui de si mesmo, bem como a imagem que é externada para os outros.

A formação de uma identidade envolve a existência de uma memória que é continuamente reconstruída pelo grupo de acordo com as suas necessidades de mudança e negociação de sua imagem frente a outros grupos que compõem a sociedade. Essas memórias que não são dadas, mas sim, permanentemente reformuladas, são vivenciadas de diferentes maneiras, ora como co-memoração, quando as lembranças são vistas como positivas para a identidade do grupo, ora como esquecimento, quando ameaçam a unidade e a imagem que ele possui de si mesmo. Em se tratando da memória oficial da cidade, essa construção se realiza por

meio da apreensão dos ícones do passado, dos lugares dignos de memória que autorizam a “fidedignidade da história”. (FERRARA, 2000, p. 147)

São as solenidades, as personagens, os lugares demarcados pelo acontecimento, as habitações dos ilustres, ou a arte que simboliza o tempo passado, enfim, todo o conjunto de temas dignificados pelos cartões-postais e que são recuperados com indisfarçável nostalgia e certo travo moral de um bem ou qualidade perdidos. (FERRARA, 2000, p. 147)

A consolidação de um imaginário de uma capital moderna, cuja ação civilizadora seria capaz de trazer ao Estado o progresso almejado, era considerada de suma importância para os idealizadores de Goiânia. Para isso, foram utilizados diversos elementos visando a formação de uma rede simbólica voltada para a construção de uma memória oficial sobre a cidade, o que perpassou, inclusive, a própria arquitetura dos principais edifícios públicos da capital, construídos em estilo *déco*.

A cidade planejada no início dos anos 30 e nascida no contexto autoritário do Estado Novo varguista foi influenciada, em sua concepção, pelos regimes totalitários que se afirmavam em algumas partes do mundo nesse período, compreendido entre os anos 30 e 50. As edificações de Goiânia ganharam, então, contornos lineares e geométricos, que transmitiam uma sensação de racionalidade e monumentalidade à cidade, buscando a reafirmação de uma imagem de poder que se pretendia imputar ao Estado.

O *art-déco* se constituiu, assim, na expressão e símbolo de uma modernidade fundamentada em ideais de progresso e numa ordem política em que o poder estava centralizado no Estado. Esse estilo, entretanto, já não mais possui esse significado dentro do contexto atual da cidade, não só porque as edificações construídas em *déco* permaneceram restritas ao centro original de Goiânia, mas também porque o seu impacto foi em grande parte atenuado pelas edificações circundantes, construídas em outros estilos, e pelos suportes publicitários, tais como faixas, cartazes e letreiros que, nessa região da capital, encobrem as fachadas construídas em *déco*.

Apesar do descaso atual observado em relação a esse patrimônio arquitetônico da cidade, ainda assim é importante compreender o contexto de seu surgimento, bem como as concepções dos agentes envolvidos no planejamento e edificação da capital, tais como políticos, engenheiros, jornalistas, arquitetos e urbanistas, que, a

todo custo, buscavam exaltar as características grandiosas do empreendimento em que se constituiu a construção de Goiânia. A consolidação de um discurso oficial sobre a nova capital visando à formação de um cenário local de poder implicou tanto na ênfase nos aspectos de saga e heroísmo do empreendimento, como no esquecimento de fatos históricos que pudessem se opor a esse discurso grandiloqüente forjado pelo Estado.

O silenciamento de memórias, como, por exemplo, a dos operários da construção civil de Goiânia que, de alguma maneira, podiam ameaçar a memória oficial existente sobre a cidade, foi algo que ocorreu com frequência, tendo em vista a situação de disputa de poder entre diferentes grupos pela memória da cidade. Vistas como proibidas, vergonhosas ou traumatizantes, elas foram simplesmente esquecidas pelo fato de pertencerem a grupos socialmente excluídos, ou mal vistos, ou simplesmente por estarem em franca contradição com a memória dominante sobre a construção da cidade.

Para a consolidação dessa memória oficial, mecanismos de controle e repressão foram utilizados visando à supressão, ou ao esquecimento, de lembranças divergentes que, por esse motivo, não puderam se afirmar. Ao recordar esse período da história de Goiânia, Sr. Pedro Fernandes, que trabalhou como mestre de obras na construção da capital, narra, da seguinte maneira, a relação de violência que se estabeleceu, nessa época, entre o governo do Estado e a população, visando a coerção e controle do que era expresso e difundido na capital:.

Naquela época eles matavam mesmo, qualquer coisinha você não podia falar que eles estavam te abotoando. Então era política muito banal, essas políticas de antigamente eram muito fortes. (Pedro Fernandes, abril, 2004)

Apesar das tentativas realizadas no intuito de se consolidar uma dada memória sobre a construção de Goiânia, as lembranças sobre esse período não são estáticas, mas sim continuamente reconstruídas no presente. Essa reconstrução é realizada a partir de esquemas geradores de compreensão que dão significado à realidade dos indivíduos e que são formados pelos hábitos, práticas e costumes vivenciados diariamente.

O que ocorre, entretanto, dentro do espaço de uma metrópole que recebe, cotidianamente, um expressivo contingente de migrantes é uma convivência de diferentes tradições ou memórias oriundas de distintas experiências produzidas num

espaço não compartilhado. Ao se defrontar com um espaço que não ajudou a construir, cuja história desconhece e cuja memória lhe é estranha, aquele que chega à grande cidade trazendo consigo um cabedal de lembranças e saberes moldados em função de outro meio precisa criar uma terceira via que lhe permita o entendimento do espaço em que agora se insere.

Ultrapassando um primeiro momento de espanto e atordoamento, o espírito alerta se refaz, reformulando a idéia de futuro a partir do entendimento novo da nova realidade que o cerca. O entorno vivido é lugar de uma troca, matriz de um processo intelectual. (SANTOS, 1997, p. 263)

Na cidade que se constitui em metrópole, portanto, não há como identificar uma memória coletiva que englobe todo o seu espaço. As imensas transformações sofridas por uma metrópole, como Goiânia, tornam pertinente o questionamento sobre a possibilidade de se narrarem as suas histórias, tendo em conta a diversidade de cenários que atualmente compõem a capital.

A impossibilidade de que as narrativas construídas sobre a cidade sejam homogêneas, me permite pensar na existência de diversos projetos de memórias, formados em diferentes espaços de Goiânia. Nesses espaços, certos grupos permanecem resistindo à completa massificação de suas identidades, à total incorporação à lógica que atinge outras partes da metrópole responsável pela homogeneização de suas memórias.

Nesse sentido, conhecer as lembranças dos moradores da Vila Nova sobre o Bairro e a cidade torna possível o reconhecimento de uma memória específica, formulada em uma das diversas partes que compõe a capital. Essa memória foi construída por sujeitos que compartilham um entendimento semelhante sobre o passado devido ao fato de haverem permanecido, durante décadas, vivendo na mesma localidade.

Ainda que seus relatos não encontrem lugar dentro de uma historiografia marcada por uma cronologia rígida que se utiliza, prioritariamente, dos documentos escritos, privilegiando-os no seu processo de construção, suas narrativas podem contribuir para a elucidação de aspectos pouco mencionados na memória oficial da cidade, além de permitirem a elaboração de uma história pautada no cotidiano de seus moradores. Esse cotidiano engloba um conjunto de fenômenos que não devem

ser desprezados, pois dele podem ser extraídos as práticas, fazeres e saberes que formam o material do qual a História também é composta.

1.2. O outrora da cidade

As memórias dos moradores da Vila Nova sobre a construção da cidade e a formação do Bairro são narradas a partir do contexto em que os mesmos se inserem, da posição por eles ocupada dentro do espaço urbano de Goiânia. Considerando que a formação da Vila Nova está intimamente relacionada à construção de Goiânia, surgindo concomitantemente a esta, torna-se necessária a inserção de um breve histórico que compõe a memória oficial sobre o nascimento da cidade, para que melhor se possa compreender o objeto de estudo que aqui me propus estudar.

Segundo a historiografia produzida sobre Goiânia, a proposta de construção de uma nova capital para o Estado, visando substituir a antiga capital Vila Boa, fundada pelo bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva, em 1727, remonta aos tempos em que Goiás era ainda uma capitania. Tal proposta, entretanto, só seria implementada na década de 1930, com a reviravolta política ocorrida em Goiás com a vitória da Aliança Liberal durante a Revolução de 30, quando Pedro Ludovico Teixeira ascendeu ao governo do Estado.

Quando, em 27 de outubro de 1930, Pinheiro Chagas entrou em Goiás à frente das forças revolucionárias mineiras que depuseram o governo que até então comandava o Estado, foi frisada nesse mesmo dia, em discurso, a necessidade de mudar a capital, assunto que voltaria à tona em 13 de julho de 1931, no Congresso dos Municípios, em Silvânia, época em que Pedro Ludovico já atuava como interventor em Goiás, nomeado por Getúlio Vargas.

Imbuído de ideais de transformação e progresso para Goiás e firme em seu propósito de destituir a oligarquia caiadista do poder, cujo maior bastião se encontrava na antiga capital, a cidade de Goiás, Pedro Ludovico levou adiante o projeto de transferência e construção de uma nova capital. O interventor, pretendendo enfraquecer o comando no Estado dessas antigas lideranças formadas em torno de relações de parentesco na antiga capital, teve de enfrentar enormes

resistências de seus opositores, que alegavam que o Estado não possuía recursos para viabilizar um empreendimento de tal porte.

Em 20 de dezembro de 1932, Pedro Ludovico Teixeira assina o Decreto-lei nº 2.737, nomeando uma comissão para escolher o local onde seria construída a nova capital de Goiás, dando início ao processo de transferência, apesar dos obstáculos levantados pela oposição anti-mudancista, que não queria a transferência da sede do governo do Estado da antiga capital para Goiânia. Para a escolha do local, alguns critérios foram observados como o clima, a topografia, a presença de água em abundância e a proximidade com a estrada de ferro, sendo que esta última era especialmente importante, tendo em vista a precariedade dos meios de transportes nesse período em Goiás.

Travou-se uma verdadeira luta entre as forças políticas que representavam o antigo e tradicional no Estado, e aquelas que se diziam representantes do novo, do moderno. Goiânia, a exemplo da capital mineira, Belo Horizonte, cidade planejada¹ e fundada em 1897, surgia como uma possibilidade de romper com as antigas estruturas coloniais, representadas em Goiás pela antiga cidade de Goiás, como o fora, em Minas Gerais, a velha capital Ouro Preto. (MANSO, 2001, p. 23)

Contando com o apoio do governo federal, Pedro Ludovico deu início ao processo de transferência, sendo a cidade de Campinas, em 1933, escolhida para sediar as obras da nova capital. Nesse mesmo período, foram desapropriadas as terras das fazendas Criméia, Vaca Brava e Botafogo, onde as obras deveriam ser iniciadas. Em 24 de outubro desse mesmo ano, ocorreu o lançamento da pedra fundamental de Goiânia.

Situada numa extensa e vasta planura, na altitude de 700 (setecentos) metros sobre o nível do mar, circundada pelos rios Meia Ponte e Anicuns e o ribeirão Cascavel, Campinas oferece todos os requisitos topográficos indispensáveis para a construção de uma linda cidade moderna. (Sabino Júnior, 1980, p. 183)

¹ A primeira capital planejada do País foi Aracajú, fundada em 1855 para abrigar a sede do governo da Província de Sergipe. A recordação de Aracajú como primeira capital planejada do Brasil, entretanto, não consta em grande parte dos trabalhos acadêmicos pesquisados, que trazem Belo Horizonte como primeira referência de planejamento urbano no País. Esse esquecimento talvez possa ser atribuído ao persistente esforço republicano visando ao apagamento das realizações anteriores a instauração da República, capazes de evocar a memória do Império.

Goiânia deveria não apenas facilitar as comunicações com o restante do País, mas também com outras regiões do Estado de forma a irradiar sua ação civilizadora no território goiano. Surgindo como parte de um projeto mais amplo de interiorização do Brasil e conquista de espaços vazios do sertão, a construção na nova capital era tida como fundamental para a concretização de um empreendimento resultante das políticas do pós-30 encabeçadas pelo presidente Getúlio Vargas: a Marcha para o Oeste.

A construção da nova capital foi a primeira iniciativa de um grande projeto governamental de âmbito nacional que objetivava uma reordenação espacial moldada a partir de indicadores racionais que viessem a atender às exigências de integração e defesa de regiões isoladas do País, da expansão capitalista e da consolidação do poder político de Vargas, o que envolvia, também, a destituição dos antigos baluartes locais de poder espalhados no interior do Brasil.

A política federal de expansão das áreas de fronteira no País, formulada no período belicoso da Segunda Guerra que teve como carro chefe o programa governamental Marcha para o Oeste, esteve especialmente voltada para a ocupação de áreas situadas na região do Brasil Central. Além da construção de Goiânia, a criação da Fundação Brasil Central e a realização da Expedição Roncador-Xingu, em 1943, estiveram entre as suas principais iniciativas.

A Expedição Roncador-Xingu, composta, principalmente, por integrantes paulistas, entre os quais os irmãos Vilas Boas, tinha por objetivo o desbravamento de áreas consideradas inóspitas situadas no sudoeste goiano e nos Vales do Rio Araguaia, Tapajós e Xingu, em grande parte ainda povoadas por nações indígenas não integradas. Envolvendo uma grande preparação de caráter logístico, a expedição foi divulgada nos meios de comunicação da época como uma espécie de saga bandeirante do século XX, estimulando o imaginário nacional sobre o sertão como área selvagem a ser conquistada. (LIMA, 2001, p. 26-27)

A formação de um Estado forte, de cunho nacionalista, implicava também na expansão de sua fronteira agrícola, visando uma produção em larga escala voltada para o abastecimento de outras regiões do Brasil. Para isso, foram criadas colônias agrícolas no centro do País, tal como a Colônia Agrícola Nacional de Goiás – CANG, fundada, em 1941, por Getúlio Vargas, próxima ao atual município de Ceres, o que tornou ainda mais necessária a construção de entrepostos urbanos capazes de

realizar o escoamento da produção local e de promover a dinamização da economia da região.

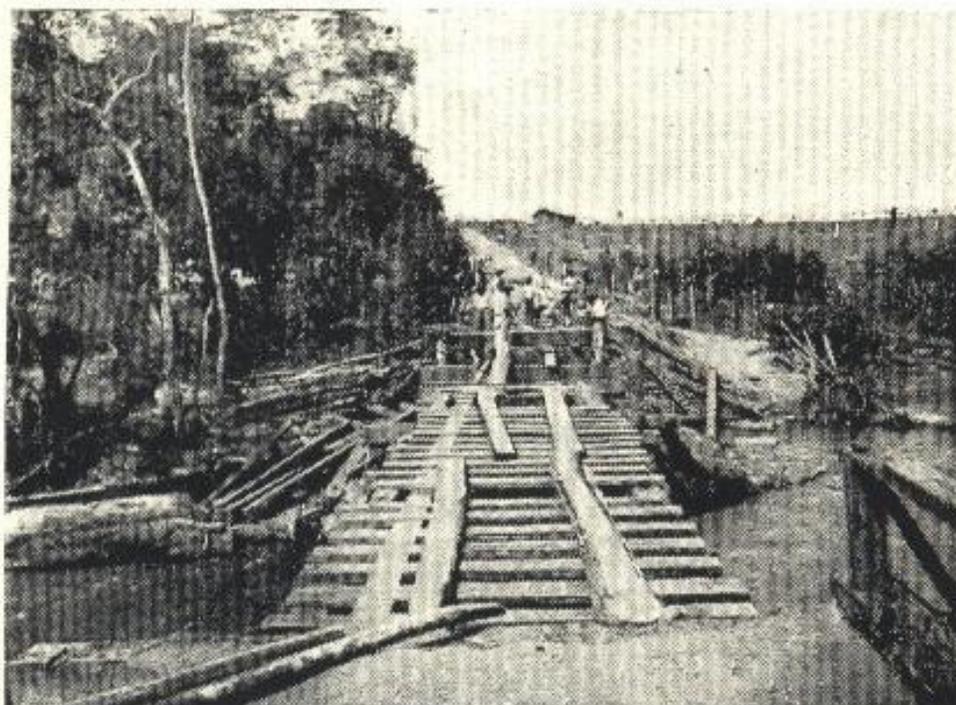
Pretendia-se trazer ao Brasil Central um modelo de cultura e civilização fundamentado em padrões adotados nos grandes centros do País, considerados, então, como mais adequados para o desenvolvimento do território brasileiro. As regiões interioranas, ou regiões de sertão, tradicionalmente concebidas como lugares de pobreza, atraso e ignorância, deveriam ser civilizadas de acordo com uma concepção urbana de progresso, pautada em valores desenvolvidos na capital federal, o Rio de Janeiro, que por sua vez se espelhava em concepções de modernidade formadas nos grandes centros urbanos da Europa.

Goiânia se constituiu, assim, no primeiro projeto de Vargas, encabeçado por Pedro Ludovico, voltado para a implementação da modernidade em Goiás e em toda a região do Brasil Central, sendo, nessa ocasião, citada em oposição à antiga cidade de Goiás, vista como autêntica representação do velho, o que era enfatizado por meio das lembranças de seu passado, marcado por uma história de escravidão, coronelismo, isolamento e atraso. Por esse motivo, o planejamento e a organização da nova capital estiveram entre as principais preocupações dos projetistas da cidade, ainda que esta tenha convivido, desde o princípio, com outras formas de ocupação realizadas por atores sociais que, alheios a essa compreensão de modernidade, construíram, conforme às suas necessidades imediatas, aquela parcela da cidade em que passaram a viver.

Goiânia, desde a sua concepção, resultou de um projeto marcado pela utopia do desenvolvimento, sendo que os representantes locais desse projeto, os chamados “mudancistas”, personificados, em especial, na figura de Pedro Ludovico Teixeira, justificavam a transferência da capital recorrendo a argumentos relativos a uma suposta precariedade das condições sanitárias, habitacionais e topográficas da antiga capital. Os idealizadores de Goiânia afirmavam ser fundamental a transferência da sede do governo para outra localidade do Estado, já que a cidade de Goiás, segundo declaravam, era um lugar sem perspectivas de crescimento econômico e urbano, onde imperava a miséria e a indolência, agravadas pelas doenças, tais como as verminoses, que assolavam a cidade além de outras partes do mundo rural no Estado.

As principais motivações, entretanto, que os incitavam a promover a transferência de poder eram, sobretudo, políticas, residindo nas disputas travadas

contra as lideranças tradicionais fortemente enraizadas na cidade de Goiás, submetida ao comando das antigas famílias de coronéis. O interventor, ao obter o comando do Estado através de nomeação do Governo Federal, não contava dentro do próprio Estado com bases de sustentação política suficientemente fortes, sendo a transferência da capital também considerada como estratégia de manutenção de poder e promoção de sua figura política em Goiás.



BÓAS ESTRADAS FAZEM O CRESCIMENTO DAS CIDADES
Em 1935, os engenheiros das obras melhoraram as estradas e pontes, facilitando a chegada de materiais às construções. Ponte inteiramente reconstruída, no Rio Meia-Ponte, perto de Goiânia.

A precariedade das estradas em Goiás
Acervo: Secretaria Municipal do Planejamento
Ano: 1935

A construção de uma capital fundamentada em novos modelos de organização do espaço urbano também significava uma rejeição às formas tradicionais das antigas cidades surgidas de forma espontânea, não planejada. Para a elaboração do plano piloto de Goiânia segundo parâmetros que pudessem viabilizar o projeto de modernidade para Goiás e que estivesse de acordo com padrões difundidos nos

grandes centros do Brasil, foi contratado, pelo governo do Estado, o arquiteto e urbanista Aflílio Corrêa Lima.

No traçado da nova cidade, os indicadores da pretendida modernidade, alardeada até mesmo entre os grupos populares que chegavam à capital, puderam ser visualizados. O relato do Sr. Claudomiro Ferreira de Freitas, morador da Vila Nova e construtor de Goiânia, entrevistado no decorrer do trabalho de pesquisa, demonstra em que medida o empreendimento em que se constituiu a construção de Goiânia foi ideologicamente absorvido pelos moradores da capital:

Só pelo traçado de Goiânia você pode perceber que existe algo político e geográfico, como coordenada em si. Porque tem a Av. Goiás que desce do palácio em direção o Norte, e tem a Anhanguera que vem na parte horizontal, vem de Leste-Oeste e representa a marcha de Bartolomeu Bueno. A Paranaíba lá em baixo representa o rio Paranaíba que separa Minas de Goiás, de forma que tem... geografia combinada com a história. (Claudomiro Ferreira de Freitas, março, 2004).

A propaganda difundida pelo governo do Estado sobre Goiânia espalhava a idéia de que a nova capital traria imensos benefícios para Goiás, que finalmente se modernizaria para se inserir, definitivamente, dentro de um modelo de civilização tido como altamente desejável para o seu progresso e desenvolvimento. Essas idéias foram assimiladas não somente pela população migrante pobre que acorria a Goiânia em busca de melhores condições de vida, mas também por outros grupos sociais, oriundos de outras partes do Estado, que se instalaram na nova capital vislumbrando o seu potencial civilizador e antevendo as inúmeras oportunidades de progresso das quais desejavam participar.

Planejamento, intervenção, racionalização e modernidade faziam parte do arcabouço conceitual propagado nos meios intelectuais do País nesse momento da história. Os princípios do planejamento urbano, surgidos no final do século XIX na Europa e utilizados como forma de disciplinar a população miserável que vivia desorganizada e precariamente nas grandes cidades, já vinham sendo difundidos no Brasil, no princípio do século XX. (SEVCENKO, 1984, p. 62)

Junto com o planejamento urbano vieram as políticas sanitaristas voltadas para a higienização e salubridade das cidades e do corpo do indivíduo, visando ao combate de endemias que assolavam os grandes centros urbanos da época. A reformulação de Paris pelo prefeito Haussmann, responsável pela abertura de

amplas avenidas e *boulevards* na capital francesa entre 1852 e 1870, inspiraria a reforma urbana promovida, posteriormente, no Rio de Janeiro durante a gestão municipal do prefeito Pereira Passos (1902-1906). (SEVCENKO, 1984, p. 61)

A capital federal, antes de sua reformulação, encontrava-se comprimida entre morros e terras pantanosas, o que dificultava enormemente a sua expansão. Suas ruas estreitas, escuras e tortuosas lembravam a origem colonial da cidade, não sendo adequadas ao trânsito de carros, que começavam a surgir, nem a uma intensa circulação de pessoas e mercadorias que caracterizam uma capital moderna. Acrescido a tudo isso, o Rio de Janeiro era assolado por constantes epidemias de varíola e febre amarela, em grande parte decorrentes de sua estrutura urbana inadequada e das precárias formas de habitação de sua população, aglomerada em cortiços sem saneamento básico. (SEVCENKO, 1984, p. 48)

Tudo isso gerou um amplo processo de reforma urbana na capital com a expulsão de mestiços, negros e imigrantes pobres do centro do Rio de Janeiro para a periferia da cidade e a transformação dos seus antigos locais de moradia, dos becos e ruelas considerados “perigosos” em espaços amplos de circulação que poderiam ser mais facilmente administrados pelo poder público e controlados pelas forças policiais da cidade. A capital, livre da temível multidão indesejada, poderia, finalmente, ser exibida às nações estrangeiras como imagem de uma nação moderna, próspera e civilizada. (SEVCENKO, 1984, p. 60)

O planejamento urbano passou a ser entendido, então, como campo de saber fundamental para a imposição de um discurso institucional e disciplinador. Modernizar o espaço urbano significava concebê-lo, minuciosamente, nas suas mais variadas características, utilizando-se, para isso, de padrões técnicos moldados a partir de um saber especializado que permitisse um controle rigoroso sobre o ambiente e, conseqüentemente, sobre aqueles que nele vivem. (BERNARDES, 1998, p. 26)

Enquanto técnica de poder, a disciplina requer uma vigilância constante dos indivíduos, o que pode inclusive envolver estratégias espaciais visando o controle daqueles que habitam a cidade. Voltadas para imposição de certas normas de comportamento, as práticas disciplinares estabelecem os lugares considerados adequados às diferentes categorias de indivíduos, distribuindo-os numa rede de relações de forma a transformá-los de multidão sem utilidade em grupos organizados e produtivos. (ARRAIS, 1999, p. 14)

De acordo com essa concepção, as cidades deveriam adquirir características de empreendimento, submetido a um projeto geral que levasse em conta não apenas as características topográficas regionais, o clima, os recursos naturais, os dados econômicos e outros fatores de relevância, mas que contivesse também algumas previsões quanto ao seu desenvolvimento e limites futuros. Todos esses fatores foram observados durante a construção de Goiânia, cujo projeto inicial adotava uma concepção de zoneamento moderna que incorporava idéias de tratamento homogêneo do espaço assentadas nos princípios básicos de urbanismo referendados pela carta de Atenas, documento síntese do chamado Urbanismo Funcionalista então em voga nesse momento da história. (BERNARDES, 1998, p. 41)

O plano de urbanização de Goiânia, concebido nos primeiros anos da década de 1930 por Atilio Corrêa Lima, foi, entretanto, sendo gradualmente modificado, a princípio pelo próprio governo do Estado. A partir do momento em que o Estado rescindiu o contrato com Atilio e contratou, em 1935, a firma dos irmãos Coimbra Bueno como responsável pela administração da construção da nova capital, iniciou-se um processo de reformulação do plano original de Goiânia sob a orientação do engenheiro Armando Augusto de Godoy, visando à adaptação do projeto às circunstâncias encontradas no local em que se iniciavam as obras da capital. (BERNARDES, 1998, p.183)

A princípio, essas adaptações significaram apenas alterações pontuais no plano original da cidade, tais como mudanças no desenho de quadras residenciais e redefinições de áreas verdes e parques. Com o passar dos anos, entretanto, o plano foi sendo progressivamente descaracterizado pelo próprio Estado em virtude das muitas dificuldades que surgiram no decorrer de sua implementação. (BERNARDES, 1998, p.184)

A suposição de que as obras da construção poderiam ser pagas com a verba obtida com a comercialização de terrenos, aliada ao surgimento de novos interesses econômicos de especuladores imobiliários, resultou num processo intenso de loteamento na capital que acabou por mutilar a proposta inicial desse plano. A partir de então, diversos atores sociais entraram em cena disputando o controle sobre o solo da cidade e utilizando-se, quando possível, da máquina estatal para consolidar seus interesses privados. (MANSO, 2001, p. 176)

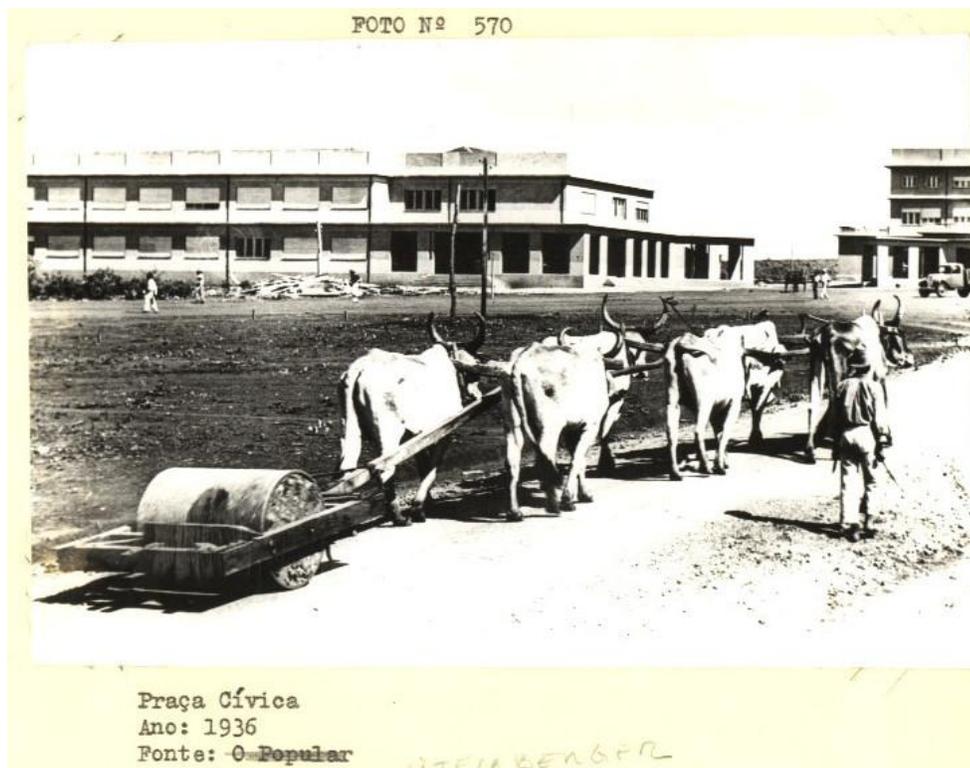
A expansão urbana realizada pela iniciativa particular e pelo Estado resultou, também, na apropriação de espaços situados em áreas periféricas, que foram transformados, com o decorrer dos anos, em loteamentos. Dentre os fatores conjunturais que contribuíram para esse acelerado crescimento da cidade, a sua localização e acessibilidade devem ser consideradas como especialmente relevantes, tendo em vista a importância atribuída à nova capital num contexto geopolítico em que a integração territorial era tida como fundamental para a consolidação de um projeto nacionalista para o País. (GONÇALVES, 2002, p. 113)

Goiás, desde o séc. XIX, tinha como principal atividade a agricultura e a pecuária, que eram desenvolvidas de forma ainda bastante rudimentar e basicamente voltadas para o abastecimento de sua própria população. A nova capital representava a possibilidade de inserir o Estado dentro de uma lógica de modernidade que tornasse possível a associação de aspectos urbanos e industriais, vistos como imprescindíveis para o progresso do País, com aspectos rurais, já que a agricultura, que era a base da economia do Estado, deveria ser mecanizada de forma a aumentar a produtividade e garantir o abastecimento das regiões Sul e Sudeste do Brasil.

A inserção de Goiás dentro de uma lógica capitalista, na qual o Estado deveria ocupar o papel de produtor de alimentos e matérias primas dentro da divisão nacional do trabalho, exigia a incorporação de novas áreas de fronteira e a criação de um entreposto urbano na região capaz de promover as mudanças necessárias para a modernização das extensas áreas rurais do Estado. A construção da capital era fundamental para que essas metas fossem atingidas, além de garantir a consolidação de uma estratégia de segurança nacional que visava à defesa de territórios pouco povoados.

A construção da cidade também representava a possibilidade de transformação nas relações de trabalho e poder nas áreas rurais situadas no interior do País, marcadas por uma ordem patriarcal e arcaica onde o poder político e econômico estava concentrado nas mãos de velhos oligarcas avessos à modernidade burguesa. A construção de Goiânia significava, portanto, a possibilidade de trazer uma nova ordem administrativa, política e econômica para o sertão, encontrando-se, por esse motivo, investida de uma dimensão imaginária de caráter utópico e civilizador.

Na prática, porém, a modernidade goiana terminou por assumir características bastante contraditórias, constituindo-se numa mistura de componentes provenientes de meios urbanos e outros herdados de um passado rural. A cidade moderna e planejada, erigida em terras situadas em áreas de fazendas, é, hoje, uma metrópole que conta com os serviços e equipamentos oriundos de um meio urbano, embora conviva, de forma especialmente marcante, com valores provenientes do meio rural.



Carro de boi utilizado na construção da Praça Cívica

Acervo: Secretaria Municipal do Planejamento

Ano: 1936

A expansão do agronegócio no Estado demonstra de que forma os recursos desenvolvidos num meio urbano podem ser incorporados à produção rural, gerando enormes lucros para os fazendeiros envolvidos em tal atividade. Rural e urbano hoje em Goiás são categorias que se interpenetram deixando suas marcas culturais tanto nas cidades modernas, como pode ser observado no gosto pela música sertaneja e pelas exposições agropecuárias em Goiânia, quanto no campo, ou zona rural, hoje largamente mecanizado e inserido dentro da lógica do capital.

Na época da construção de Goiânia, entretanto, o Estado ainda possuía uma população majoritariamente concentrada em núcleos rurais e, uma vez carecendo de mão-de-obra especializada para o trabalho nas obras, houve a necessidade de se contratarem operários oriundos de outras localidades do País. Para atrair um contingente de trabalhadores que fosse suficientemente numeroso para esse fim, o governo do Estado iniciou um processo de intensa propaganda por todo o território nacional, noticiando o surgimento de uma nova capital em meio ao cerrado.

Levas de migrantes de diversas partes do País foram atraídas para Goiânia em busca de oportunidades de trabalho na cidade que se erguia. Movidos pela promessa de que na nova capital encontrariam melhores condições de vida, trabalho, educação, esses indivíduos carregavam consigo o sonho e a esperança difundidos por um imaginário estimulado pela propaganda do governo do Estado de que em Goiânia conseguiriam as oportunidades que lhes tinham sido negadas em seus locais de origem.

Ao narrar a sua chegada à capital, o Sr. Joaquim Cardoso Sales conta os motivos que impulsionaram a sua família a abandonar a terra em que vivia para se dirigir à Goiânia:

Meus pais não tinham uma certa condição e o intuito deles, o desejo deles era de que a gente estudasse. E Correntina nessa época, Correntina antigamente, geograficamente era uma cidade totalmente deslocada, você não passava em Correntina para ir em lugar nenhum. Para você conhecer Correntina você tinha que ir à Correntina. Então famílias lá que não tinham uma certa condição financeira, os filhos cresciam, faziam o primário, só tinham o primário e não tinham condições nenhuma de estudar, na cidade só até o primário. E as pessoas que não tinham uma certa condição financeira jamais poderiam mandar um filho para fora para estudar. Então meus pais olharam mais isso aí. (Joaquim Cardoso Sales, abril, 2004)

A maioria dos migrantes que chegaram à nova capital, entretanto, não possuía recursos para morar em Campinas – município anexo a Goiânia e hoje um dos bairros da capital, para adquirir uma casa no Centro ou mesmo para se instalar no Bairro Popular, naquela época um conjunto residencial ainda em construção, planejado para abrigar os funcionários públicos do Estado. A impossibilidade real da cidade, em fase inicial de construção, de receber todos aqueles que chegavam à região, fez com que um número expressivo de pessoas ocupasse ilegalmente terras públicas pertencentes ao Estado. (BERNANRDES, 1989)

O município de Campinas, em 1920, contava com uma população de apenas 4.445 habitantes, portanto, incapaz de receber os quatro mil operários que vieram para construir Goiânia. Já em 1943, segundo estimativas, a população do município de Campinas, incluindo Goiânia, apresentava uma população em torno de 18.970 habitantes. Aumento esse obviamente creditado à construção da Capital. (BERNARDES, 1989, p. 55)

Os indivíduos recrutados em escritórios montados no Rio de Janeiro e São Paulo ou chegados a Goiânia por meio de migração espontânea eram encaminhados à Divisão de Obras Públicas, registrados e mandados ao trabalho nas obras da cidade. O Estado então se constituía no maior empregador da mão-de-obra recém-chegada, embora grande parte dos operários, por não poderem contar apenas com o salário pago pelo governo de Goiás, também se dedicassem a construção de residências de particulares. (BERNARDES, 1989)

As impressões sobre a realidade de trabalho desses migrantes aparecem, com frequência, nos relatos dos moradores do Bairro, moldados pela sua experiência como operários, ou parentes de operários, da construção civil na cidade. Relembrando os primeiros anos de Goiânia, cujas fundações iniciais ainda começavam a ser erguidas, Sr. Edson Alves Barros, morador nascido na Vila Nova, fala da rotina de trabalho de seu pai, ex-trabalhador da construção civil em Goiânia, descrevendo o surgimento de certos marcos fundadores de grande significado para a memória da capital:

Primeiro ele (O pai) trabalhava na DVOP, Divisão de Obras Públicas. Essa Divisão de Obras Públicas não tinha nome, era tudo o que era esses serviços grosseiros. (...) Mas ele era incansável, enquanto não resolvia... meu pai foi arrancar pedra lá no Senador Canedo, trazer pedra para cá, para a construção do *Lago das Rosas*, ele foi emprestado também para trabalhar no *Cine Teatro Goiânia*, fazer o Cine Teatro Goiânia... deu grandes e grandes lutas lá entre engenheiros e arquitetos, brigas homéricas para a construção do Cine Teatro, porque os engenheiros queriam colunas, os arquitetos não queriam e tal. (Edson Alves Barros, abril, 2004)

A transformação produzida no lugar onde antes só existiam árvores e capim era especialmente impactante para essas pessoas oriundas de áreas não urbanizadas que viam a capital sendo materializada numa espantosa velocidade. O orgulho de se verem como pioneiros em Goiânia, como participantes de uma “epopéia civilizadora” em região inóspita do sertão goiano, pode ser percebido em suas narrativas. A

participação na construção de edificações surgidas nesse período, atualmente consideradas como marcos referenciais para a memória de Goiânia, é descrita por vários entrevistados, como é possível observar no relato do Sr. Claudomiro Ferreira de Freitas:

Ajudei a embalar o berço de Goiânia. Não tinha quase nada, não tinha quase nada, tinha poucas casas. Em 39... De forma que a gente ajudou a embalar o berço de Goiânia, quando cheguei ela estava novinha. Aquele Cine Teatro Goiânia ajudei a construir aquele Cine Teatro Goiânia. De forma que hoje é uma relíquia aqui da cidade. Umas flores que tem lá, uns ornados, passou na minha mão, pelo menos o material. De forma que tinha um engenheiro, um pedreiro e eu, como servente. Eles entendiam da parte técnica, da parte de aperfeiçoamento, era com eles. Mas na parte grosseira de preparar o material, passou na minhas mãos. (Claudomiro Ferreira de Freitas, março, 2004)

Os vínculos de pertencimento estabelecidos entre os moradores da Vila Nova e a cidade de Goiânia são justificados em muitas narrativas pela sua efetiva participação na construção da capital cujo crescimento esses moradores acompanharam de perto. Suas concepções sobre a cidade foram criadas a partir das experiências vivenciadas em seu cotidiano, se diferenciando, em grande medida, da memória oficial da capital, moldada pelos projetos governamentais do pós-30. Se essa memória oficial esteve sempre ligada aos grandes acontecimentos e personagens consagrados, a memória dos moradores da Vila Nova engloba também a lembrança das dificuldades vivenciadas nos primeiros anos em que chegaram à Goiânia, tal como relata o Sr. Claudomiro Ferreira de Freitas:

No começo tem diferença. Tudo no começo, tudo é mais difícil que no fim. Por que no fim está tudo organizado. Mas no começo não tinha negócio de muito luxo com religião, com comércio, mesmo comércio em geral era uma frutaria aqui, outra frutaria ali... não tinha esse negócio de pegue e pague igual hoje tem, porque você não tinha nem o camarada que tivesse peito pra poder montar um pegue e pague, se tivesse ficava riquíssimo. Naquela época era tudo difícil. O mundo melhorou de pouco, de um tempo pra cá. Eu não estou te dizendo? Faltava o sal, faltava o doce. (Claudomiro Ferreira de Freitas, março, 2004)

As diferentes memórias produzidas sobre a construção da capital exemplificam o quanto as percepções sobre uma mesma localidade podem variar. Os diversos atores sociais que ocupam distintos lugares dentro do espaço da cidade, possuem, conforme as suas condições sócio-econômicas, acessos diferenciados aos seus

serviços e equipamentos urbanos, às suas instituições educacionais e de saúde, aos centros de consumo e lazer. Todos esses fatores geram muitas imagens sobre a cidade, bem como a construção de uma multiplicidade de representações sobre a mesma, algumas opostas entre si.

As memórias são formas de conhecimento da realidade que cada sociedade constrói e reelabora continuamente por meio de lutas permanentes, sendo determinadas pelos interesses daqueles grupos que as produzem ou mantêm. Ainda que esses grupos aspirem à pretensão de universalidade para as suas memórias, recorrendo, em muitos casos, à racionalidade ou à lógica para garantir a sua justificação, elas não são neutras de fato, pois atendem a propósitos bastante específicos, voltados para a concorrência e disputas de poder entre os diferentes atores sociais que compartilham o espaço da cidade.



Cine Teatro Goiânia

Acervo Secretaria Municipal do Planejamento

Ano: 1942

A cidade de Goiânia, portanto, deve ser entendida não apenas em sua materialidade, mas, também, como localidade que se compõe de sonhos, desejos, medos e sentimentos que, em seu conjunto, formam a rede simbólica que permeia o seu espaço urbano. As contradições aí evidenciadas, algumas surgidas desde o período de sua formação e que permanecem ainda influenciando na cidade, atingem, também, as memórias construídas sobre a mesma, tornando-a um lugar heterogêneo capaz de abrigar concepções de realidade e mundo profundamente divergentes entre si.

CAPÍTULO 2

O NOVO ESPAÇO E AS RECONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS

2.1. Os migrantes formam Vila Nova

Uma parcela expressiva dos migrantes que chegaram a Goiânia por ocasião de sua construção encontrou na Vila Nova o único espaço onde pôde se abrigar. Nesse local, onde, pelo plano original da cidade, não estava prevista a ocupação residencial, duas formas diferenciadas de apropriação ocorreram: uma conduzida pelo próprio Estado que, em 1933, construiu um alojamento às margens do córrego Botafogo para os operários da construção civil, e outra levada a cabo, de forma espontânea, pelos próprios migrantes, que se estabeleceram, de forma ilegal, em terras públicas, formando a primeira invasão de Goiânia.

Apesar do entusiasmo observado nos relatos dos entrevistados sobre a construção da capital, empreendimento do qual participaram ativamente, acompanhando, passo a passo, a transformação de áreas ocupadas pelas matas e pelo cerrado numa cidade que, então, se constituía numa promessa de modernidade e esperança de prosperidade, os moradores da Vila Nova também descrevem as suas impressões sobre momentos difíceis enfrentados em sua chegada ao local, quando tiveram que se contentar com formas improvisadas de habitação.

O acampamento montado pelo Estado não possuía condições adequadas de moradia, pois além de estar situado em área de risco, às margens de um córrego, era composto por apenas alguns barracos improvisados, onde não havia sistema de água, energia elétrica nem saneamento básico. Alguns dos entrevistados, principalmente os homens solteiros que chegaram à cidade sem suas famílias, se estabeleceram, nessa época, no acampamento, enquanto outros, especialmente os que vieram acompanhados de seus pais ou de suas esposas e filhos, ocuparam

ilegalmente outras localidades que viriam compor, futuramente, o Bairro da Vila Nova.

Foi nesse acampamento que viveu o Sr. Claudomiro Ferreira Freitas, quando, recém-chegado à Goiânia, no ano de 1939, empregou-se na construção civil, onde atuou como pedreiro.

Eu vim para um acampamento que foi feito para construir Goiânia, que era o Botafogo, que fica aqui na margem do córrego Botafogo. A gente veio para aquele acampamento. E daquele acampamento surgiu Vila Nova depois. (Claudomiro Ferreira de Freitas, março, 2004).

O traçado excludente da cidade evidenciava-se na segregação de seus trabalhadores, contradizendo um dos pontos fundamentais em que o discurso mudancista havia se apoiado para justificar a escolha de Goiânia e a mudança da capital: os problemas habitacional e sanitário, vistos como insolúveis na antiga capital do Estado. Referindo-se a um episódio de uma visita de Getúlio Vargas a Goiânia, Sr. Claudomiro Ferreira Freitas assim descreve a situação do acampamento em que viveu por ocasião de sua chegada à cidade, narrando um suposto desentendimento entre o presidente da República e o interventor do Estado em virtude do tratamento dispensado aos operários nesse precário alojamento às margens do córrego:

Passando dentro do Botafogo viu (Getúlio Vargas) as condições de moradia daquela turma, mandou que o Pedro Ludovico, que era o governador, interventor do Estado, aliás, pediu que loteasse uma área para tirar os operários daquelas más condições que estava lá na Vila Nova, lá no Botafogo. E aonde foi feito esse loteamento aqui. Para tirar o pessoal daquelas condições, daquele acampamento. Brigou e falou que tinha que tirar porque não podia os operários morar naquelas condições. Isso eu estou falando apoliticamente, eu estou descrevendo a realidade. Não é dizer que eu sou a favor de um contra outro, porque eu sou apolítico. Estou contando apenas a realidade. (Claudomiro Ferreira de Freitas, março, 2004).

Apesar da ênfase dada nessa fala à sensibilidade de Getúlio Vargas à miséria dos trabalhadores da construção civil de Goiânia, o lado autoritário e repressor do Estado Novo, inaugurado em 1937, também pode ser vislumbrado nos relatos de vários moradores. O regime de Vargas, que em alguns aspectos se inspirou no fascismo europeu, suprimiu as liberdades democráticas e instituiu mecanismos de

censura à imprensa, com o Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP – controlando as críticas ao sistema político vigente.

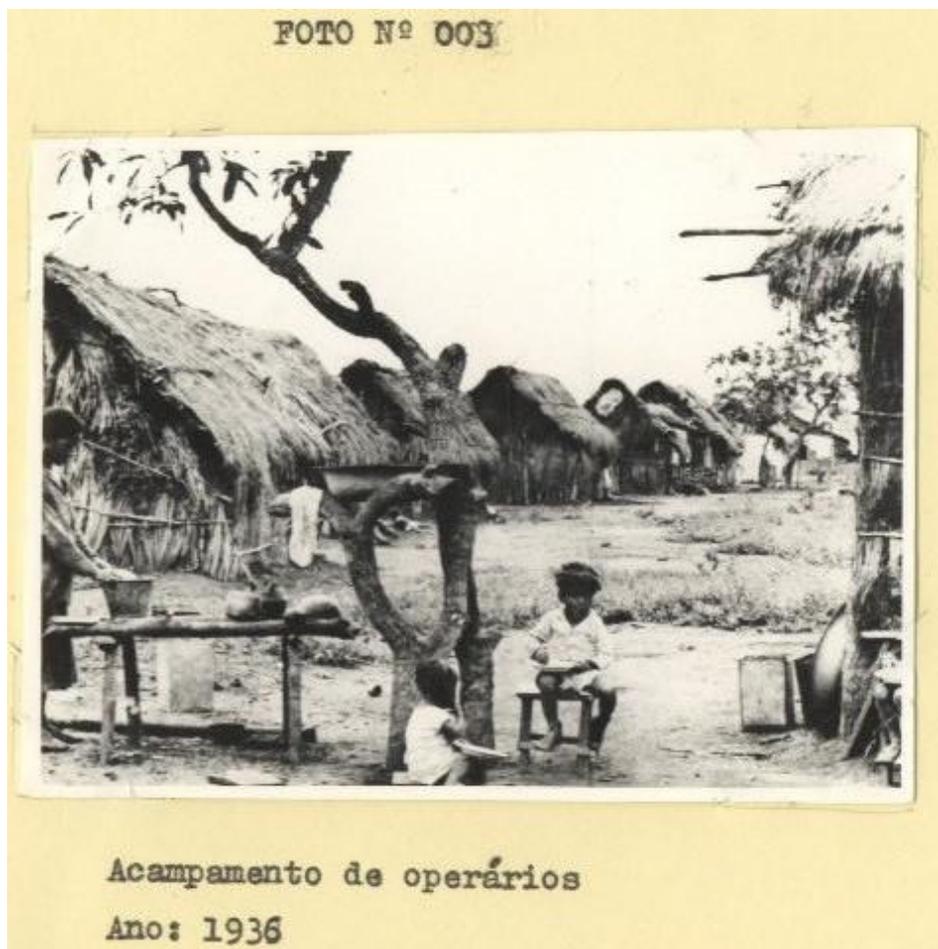
Prisões arbitrárias dos críticos ao regime, torturas e assassinatos promovidos pela polícia secreta intimidavam a manifestação de qualquer divergência ao governo instituído. Ainda que nem todos os moradores manifestem uma consciência política marcada pela crítica direta ao regime varguista e ao seu representante local, o interventor, a percepção cotidiana da atuação da polícia era claramente percebida por eles, o que justifica o silêncio, ou o posicionamento aparentemente neutro ou “apolítico” do Sr. Claudomiro Ferreira de Freitas, quando questionado sobre a atuação de seus governantes.

O movimento popular, conforme estou dizendo... no tempo da ditadura era muito rígido, não tinha liberdade de estar dando capricho não. Era trabalhar, calar a boca e pronto, não é isso? De forma que não tinha possibilidade de estar nadando de braçada. Os valores que tinha, como diz, tipo, um maluco chega e fala o que bem quer. Antigamente não tinha. (Claudomiro Ferreira de Freitas, março, 2004)

Se as más condições de higiene e a precariedade da antiga cidade de Goiás, sem rede de esgoto, água e conforto habitacional, não ofereciam condições adequadas de vida e possibilidades de progresso para a antiga capital, a mesma situação parece ter se reproduzido em Goiânia junto às ocupações operárias. Aqui, o saber médico utilizado pelos mudancistas para desqualificar a antiga cidade de Goiás para o exercício de suas funções como capital do Estado, não foi sequer mencionado.

Adicionado a isso, as despesas com as obras de Goiânia trouxeram dívidas para o governo do Estado, provocando constantes atrasos no pagamento do salário dos operários, que não eram priorizados na distribuição dos recursos com que o Estado contava para levar a cabo o empreendimento da construção da capital. Esses atrasos que, por vezes, chegavam a quatro meses, freqüentemente obrigavam o trabalhador a recorrer a agiotas, a sistemas de vales e outros recursos, o que acabava por gerar o seu endividamento. (CHAUL, 1988, p. 115)

“Vivendo uma vida de miséria cujo comentário se transforma em redundância, o operariado sobrevivia de empréstimos, vales e promessas.” (CHAUL, 1988, p.115)



Acampamento operário

Acervo: Secretaria Municipal do Planejamento

Ano: 1936

Os moradores que se instalaram na Vila Nova e que trabalharam na construção civil, descrevem as longas horas de trabalho a que estavam submetidos, nessa ocasião. Era comum a prática de horas extras durante a noite sem que isso implicasse, necessariamente, no pagamento pelos serviços adicionais que, a rigor, não eram opcionais, mas obrigatórios para aqueles que trabalhavam para o Estado, tal como relata o Sr. Claudomiro de Ferreira de Freitas:

Aqui a gente trabalhava até dez horas da noite, se quisesse trabalhar. Trabalhava, trabalhava até dez horas da noite. Muitas vezes eu trabalhei até dez horas da noite de servente de pedreiro. (Claudomiro Ferreira de Freitas, março, 2004)

A insatisfação dos trabalhadores devida a todos esses fatores, mais especialmente aos atrasos de salário, era causa de manifestações pontuais de agitação e indisciplina. Ainda que essas manifestações tenham sido abafadas, pouco constando o seu registro na documentação sobre esse período, várias greves foram realizadas durante o processo de construção da capital. (MENEZES, 2004, p. 69)

As más condições de trabalho dos operários empregados nas obras da construção de Goiânia durante o governo do interventor Pedro Ludovico Teixeira, representante de Vargas em Goiás, parecem especialmente contraditórias às propostas políticas desse período, tendo em vista o papel desempenhado pelo presidente da República na criação da Justiça do Trabalho, em 1939, e da CLT – Consolidação das Leis do Trabalho, em 1943. A Legislação Trabalhista, promulgada por Getúlio, instituíva, entre outros direitos, o salário mínimo, a carteira profissional, a jornada semanal de 44 horas, as férias remuneradas anuais, o seguro desemprego e o aviso prévio.



Habitação sendo construída em Goiânia
Acervo: Secretaria Municipal do Planejamento
Ano: 1930

Ainda assim, é importante lembrar o contexto autoritário do Estado varguista, que proibia o direito à greve e a livre organização sindical, cujos reflexos se fizeram sentir nos diversos Estados do País. Em Goiânia, a disciplina imposta aos operários empregados nas obras da capital era garantida por um aparato policial, a chamada Guarda Civil, encarregada de vigiar a produtividade nas obras, de administrar os conflitos que por ventura pudessem surgir entre os trabalhadores e, principalmente, de reprimir as suas reivindicações e protestos. A tranqüilidade e a ordem em Goiânia, segundo a fala do Sr. Claudomiro Ferreira de Freitas, reinavam “graças à eficiência da polícia.”

Antigamente a disciplina era mais rígida, não era igual hoje que o camarada acorda, sai cedo e não acontece nada. Antigamente a polícia andava fazendo correção, andando pra baixo e pra cima. Quando encontrava gente dentro do bar, já ia parar lá na chefatura. Não tinha esse negócio de ficar na segunda feira bebendo pinga no bar não. (Claudomiro Ferreira de Freitas, março, 2004)

Muitos moradores se recordam da figura do inspetor da Guarda Civil, o piauiense Zeferino Paes Landim, temido por seus métodos repressivos, que atuava nos locais da cidade considerados perigosos, como a zona de prostituição localizada na região do Botafogo, atual Setor Universitário, freqüentada por operários da construção civil. Segundo os relatos dos moradores, eram freqüentes as brigas motivadas pelo excesso de bebida e pela disputa por mulheres nessa região, o que fez com que ela se tornasse popularmente conhecida como “Botafaca”, em alusão às peixeiras usadas pelos nordestinos por ocasião desses desentendimentos. Narrando um episódio aí vivido, quando então foi abordado pelo inspetor da Guarda Civil, o Sr. Pedro Fernandes conta:

Ele era delegado aí, então todo mundo tinha medo do Paes Landim, sabe. Na época eu tinha um vizinho meu do Botafogo, chamava Dolores, ele foi na Guerra, sabe, expedicionário. Então ele gostava muito de mim, que eu jogava bola, né, menino lá, saía por perto deles lá. Aí eu vim com ele aí no puxa-faca e eu tinha dezesseis pra dezessete anos. Aí o Paes Landim chegou, falou pra ele assim: ‘Que que esse menino tá fazendo aí?’ Ele falou: ‘Ele tá comigo.’ ‘Esse menino não pode ficar aqui não, no meio da mulhezada.’ ‘Pode deixar, que ele tá comigo.’ Pronto. Aí deixou eu quieto lá. Mas era... o puxa-faca era bom, era bom, tinha umas mulheres bonitas. Dançava lá, pra dançar era bom mesmo. (Pedro Fernandes, abril, 2004)

É importante ressaltar que uma parcela significativa dos migrantes que se instalaram na Vila Nova era originária de diferentes lugares da região Nordeste do País, como Bahia, Piauí, Ceará, Maranhão e Rio Grande do Norte, ainda que os nordestinos não tenham sido os únicos a ocuparem a região, já que a presença de pessoas oriundas de Estados como Minas Gerais e do interior de Goiás também foi bastante expressiva.

Tratando-se, em sua maioria, de pessoas originárias de recônditos esquecidos do País, as razões apresentadas por esses migrantes para justificar o êxodo para Goiânia não se distinguem daquelas que motivaram milhares de outros migrantes a deixarem os seus locais de origem, especialmente o Nordeste, para se dirigirem a outras regiões do Brasil. A impossibilidade de sobrevivência no campo ocasionada pela seca, a falta de investimentos públicos voltados para a agricultura, a exploração nas relações de trabalho no campo, as disputas por terra que, freqüentemente, promovem um saldo de violência contra os agricultores mais pobres, além de outras dificuldades e imprevistos que acompanham a vida no meio rural, constituíram-se nos principais responsáveis pelo êxodo populacional no País.

O contexto histórico em que se desenvolveram tais migrações também não deve ser esquecido, especialmente se considerarmos que elas ocorreram num momento em que profundas transformações foram desencadeadas na sociedade brasileira. Durante o século XX, especialmente durante a sua segunda metade, o País se transformou de uma sociedade basicamente rural em uma sociedade urbana com uma economia industrializada e largamente inserida dentro de um mercado internacional.

O impulso migratório no País quase sempre obedeceu a fatores de ordem conjuntural, quando foram abertos novos postos de trabalho em regiões industrializadas, como aconteceu em São Paulo, por exemplo, ou por ocasião da implementação de políticas governamentais de ocupação em regiões de fronteira², como ocorreu nas décadas de 1930 e 1940 com a construção de Goiânia, nas décadas de 1950 e 1960, com Brasília e, mais recentemente, em 1980, em Rondônia, quando milhares de nordestinos para lá se dirigiram estimulados pela

² Regiões de fronteira são aqui entendidas não apenas como áreas pouco povoadas ou de ocupação escassa, mas, também, como espaços a serem integrados àquelas partes mais desenvolvidas do País.

propaganda de políticos que pretendiam promover a ocupação de regiões amazônicas.

Numa sociedade, como a brasileira, cuja estrutura social apresenta uma considerável rigidez dificultando a ascensão da população mais pobre e menos escolarizada a patamares mais altos da pirâmide social, a migração, freqüentemente, é vista por essa população como a única possibilidade de melhorar as suas condições de vida. O imaginário que envolve as migrações comumente estabelece uma equivalência entre mudança de lugar e melhoria de condição de vida, o que nem sempre é confirmado, tendo em vista o grande número de pessoas que, não obtendo sucesso, retornam às suas localidades de origem.

Os deslocamentos de população no Brasil, de tão freqüentes, parecem já fazer parte da própria memória nacional, sendo talvez possível falar de uma tradição migratória, expressa na literatura brasileira por diferentes autores. A saga de personagens, como Fabiano da obra *Vidas Secas*, escrita por Graciliano Ramos, ou Severino, do poema de João Cabral de Melo Neto, *Vida e Morte Severina*, representam o drama de milhares de nordestinos retirantes que partiram, sozinhos ou acompanhados de suas famílias, de seus locais de origem no sertão brasileiro, enfrentando o flagelo da estiagem e a opressão social, para se instalarem em outras paragens, sonhando com uma vida melhor.

Os migrantes que se instalaram na Vila Nova, nordestinos ou provenientes de outras partes do País, apresentam razões semelhantes àquelas narradas por migrantes que se dirigiram a outras partes do Brasil para justificar o seu deslocamento. As dificuldades financeiras, a falta de expectativas e a ausência de oportunidades em seus locais de origem estão entre os motivos que os impulsionaram a migrar em direção à Goiânia. O sonho de obter uma vida melhor na nova capital constituiu-se no verdadeiro estímulo para que os mesmos deixassem a terra em que nasceram partindo em direção à nova cidade, tal como narra D. Júlia Orlando de Freitas, nascida em Irecê, interior da Bahia:

Naquele tempo, em 39, foi uma seca muito grande, então os baianos saíram procurando recurso. Uns vieram para Goiânia, outros foram para São Paulo. Nós mesmos viemos para aqui porque a vida lá, a seca foi muito grande. Aí meu pai queria ir para São Paulo, mas meu irmão não queria, queria que nós viéssemos para Goiânia. Aí nós viemos para Goiânia. (Júlia Orlando de Freitas, março, 2004)

A experiência de deslocamento também é lembrada pelo Sr. Manoel Rodrigues Santana, nascido na antiga capital do Estado, a cidade de Goiás, que migrou junto com a mãe e os irmãos para Goiânia, acompanhando outras famílias que se dirigiram para a nova capital, por ocasião da mudança da sede do governo do Estado:

A gente veio aqui para Goiânia porque a família mudou para cá. Na época minha mãe, meus irmãos, todos eram... que eu não tinha pai, meu pai faleceu em 1921, aí quem cuidou de nós foi a minha mãe, ela era lavadeira, doméstica. Lavava e passava para as famílias que precisavam. Aí depois com a mudança da capital pra aqui a gente acompanhou, eu era menino, pra ver se achava condições melhores de vida. (Manoel Rodrigues Santana, abril, 2004)

No relato do Sr. Claudomiro Ferreira de Freitas, migrante oriundo de Divinópolis, Minas Gerais, é possível observar a mesma trajetória que se repetiu entre outros migrantes que se instalaram na Vila Nova. Sua fala exemplifica o drama daqueles que, sem condições de permanecer nas áreas rurais, por não possuírem a propriedade da terra em que vivem, se dirigem às grandes cidades, em busca de melhores oportunidades de trabalho.

Eu vim pra a cidade... pelo seguinte: quem tem dinheiro para comprar fazenda, comprar terra, fica na terra. Agora quem só tem os braços para viver, a gente tem que procurar um lugar aonde acha um emprego, não é isso? Uma ocupação para poder viver daquilo, não é isso? (Claudomiro Ferreira de Freitas, março, 2004)

Muitos dos migrantes que vieram a Goiânia possuíam parentes ou conhecidos já instalados na cidade, a quem recorreram por ocasião de sua chegada à capital. À medida que crescia o número de pessoas oriundas de outras partes do País, foram sendo construídas as redes de interação social voltadas para ajuda mútua e troca de experiências, especialmente entre aqueles indivíduos oriundos da mesma localidade, comumente identificados como conterrâneos. O relato, a seguir, narrado pelo Sr. Joaquim Cardoso Sales, ilustra essa situação:

Nós não estranhamos de jeito nenhum porque aquela convivência que nós tínhamos com vizinhos na Bahia nós encontramos aqui. Parecia que nós estávamos em Correntina, mesmo porque em grande parte eram pessoas da região e pessoas de uma região que tem o mesmo costume. Nós encontramos vizinhos como nós tínhamos lá. Mesmo porque a gente já tinha algum parente, conhecido, pessoas da região. (Joaquim Cardoso Sales, abril, 2004)

Esses indivíduos foram, pouco a pouco, se adaptando à vida local, estabelecendo vínculos com a nova terra, construindo amizades e parcerias, ainda que conservando certas especificidades de suas identidades formadas na terra natal. No confronto com a nova realidade eles assimilaram valores e práticas culturais da sociedade circundante, ainda que mantendo traços culturais provenientes de sua sociedade de origem, tal como descreve D. Júlia Orlando de Freitas:

É, o modo até de falar é diferente, a gente ia falar as coisas eles riam da gente, que a gente ia falar com aquele sotaque da Bahia. As comidas também eram assim diferentes, muitas coisas eram diferentes da comida da gente, aqui era diferente. Depois a gente foi se adaptando com a comida daqui. (Júlia Orlando Freitas, março, 2004)

Na Vila Nova, onde se concentrou a maior parte da comunidade nordestina em Goiânia, alguns traços identitários puderam ser observados entre os moradores entrevistados durante a pesquisa de campo. Dentre eles, destaco a freqüente evocação de lembranças envolvendo a terra de origem e as histórias narradas sobre ela, o sotaque e a terminologia utilizada em suas falas, as práticas gastronômicas mantidas no cotidiano de suas residências, a devoção a símbolos religiosos provenientes de sua terra natal, bem como a rede de amigos composta, em grande parte, por sujeitos conterrâneos, oriundos da mesma localidade.

Para Pollack (1992, p. 204), a formação de uma identidade envolve uma constante reconstrução da memória pelo grupo, de acordo com as suas necessidades de mudança e de negociação de sua imagem frente a outros grupos que compõem a sociedade. No caso dos migrantes que chegaram à Vila Nova, ainda que eles permaneçam mantendo vários traços identitários de sua cultura de origem, atualmente, eles também se encontram profundamente integrados ao local em que vivem e que hoje consideram como a “sua casa”. Desse local, foram assimilados novos hábitos, comportamentos e valores que foram agregados a suas identidades originárias, produzindo a sua conseqüente transformação.

O que costuma ocorrer com os migrantes que se inserem numa nova sociedade, compondo grupos sociais minoritários em relação a uma coletividade maior, é uma espécie de intercâmbio cultural, onde esses grupos selecionam e recriam o que lhes é transmitido pela cultura envolvente. Pertencendo a dois

mundos distintos, indivíduos que passam pela experiência de migração, ou diáspora, são chamados por autores, como Stuart Hall (2005, p. 84), de sujeitos traduzidos, ou seja, sujeitos que possuem uma identidade híbrida, diferente daquela original, ainda que guarde traços da mesma, resistindo à completa assimilação pela cultura envolvente.

Uma vez instalados na capital goiana, esses migrantes construíram uma identidade em grande parte fundamentada na sua condição de pioneiros na cidade, ou seja, de indivíduos que chegaram no início da construção da capital e, com coragem e determinação, foram capazes de superar obstáculos em meio ao “vazio” do sertão para levantar as primeiras fundações de Goiânia. Essa identidade pioneira foi em grande parte moldada por um imaginário estimulado pela propaganda do governo do Estado, que atribuía àqueles que chegavam à cidade um caráter empreendedor, visionário e idealista, no intuito de consolidar uma memória oficial sobre a construção de Goiânia.



CERCA DE 4.000 OPERARIOS SE REGISTRARAM NAS OBRAS
Varios Mestres de obras, dentre os numerosos que trabalharam, de 1934
a 1938, na construção de Goiânia.

Operários da construção civil de Goiânia (1934-1938)

Acervo: Secretaria Municipal do Planejamento

A memória não oficial das dificuldades vividas na cidade, da vigilância e da repressão sofrida pelos operários em seu cotidiano se opõe, frontalmente, àquela que busca enfatizar o empreendimento arrojado em que se constituiu a construção da capital, a grandeza de seus personagens oficiais, o heroísmo e capacidade visionária de todos aqueles que nela se instalaram, nesse período. O caráter homogeneizante dessa memória oficial se constitui no grande obstáculo para que versões discordantes sobre a construção de Goiânia venham à tona. Essas últimas acabaram sendo abafadas não apenas por não serem difundidas nos meios de comunicação, mas também porque seus próprios narradores questionam a utilidade de transmiti-las pelo fato de, geralmente, não encontrarem escuta.

Acredito que, ao trazer as memórias desses moradores, talvez seja possível contribuir para dar visibilidade a outros tipos de memórias, que abarquem as experiências, preocupações e sentimentos de pessoas comuns, que ajudaram a construir a cidade. Como Benjamin (1987, p. 225), acredito que a cultura dos vencedores deve sua perpetuação aos despojos, ou aos bens culturais tomados dos vencidos, se constituindo, por esse motivo, num verdadeiro “monumento de barbárie” que vilipendia a tradição dos grupos oprimidos.

O silenciamento dessas memórias, freqüentemente justificado por uma concepção de história perpassada por uma temporalidade vazia e homogênea, ancorada numa falsa idéia de progresso que institui uma única versão sobre os acontecimentos, se constitui num roubo de um legado deixado pelo passado às gerações presentes. E é por isso que cabe ao historiador preocupado com a perpetuação das injustiças feitas à memória desses grupos realizar a tarefa de “escovar a história a contrapelo”, ou seja, questioná-la em seu processo de construção, fixação e transmissão. (BENJAMIN, 1987, p. 225)

2.2. Lembrando a legalização do espaço

A ocupação desordenada de logradouros públicos sem qualquer preocupação com o traçado das ruas ou o saneamento e eletrificação das residências ocorreu em Goiânia desde os primórdios de sua construção. Apesar de Goiânia ter sido planejada, na prática não houve uma preocupação genuína com os grupos de baixa

renda, sejam os construtores da cidade que aqui chegaram na década de 30 e 40, sejam os migrantes da década de 2000 que continuam a se dirigir a Goiânia se instalando nos piores espaços da cidade, atraídos pelas oportunidades que imaginam encontrar na capital, hoje metrópole regional.

O planejamento urbano, tão discutido pelos projetistas da cidade, não era levado em conta no cotidiano das pessoas comuns que, confrontadas com suas necessidades cotidianas, tomavam suas decisões e atitudes no momento em que as situações lhes eram apresentadas, criando, a partir de sua realidade concreta, as soluções possíveis para os impasses que surgiam em suas vidas. Referindo-se às primeiras casas construídas nas áreas invadidas que hoje compõem o Bairro da Vila Nova, D. Lêda de Araújo Vilela relembra a experiência vivenciada por sua família, vinda de Anápolis, Goiás, por ocasião de sua chegada em Goiânia, no ano de 1943:

Aqui da 1ª Av, aqui da 227 até a 5ª Av. foi invasão, que anoitecia sem casa e amanhecia o pessoal já morando, construía. Nós mesmos construimos lá uma casa de três cômodos, um barracão de três cômodos numa noite, bem feito, alto, numa noite. Numa noite construimos, quando amanheceu o dia, mais ou menos sete e meia, oito horas, o fiscal passou, a gente já morava dentro. Era rápido, num instantinho, parecia formiguinha trabalhando, do mais velho ao pequenininho, carregando água, amassando barro, fazia aqueles buracos assim com terra fofa, amassava barro e cada um servia de servente, o pedreiro lá trabalhando a noite toda. Amanhecia já prontinha, só faltava o reboco e o acabamento. A família já estava morando dentro. (Lêda de Araújo Vilela, março, 2004)

As terras localizadas onde, atualmente, é a Vila Nova deveriam ter, segundo o plano original da cidade, outras destinações, o que incluía a possibilidade de construção de um pólo-industrial na região. Embora o Estado tenha realizado algumas tentativas de retirar os ocupantes desse local, a resistência dos moradores acabou sendo um obstáculo à atuação governamental.

Apesar da luta pela posse da terra não ser minuciosamente detalhada nos relatos dos moradores, eles, ainda assim, descrevem a atuação de lideranças populares da Vila Nova que estiveram à frente das negociações estabelecidas com o governo do Estado. Essas lideranças, além de orientarem os moradores a não ceder às pressões externas que os intimidavam a abandonar suas casas, forçando sua transferência para outras regiões da cidade, também organizavam formas de protesto capazes de pressionar o governo a desistir de seu intento de removê-los do local.

O relato a seguir, narrado pelo Sr. Claudomiro Ferreira de Freitas, descreve um episódio ocorrido no início dos anos 40, quando foi realizada uma manifestação de protesto, organizada pelo líder comunitário Boaventura Moreira de Andrade, contra a retirada dos moradores que ocupavam a região da Vila Nova:

O Boaventura reuniu a turma todinha, mulher, criança, todo mundo que quisesse ir. Encheu a Assembléia de moradores daqui de Vila Nova para protestar contra a retirada de Vila Nova daqui. Que aqui ia ser o setor de indústrias. (...) Então já era lá pela madrugada afora, as crianças tudo chorando, sabe, as mulheres levaram as crianças, as crianças chorando. O deputado protestou: 'Essas crianças ficam aí perturbando o trabalho.' Então levanta um camarada da oposição e disse: 'Essas crianças tá chorando por que tá na iminência de ficar sem os seus tetos. Tá chorando pra não ficar sem os seus tetos.' (Claudomiro Ferreira de Freitas, março, 2004)

A luta dos posseiros acabou por definir o espaço como área residencial dos migrantes pobres que chegavam até Goiânia, pois, se a princípio, esforços foram feitos no sentido de retirar os moradores das áreas invadidas, prontamente o poder público percebeu que os desgastes resultantes de uma ação de despejo seriam pouco eficazes frente à resistência da população e comprometeriam a própria imagem do interventor num momento em que o mesmo já enfrentava uma forte oposição externa de seus adversários políticos.

As memórias dos moradores sobre o período de formação do Bairro variam em alguns pontos, pois, se tentativas de expulsão promovidas pelo governo do Estado aparecem em alguns relatos, em outros é enfatizada a legalização dos loteamentos, doados pelo interventor aos ocupantes dessa região. Essas memórias divergentes parecem estar associadas não apenas à participação restrita de parte dos moradores entrevistados na luta de resistência contra remoção do local, o que poderia, talvez, justificar o esquecimento de muitos deles sobre tais acontecimentos, mas também a um persistente esforço de afirmação de uma memória oficial que, a todo custo, buscava enfatizar o papel do Estado no processo de legalização da Vila Nova.

Mesmo sabendo que a memória é sempre seletiva e que lembranças divergentes muitas vezes significam distintas inserções no espaço urbano da cidade, ou até mesmo se referem a diferentes momentos do passado, não se pode desprezar as disputas travadas pela consolidação de uma dada memória. A fala do Sr. Joaquim Cardoso de Sales sobre a doação dos lotes na Vila Nova pelo interventor, ocorrida posteriormente às tentativas de retirar a população do local,

parece demonstrar que o esforço de afirmação dessa memória oficial foi, pelo menos em parte, bem sucedido:

Os lotes foram doados na época pelo Dr. Pedro, então governador. Ele conseguiu atrair esse pessoal para vir trabalhar em Goiânia... ficaram na Vila Nova. (Joaquim Cardoso Sales, abril, 2004)

As divergências entre as lembranças parecem estar, em grande medida, relacionadas à construção da figura mítica de Pedro Ludovico Teixeira, transformado pela memória oficial num herói civilizador. A partir de uma eficiente fórmula narrativa, a sua figura é construída nos moldes de um mito, à semelhança daquele formado nos alvoreceres de uma Grécia arcaica, em que vemos surgir o personagem do herói Prometeu que, compadecido da humanidade selvagem, rouba o fogo dos deuses para que os homens pudessem conhecer a cultura e a civilização representada pelo domínio da natureza simbolizado pelo elemento ígneo.

Assim como Prometeu, o interventor do Estado foi movido por um ideal civilizador que o impulsionou a construir Goiânia, façanha heróica que livraria, definitivamente, a população do Estado de seu perpétuo estado de atraso e ignorância, trazendo a verdadeira cultura e civilização a Goiás, a despeito da ira despertada nas antigas oligarquias que viram o seu poder de comando, ou seja, a sua antiga liderança política, sendo retirado de suas mãos. Tal construção narrativa, sedimentada na memória majoritária sobre Goiânia, perpassa também as memórias dos moradores da Vila Nova, promovendo o esquecimento de certos acontecimentos envolvendo a figura do antigo interventor.

A apropriação pelo Estado da memória sobre a construção da cidade impediu que outras narrativas não oficiais se consolidassem na historiografia local, demonstrando que as disputas e conflitos entre os grupos pela imposição e consolidação de suas versões sobre o passado, envolve relações de poder e táticas de manipulação, incluindo o silenciamento de vozes discordantes. A ênfase no empreendimento em que se constituiu a construção de uma nova capital moderna e planejada para o Estado, alardeada como uma verdadeira ruptura com as estruturas tradicionais consolidadas em Goiás, acabou, de certa forma, por encobrir outras lembranças sobre período inicial da formação de Goiânia e da Vila Nova.

Dessa maneira, a memória relacionada à doação dos lotes e à legalização do Bairro costuma sobrepujar aquela, mencionada por alguns moradores, relacionada à

pressão que sofreram para desocupar as terras que habitavam. As lembranças da luta pela moradia em Goiânia, que esteve entre os principais problemas enfrentados pelos migrantes pobres na nova capital, foram sendo, gradualmente, tomadas pelo esquecimento, cedendo lugar às narrativas construídas em maior sintonia com a memória oficial da cidade.

Em seu trabalho “Memória, Esquecimento, Silêncio”, Pollack (1989, p. 04) procura analisar o porquê de algumas memórias serem escolhidas, solidificadas, dotadas de duração e estabilidade em detrimento de outras memórias que a elas se opõem e que o autor denomina de “subterrâneas”. Comumente, o que ocorre é um conflito entre grupos minoritários e a sociedade englobante, em que cada qual luta por impor distintas versões sobre o passado.

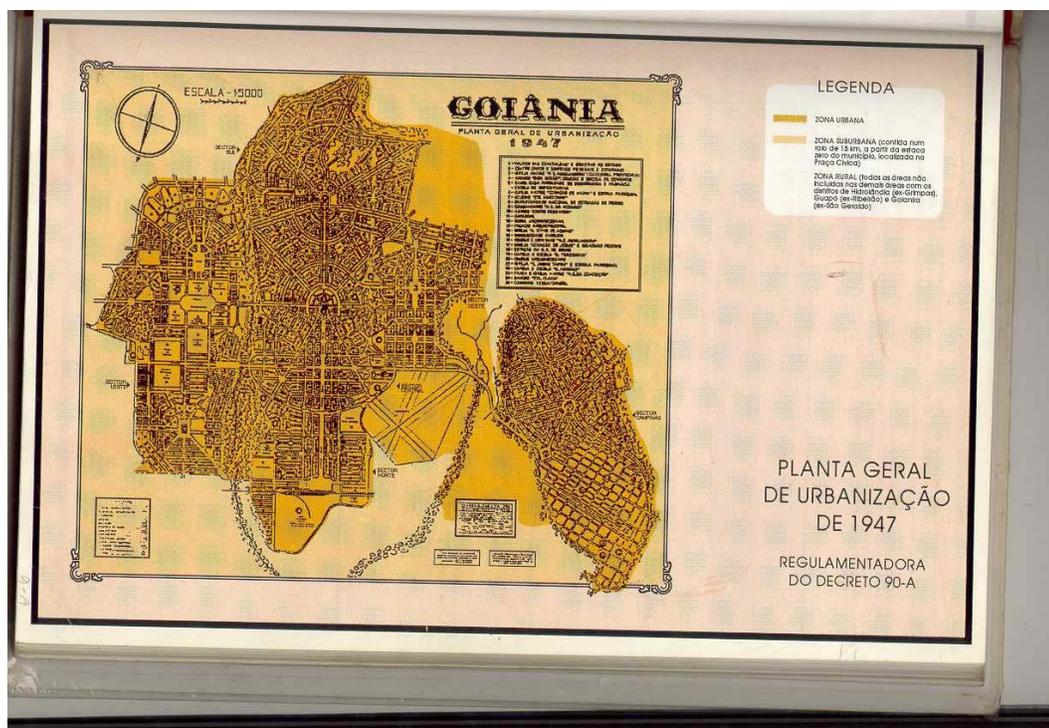
Apesar de todas as tentativas de silenciamento dessas memórias não-oficiais sobre a construção da capital, elas continuam, ainda assim, sendo transmitidas oralmente em redes de comunicação informal, esperando a oportunidade de escuta para irromperem no cenário social. Uma vez expostas ao público, essas memórias subterrâneas podem reformular profundamente a memória dominante e, com isso, provocar a reinterpretação do passado, de modo a produzir uma nova versão sobre ele.

A fala de D. Valdecy Abadia de Andrade Calassa é particularmente ilustrativa, nesse sentido, pois ela demonstra que apesar de todas as tentativas de afirmação de uma memória oficial, ela não é hegemônica. Contestando essa versão em que o personagem do interventor é elevado à condição de protagonista dentro do processo de consolidação do Bairro, D. Valdecy Abadia de Andrade Calassa narra:

(...) porque o Pedro Ludovico nessa época era interventor. Ele assim... eu não sei se é porque era a maneira de governar... não tinha esse negócio de dó dos outros não. Mandava arrancar as pessoas das casas tudo. Derrubava as casas, passava o trator em cima. E meu pai lá na frente, apedrejando para impedir, sabe. (Valdecy Abadia de Andrade Calassa, março, 2004)

Os lotes da Vila Nova ocupados de forma irregular só foram, definitivamente, legalizados no governo de Jerônimo Coimbra Bueno, em 1947, por ocasião da promulgação do Código de Edificações (Decreto Nº 574) que apresentou a Planta Geral de Goiânia, aprovando também os Setores Leste e Oeste. Os lotes foram recebidos como doações do governo do Estado pelos seus ocupantes e por outros indivíduos que pretendiam se estabelecer no local. Tal acontecimento é considerado

de grande importância pelos moradores do Bairro, especialmente se considerarmos que a ameaça de despejo constava entre os principais temores desses ocupantes, que sonhavam ver suas casas situadas em área regularizada, garantindo, assim, o direito de permanência no local.



Planta Geral de Goiânia de 1947

Acervo: Secretaria Municipal do Planejamento

Posteriormente, o Bairro também seria beneficiado pelo governo federal com o financiamento de casas populares, apelidadas pelos moradores como as 'casas de Getúlio Vargas', conseguidas graças às suas reivindicações, encabeçadas pelas lideranças populares do Bairro, junto ao governo estadual e federal. Obtidas pelos moradores através de um sistema de financiamento a longo prazo, a construção das casas populares é descrita, da seguinte maneira, por D. Lêda Araújo Vilela:

Nós moramos ali, na 229, na esquina com a 10ª, 11ª e de lá que nós viemos para essa casa aqui, que nós moramos, que essa casa foi construída na época do Getúlio Vargas. Getúlio que mandou construir essas casas. E ela era assim... era para família numerosa, quanto mais filhos mais tinha direito de possuir a casa. E era assim, era para pagar vinte cinco anos. Não tinha correção monetária, não tinha juros, não tinha nada. Inclusive aí tem um

vizinho nosso, ele terminou de pagar essa casa com poucos centavos, porque foi valorizando o dinheiro, desvalorizando aquela moeda antiga, que eu nem me lembro mais como chamava naquele tempo que passou. Então quando ele terminou, ele pagava setenta e poucos centavos. Aí se o marido morresse, a mulher tinha o direito de receber a escritura, que foi o que aconteceu na minha casa, aí minha mãe recebeu a escritura. (Lêda de Araújo Vilela, março, 2004)

Em virtude de seu significado para a memória do Bairro, as casas populares são vistas pelos moradores como patrimônio material³ da Vila Nova, sendo que muitas delas ainda permanecem inalteradas em seu aspecto arquitetônico original, resistindo às transformações ocorridas no espaço urbano do Bairro. As casas populares também se encontram profundamente ligadas à memória do presidente Getúlio Vargas, o “pai dos pobres”, cuja figura política marcou não apenas os moradores da Vila Nova, mas a população operária de várias regiões do Brasil que, ainda hoje, se recorda das transformações que ocorreram no País posteriormente à Revolução de 30, considerada como um divisor de águas para os trabalhadores brasileiros.

A temática do trabalhador, ausente na República Velha, foi trazida ao centro da esfera de discussões no Estado varguista, especialmente com a promulgação de leis voltadas para a proteção do trabalhador, as chamadas leis sociais e trabalhistas, que caracterizaram, além de outras medidas de cunho estatista e industrializante, o governo populista de Getúlio. A ideologia do trabalhismo difundida entre as massas por meio de um aparato propagandístico criava os mecanismos de persuasão simbólica que ajudaram a construir o mito em torno da figura do então presidente.

Na Vila Nova, as “casas de Getúlio” se constituíram num marco simbólico que ainda hoje reafirma a memória mítica de Vargas, consolidada por um imaginário pautado em seu compromisso político junto aos grupos sociais mais pobres do País. Aqui, mais uma vez, o que se observa é uma situação em que uma memória majoritária sobre o passado do Bairro e da cidade, cujo personagem principal é, dessa vez, o próprio presidente, se sobrepõe a outras memórias formadas sobre o mesmo acontecimento, tais como aquelas que destacam a atuação das lideranças da Vila Nova no processo de aquisição das casas para as famílias pobres do Bairro.

³ Chamo de patrimônio material aqueles objetos ou bens materiais aos quais se atribui um valor simbólico que se refere à identidade, à ação e à memória de uma coletividade.

O predomínio da figura de Vargas nos relatos dos moradores sobre a construção das casas populares não significa, entretanto, que as lembranças sobre o acontecimento sejam homogêneas, pois elas também se relacionam às experiências individuais, à história de vida desses narradores. Nesse sentido, as memórias de D. Valdecy Abadia Andrade Calassa sobre o Bairro me parecem especialmente ilustrativas, na medida em que foram formadas em consonância a sua experiência familiar, ligada, em especial, à figura do pai, o mestre de obras Boaventura Moreira de Andrade, eleito vereador em 1947. Recordando a iniciativa do pai num episódio em que se dirigiu ao Rio de Janeiro para solicitar a Getúlio Vargas a construção das casas populares para os moradores da Vila Nova, D. Valdecy Abadia Andrade Calassa, conta:

Foi nessa época que ele (Boventura Moreira de Andrade) foi atrás das casas populares. Também foi a única vez que ele foi ao Rio. Nessa época foi no Palácio do Catete. Nós já tínhamos mudado para a Vila Nova, aí meu pai foi no Rio, foi quando ele conseguiu aquelas casas, a construção daquelas casas populares que tem até chegar na Anhanguera. Você sabe que tem umas casinhas lá. Agora mudou muito, mas ainda tem muitas lá que é do mesmo jeito quando construiu. Aquilo ali foi meu pai que foi no Rio conseguir aquelas casas. E não tirou nenhuma para nós. Não. 'Pai, pelo menos uma casa para nós, que nós não temos pai.' 'Não, eu não fui no Rio para isso.' (Valdecy Abadia de Andrade Calassa, março, 2004)

Constituindo-se num acontecimento marcante para os moradores, a construção das casas populares compõe a memória da formação do Bairro não apenas por aquilo que representou no passado: o teto de famílias que, de outra forma, não teriam condições de realizar o sonho da casa própria, mas, principalmente, pelo fato de essas habitações continuarem sendo a residência da maioria dos antigos moradores entrevistados. Local em que moraram com os falecidos pais e irmãos, espaço onde se casaram e criaram os filhos, lugar onde seus cônjuges pereceram e, ainda, residência onde se tornaram avós e onde, atualmente, continuam a receber a visita dos netos, as casas populares estão investidas de um significado afetivo profundo, surgindo como palco de memórias tristes e alegres, como cenário onde diferentes gerações de uma mesma família um dia se encontraram.



Casa Popular da Vila Nova

Foto: Sílvia Clímaco Mattos

Ano: 2008

De acordo com essa perspectiva, as casas populares podem ser consideradas como lugares de memória, na medida em que permitem a chamada concentrada da lembrança. (NORA, 1993, p. 21) O valor das casas para os seus moradores ultrapassa a sua dimensão material ou financeira, revestindo-se de uma aura simbólica por se constituir num espaço onde o passado é evocado e onde as experiências do outrora são transmitidas, permitindo que uma tradição formada em outros tempos continue sendo perpetuada ao longo das gerações que permanecem aí convivendo.

As casas populares da Vila Nova nunca obtiveram valorização no mercado imobiliário da cidade, ainda que o Bairro esteja, atualmente, situado numa região considerada bem localizada dentro do espaço urbano da capital. Essas casas são habitadas, majoritariamente, por pessoas oriundas de grupos sociais de menor poder aquisitivo que ainda resistem à mudança para localidades mais distantes da cidade, os espaços urbanos longínquos destinados aos pobres. Os antigos moradores constataam, em seus relatos, a situação privilegiada em que se encontram

dentro do espaço urbano da capital, perto de um dos principais eixos viários de Goiânia, num espaço contíguo à região central da cidade, tal como narra o Sr. Geraldo Faria Campos:

Aqui ó, Rua 221, Rua 220, Rua 222, 2ª Av., 1ª Av. Eles faziam assim uma casa pequenininha, de quatro cômodos, pequenininha, você pagava trinta e seis prestações e era o dono da casa. Os lotes muito bons, doze por quarenta e oito, dá quinhentos e setenta e seis metros quadrados. Então ficou uma porção de gente simples e pobre morando pertinho da Anhanguera. (Geraldo Faria Campos, abril, 2004)

A organização do espaço arquitetônico das casas populares tem despertado o interesse de outras áreas do conhecimento, como a arquitetura, surgindo como tema de pesquisa para estudantes dessa disciplina. Ainda que a estrutura original de algumas dessas habitações tenha sido modificada com o passar dos anos pelos próprios moradores, muitas das características de seu tempo de construção foram mantidas, podendo ser observadas em várias residências, como aquelas situadas nas ruas 226 e 227.



Casa Popular da Vila Nova

Foto: Sílvia Clímaco Mattos

Ano: 2008

Na medida em que as casas se constituíram no cenário onde, entre cafezinhos e biscoitos, as entrevistas se desenrolaram, foi praticamente inevitável as referências, por parte dos moradores, às residências onde nos encontrávamos e onde eram narradas as suas memórias sobre o Bairro. Mostrando a casa em que vive desde a sua chegada a Goiânia, D. Maria Jerônima de Oliveira assim descreveu a constituição original de sua moradia, idêntica a tantas outras habitações construídas nessa parte do Bairro:

Umas vinte casas dessas... mas não era desse jeito não, era pequenininha, era daquela parede lá, de lá para cá. E tinha esses dois quartos, e tinha essa parte aqui (...) tinha uma cozinhezinha com fogão caipira (...) E depois que as meninas cresceram, cada uma delas tinha emprego, e elas mesmas foram ajudar, que aí aumentou aqui, fez essa casa assim. Agora é até grande. Tem dois quartos, uma cozinha, um banheiro (...) o banheiro era ali, daquela porta ali, um banheiro pequenininho assim, pegadinho na cozinha. Ficava meio apertado. Era só isso que era mesmo. (Maria Jerônima G. de Oliveira, abril, 2004)

A maioria das casas foi construída na parte dianteira dos lotes, ainda que distando cerca de 5 metros da rua, de forma que o espaço obtido com o recuo frontal pudesse ser aproveitado como jardim. Grande parte dos lotes onde as casas populares foram construídas tem, hoje, sua extensão quase que inteiramente tomada por outras edificações, como os barracões situados no fundo desses logradouros destinados à ocupação de familiares ou ao aluguel de terceiros. Em geral, estas construções de fundo situam-se no limite do terreno, constituindo-se o quintal como uma área comum entre as casas secundárias e a casa principal, localizada na frente.

Também é freqüente observar nas calçadas, próximos às portas das residências, pedaços de madeira ou tocos de árvores, de onde os moradores, sentados, se dedicam a observar o movimento e a conversar com os parentes e amigos. As relações de vizinhança e intimidade social mantidas nesses espaços de fronteira situados entre a rua e a casa ainda são parte do dia-a-dia do Bairro, especialmente entre as pessoas idosas que seguiram convivendo durante longos anos na Vila Nova. A lembrança dos momentos vivenciados nos finais da tarde, nas portas das casas, junto à vizinhança é narrada da seguinte maneira por D. Lêda de Araújo Vilela:

E a tarde juntava os vizinhos todos, a gente sentava nas portas, as próprias crianças brincavam na rua, de bola, ia jogar biloca, bater peteca. Os mais velhos ficavam sentados nas portas conversando. As mães olhando as crianças e ao mesmo tempo se divertindo, conversando. (Lêda de Araújo Vilela, março, 2004)

Os laços estabelecidos entre os vizinhos determinam, em grande parte, como se dão as formas de apropriação do espaço da Vila Nova, ou seja, de que maneira o seu espaço coletivo é utilizado como forma de convivência, trabalho e diversão. As festas de rua, tais como festas juninas e quermesses, as celebrações realizadas nos espaços religiosos da igreja, tais como os batizados e casamentos, ou até mesmo uma simples pelada jogada por adolescentes no campinho do Bairro estão entre as diferentes manifestações de interação social cotidianas que, em seu conjunto, constroem a memória da Vila Nova, consolidando o sentimento de pertencimento de seus moradores a esse espaço.

Ainda que tais aspectos cotidianos possam parecer, para muitos, como pouco relevantes, considero os mesmos fundamentais tanto para a reconstrução dessa memória, como para a identificação daquelas particularidades que diferenciam a Vila Nova de outros bairros da cidade. Ao ocuparem um lugar central nas lembranças dos moradores, esses aspectos não devem ser menosprezados, pois eles compõem a própria vida dessas pessoas, formando, em seu conjunto, aquilo a que podemos chamar de memória coletiva local.

As lembranças sobre a formação da Vila Nova são especialmente importantes para os seus velhos moradores que realizam, através da recordação, um trabalho de organização do passado capaz de dar um sentido ao presente, impedindo, assim, que as experiências vividas no Bairro se percam numa sucessão de temporalidades vazias, sem qualquer conexão entre si. No processo de rememoração, a lembrança escrutina o passado evocado a partir das demandas do presente, compondo uma narrativa integradora capaz de agregar até mesmo certas projeções e expectativas quanto ao futuro.

Os velhos moradores, portanto, quando rememoram os momentos vividos no Bairro, não estão, como poderíamos, talvez, supor, descansando ou contemplando o mundo como espectadores passivos. Eles estão desempenhando, de forma bastante ativa e consciente, um trabalho de organização de suas memórias. Nesse sentido, o ato de lembrar se constitui numa função social para qual os velhos estão

plenamente capacitados: “a religiosa função de unir o começo ao fim.” (BOSI, 1994, p. 82)

As transformações envolvendo o espaço físico da Vila Nova aparecem sempre nas lembranças dos velhos moradores, que refletem sobre as mudanças nas fronteiras do Bairro, que já não são mais as mesmas de outrora. Se a Vila Nova era originalmente formada por apenas algumas casas cercadas por ruas improvisadas, com o decorrer dos anos os seus limites se estenderam muito e, atualmente, se encontram situados entre os Setores Central, Universitário, Negrão de Lima, Nova Vila, Criméia Leste, Ferroviário, Vila Viana e Vila Coronel Cosme.

Vila Nova, considerada no passado como uma localidade distante, está situada a apenas oito quilômetros da Praça Cívica, núcleo original da cidade e seu principal centro administrativo. Nos relatos dos moradores são constantes as comparações entre o período de formação do Bairro, caracterizado como pequeno, pobre e localizado em meio ao cerrado, com o Bairro hoje, descrito como repleto de casas e estabelecimentos comerciais, além de completamente urbanizado.

As falas a seguir, narradas pelo Sr. Manoel Rodrigues Santana e por D. Doralice Gidirana Nogueira, demonstram de que maneira as alterações que ocorreram no espaço físico da Vila Nova, incluindo o intenso crescimento do Bairro, são percebidas pelos moradores:

E naquele tempo, a Vila Nova aqui, nesse período lá de 40, 44, 45, a Vila Nova aqui, essa parte ali da Praça Boaventura, aí para baixo assim, para cá, tudo era cerrado, tinham algumas casas, uns ranchos, estava começando mesmo a Vila, né, a Vila. Depois foi crescendo, crescendo, progrediu. (Manoel Rodrigues Santana, abril, 2004)

Agora é muito grande o Bairro de Vila Nova, é muito grande. Ele se estende para lá... até... Vila Nova vai até a Anhanguera, aquelas casas da Anhanguera, bem pertinho da linha de ônibus é Vila Nova. Agora daqui, onde eu moro aqui, até na Independência, é Vila Nova. Estendendo à esquerda até a Vila Viana... eu tenho irmão e cunhada que moram um pouco distante daqui de casa e vai até mais distante ainda e é Vila Nova, depois é que vem a Vila Viana, não é? E daqui para lá só tem o bosque, bem centralizado aqui. (Doralice Gidirana Nogueira, abril, 2004)

De acordo com os relatos dos moradores, os primeiros tempos em que viveram no Bairro foram tempos de muitas dificuldades, a começar pela ausência de infraestrutura urbana, já que a Vila Nova, em seu estágio inicial de formação, não passava de um lugarejo pobre, periferia da cidade ainda em construção. Na fala de

D. Valdecy Abadia de Andrade Calassa, fica evidente a percepção da Vila Nova como bairro periférico destinado aos migrantes de baixo poder aquisitivo, sendo, por esse motivo, comparado, em seu aspecto passado, com os bairros atuais da periferia de Goiânia, distantes do perímetro central da cidade onde se concentram os seus melhores serviços e equipamentos urbanos:

Nossa Senhora... Vila Nova... sem luz, sem asfalto, sem nada. Só tinha as casas, aquelas casinhas. Tudo assim, casa de vila. Não tinha a praça, não tinha nada, nada, nada. Vila Nova era assim... um bairro como... vamos falar assim... deixa eu ver um bairro aqui... Santa Cruz. Bairro Santa Cruz, Bairro Santa Luzia, era daquele jeito. (Valdecy Abadia de Andrade Calassa, Goiânia, 25 de março de 2004)

É curioso notar como as lembranças envolvendo as dificuldades enfrentadas com a falta de água, luz e pavimentação no Bairro se entrelaçam com aquelas relacionadas ao trabalho doméstico cotidiano de alguns de seus moradores. As mulheres parecem se recordar de forma especialmente nítida desse período, tendo em vista que as responsabilidades pelo trabalho doméstico ainda recaíam, exclusivamente, sobre a população feminina nessa ocasião.

A poeira levantada no descampado das ruas de terra era trazida pelo vento para o interior das residências, a água tinha que ser retirada do poço, a roupa dos membros da casa era lavada no córrego. Essas e outras tantas atividades cotidianas relacionadas ao cuidado com a família ocupavam a maior parte do tempo dessas mulheres, aparecendo, por esse motivo, com muito mais frequência em seus relatos do que nas lembranças narradas pelos homens, que então se encontravam envolvidos em outros tipos de trabalhos. Ao recordar o seu cotidiano de trabalho, D. Maria Jerônima de Oliveira descreve, da seguinte maneira, as dificuldades enfrentadas para obter água, no seu dia-a-dia:

Tirava água na cisterna naquele cordão de rolar cabo assim e ir enrolando. Chamava sariu, enrolando o cordão assim. Isso aqui nem conhece isso não. Eu sei que a água para mim era custosa. Para mim só, não, para todos os outros que moravam aqui. (Maria Jerônima G. de Oliveira, abril, 2004).

A memória de trabalho dessas mulheres, lutadoras incansáveis como D. Maria Jerônima, promove uma compreensão sobre a cidade revestida de um sentido íntimo, familiar, diverso daquela que destaca apenas a figura dos ilustres, dos grandes personagens, em sua quase totalidade homens, que realizaram os grandes

feitos registrados pela história. Aos 98 anos de idade, por ocasião da entrevista, a ex-dona de casa e lavadeira de Pedro Ludovico Teixeira, ao descrever a sua labuta marcada pelos afazeres domésticos e pelo cuidado com as roupas de seus fregueses, torna possível o reconhecimento de outras memórias sobre a cidade, produzidas em contextos marginalizados e, em alguns casos, marcadamente femininos.

Eu lavava a roupa dele, lavava a roupa do Dr. Pedro, aqueles terninhos elegantes, antigamente usava cento e vinte branquinho. Mas menina, era um sacrifício para mim aquilo, porque antigamente não tinha asfalto de jeito nenhum, uma poeirada só. (...) Tinha dia que era preciso pôr uma outra roupa por cima para enxugar, e também fechava o lugar que vinha mais poeira assim, qualquer coisa para poeira não vir. Mas eu lavava e passava e era bem passada, bem limpinha. (Maria Jerônima G. de Oliveira, abril, 2004)

Na primeira metade dos anos 40, como consequência da Segunda Guerra, o País enfrentava um período de desabastecimento. A crise não apenas afetou o orçamento do governo do Estado de Goiás, prejudicando o andamento das obras da capital, tocadas quase sem o auxílio financeiro do governo federal, mas também a própria população de Goiânia, cujas condições de vida já eram difíceis pelo isolamento do restante do País e pela própria falta de estrutura da cidade.

As lembranças dos moradores da Vila Nova sobre a Guerra são difusas e imprecisas, formadas, em grande parte, pelos meios de comunicação dessa época que então maximizavam a atuação do País dentro do conflito mundial. Os moradores, quando se recordam desse período, narram tanto as histórias nacionalmente divulgadas pelos rádios e jornais, como aquelas experimentadas em seu cotidiano, marcado pelas dificuldades que se abateram sobre o Bairro em virtude do racionamento e da falta de investimento do poder público em melhorias para o local. Morador da Vila Nova, Sr. Claudomiro Ferreira de Freitas, ex-servente de pedreiro e ex-combatente que nunca chegou a deixar as águas do Brasil, relata as suas impressões formadas no período da Grande Guerra.

(...) não era só o Brasil não, o mundo todo estava atrasado, não tinha meio de comunicação, era muito rudimentar, não tinha como hoje, acontece alguma coisa lá do outro lado do mundo, no momento em que se dá acaba assistindo todo o acontecido. Antigamente quase não chegava, era um rádio velho para pegar a BBC de Londres. Só podia pegar as notícias da BBC de Londres. (...) havia escassez de alimentos assim como açúcar, rapadura. Um camarada pegou uma cadeia de não sei quantos dias porque vendeu uma

rapadura por treze cruzeiros, sabe. Não tinha sal, não existia sal, não. Não existia sal por isso, porque o sal vem naquelas barcaças lá do Rio Grande do Norte para ser desembarcado para Santos, por aí, no Rio. Naquele tempo navio nosso ia para o fundo. De forma que carregava sal, ia para o fundo. Estrada de auto não tinha para dizer que viesse de caminhão, de coisa. De forma que tinha que agüentar a mão com falta de sal. (Claudomiro Ferreira de Freitas, março, 2004)

As memórias dos moradores sobre o Bairro nos anos 40 e 50 estão essencialmente relacionadas à difícil vida que levavam, já que, nessa ocasião, a Vila Nova não possuía água encanada, sistema de esgoto, energia elétrica, asfalto, transporte e outros serviços urbanos. Considerando que as condições de Goiânia, de uma maneira geral, eram ainda precárias até pelo menos o início da década de 60, situação pior haveria de se encontrar no Bairro, que concentrava uma população majoritariamente pobre de trabalhadores braçais.

O trabalho era, dessa forma, intensificado nos lares desses moradores, já que a Vila Nova não contava com as benfeitorias capazes de suavizar a lida diária que fatigava o corpo e ocupava as horas de seu descanso, já tão minguadas pelo envolvimento obrigatório com as tarefas que garantiriam o ordenado mensal, ou os trocados eventuais, usados para alimentar os filhos. Daí, talvez, a persistente recordação de seu cotidiano marcado pelo trabalho constante, voltado para a obtenção de água, que consumia boa parte de seu tempo, dificultando a limpeza das casas e a manutenção da saúde e higiene de suas famílias. A precária estrutura urbana do Bairro é descrita da seguinte maneira por D. Lêda Araújo Vilela:

Tinha poço. Assim... outra coisa que melhorou bastante era que Vila Nova era construída em cima de um formigueiro. É, aquelas formigas saúvas, elas detonavam tudo, tudo, tudo, tudo, elas faziam túnel, as vezes na fossa, que era fossa aqui, as vezes perdia poços d'água, porque elas faziam ligação da fossa com o poço. Contaminava tudo, tinha que tirar tudo. E naquele tempo eles faziam... bater BHC nas casas, então não tinha... era perigoso porque muitos intoxicavam com aquilo, mas não tinha esse mosquito da dengue. Aí batia o BHC, você tinha que cobrir tudo, afastar os móveis do canto, para poder bater o BHC, passava dois três dias aquilo ali, aí matava também, tudo o que não prestava, barata, rato, mosquito, piolho, matava tudo. Mas aí o povo não gostava muito porque sujava muito, sabe, ficava aquele pó branco nas casas, muita gente não deixava, aí foi indo, foi indo, parou. (Lêda de Araújo Vilela, março, 2004)

Os tempos árdusos, entretanto, não são recordados com ressentimento, mas sim com orgulho e saudade, ainda que os velhos moradores reconheçam as facilidades com que contam no presente e lhes atribuam o seu devido valor. A lembrança do esforço empreendido na construção do Bairro, bem como a

consciência de uma participação real e ativa dentro dessa coletividade urbana produzem o sentimento de pertencimento desses moradores em relação à Vila Nova, espaço onde se sentem enraizados e onde a suas identidades são fortalecidas.

Acompanhando todo o processo de construção da Vila Nova, os moradores organizam suas lembranças de modo que as mesmas possam produzir um sentido para as experiências aí vividas. Dessa forma são construídas suas representações sobre o espaço urbano do Bairro que, por vezes, envolvem uma categorização espacial em que presença e ausência se alternam, trazendo ora a imagem do vazio e da mata, marcantes no princípio da ocupação, ora a imagem da construção e destruição de casas e estabelecimentos comerciais que caracterizam sua trajetória urbana. Essa última é narrada, da seguinte maneira, pelo Sr. Manoel Rodrigues Santana:

Ali na praça Boaventura, aonde tem aquela árvore bem grande, aonde está aquele quiosque de garapa ali, era um rancho grande. Era uma senhora que morava lá sozinha, era um rancho. Depois com o tempo... logo que a gente entra na 4ª Av., assim para o lado direito, onde tem uns escritórios, ali montaram também um cinema. Ali aonde é o Hospital Vila Nova eram aquelas casas, as primeiras, as casas antigas, aqueles tipos antigos. Ali também na esquina da 4ª Av. com a 7ª, que é aquela que desce ali, era uma padaria, chamava Padaria Rézio. Venderam lá e parece que construíram aquele prédio que está lá, parece que tem lá uma sorveteria. E ali, em frente desse prédio, tem aquela Igreja Adventista. Eles adquiriram ali e construíram aquela igreja. Descendo a 5ª Av., para o lado de lá, ali onde hoje tem o Banco do Brasil, ali era supermercado. Depois descendo também tem aquele outro na esquina, aquele prédio que construíram ali, lá hoje é casa de móveis. E na outra esquina em baixo tem esse Pró-Brasília, supermercado Pró-Brasília. Ali no começo eram umas casas antigas, aí um senhor comprou lá essa fazenda e construíram lá e montaram um supermercado, era o supermercado do Zico. E na esquina mais em baixo, na 5ª Av. com a 10ª aqui, ali construíram aquele prédio que é a Caixa Econômica Federal. E passando para o lado de cá, na esquina da 5ª Av. com essa aqui de quem sobe à direita, ali era máquina de beneficiar arroz. O tempo vai passando as pessoas vão vendendo, vão passando pra frente. (Manoel Rodrigues Santana, abril, 2004)

A Vila Nova é hoje o lar desses migrantes que chegaram na época da construção de Goiânia em busca de melhores condições de vida. Ainda que esses indivíduos não tenham se esquecido de sua terra de origem, após tantos anos vivendo no mesmo local e participando de todo o processo de formação do Bairro e cidade, novos vínculos foram estabelecidos, permitindo que esses sujeitos fossem, ao poucos, fixando suas raízes no novo território.

Suas memórias, que do passado se estendem ao presente, tornam possível uma compreensão diversa sobre as diferentes temporalidades, unidas no momento do agora, por meio da recordação. Ao serem narradas, essas lembranças não apenas trazem à tona memórias diferentes daquela oficialmente instituída, mas também tornam possível a transmissão daquilo que, para Benjamin (1987, p. 114), se constitui no mais precioso legado do passado deixado às gerações presentes: a experiência de vida daqueles que nos antecederam.

2.3. Lembrando os vizinhos

As memórias dos moradores da Vila Nova estão profundamente marcadas pelos relacionamentos estabelecidos no Bairro, sendo os vizinhos uma presença constante em seus relatos. A recordação de uma época em que os vínculos entre os moradores eram mais fortes do que as relações experimentadas atualmente na vizinhança geram muitas reflexões entre os entrevistados, que estabelecem comparações entre o ontem e o hoje, apresentando diferentes motivos para o distanciamento e indiferença que caracterizam a convivência entre vizinhos no presente, em contraposição à sensação de integração e pertencimento vivenciados pelos moradores no passado.

O Bairro, formado a partir de uma intensa migração em grande parte originária de regiões do Nordeste do País, se desenvolveu em meio a muitas dificuldades, o que permitiu que os vínculos entre os seus moradores se consolidassem com a convivência cotidiana que exigia a cooperação e ajuda mútua frente às adversidades. As lembranças de momentos de solidariedade e amizade vividos com os vizinhos aparecem, com frequência, nas falas dos moradores.

– Mas quem eram os vizinhos? Foi a pergunta que fiz aos entrevistados buscando compreender a composição do Bairro em seu período de formação. A esse questionamento os moradores respondiam ora descrevendo as pessoas com quem compartilharam os espaços situados nos arredores de suas casas, narrando histórias vividas em conjunto, ora relatando as condições sócio-econômicas e profissionais dos antigos companheiros que, no passado, possuíam um perfil mais homogêneo em comparação àquele observado entre os vizinhos atualmente. A

vizinhança que habitava o Bairro em seu período de formação é classificada, da seguinte maneira, pelo Sr. Claudomiro Ferreira de Freitas:

Eram operários que moravam lá. Mudamos para cá porque cada um ganhou um lote, cada um ganhou um lote e fez suas casinhas. (Claudomiro Ferreira de Freitas, março, 2004)

A descrição anterior é complementada por D. Júlia Orlando de Freitas:

Pessoas pobres, muitos vieram assim para procurar recurso para viver uma vida melhor, que a dificuldade... então era tudo pessoas pobres, era chefe de família muito pobre, muitos filhos, então chegaram aqui, cada um empregou, um ia para um canto, outro ia para outro. (Júlia Orlando de Freitas, março, 2004)

E o Sr. Joaquim Cardoso Sales acrescenta:

Nordestino de um modo geral, que o nordestino até hoje quando abre uma frente de trabalho, igual recentemente em Rio Verde, na Perdigão, há levas de nordestinos muito grandes. Não sei se por causa da dificuldade do local, quando abre qualquer frente de trabalho, em qualquer lugar do Brasil, os nordestinos estão sempre presentes, devido às necessidades mesmo do local. (Joaquim Cardoso Sales, abril, 2004)

Os antigos vizinhos que ainda compartilham vínculos formados no passado, quando a Vila Nova ainda era um pequeno bairro, se recordam da intensa proximidade mantida entre eles, comparada com o afastamento atual provocado, segundo as suas narrativas, pelo crescimento do Bairro, pelas transformações no seu espaço urbano, o deslocamento de antigos moradores para outros bairros, ou mesmo a morte de velhos companheiros. A mudança de perfil dos habitantes da Vila Nova e a incorporação de novos elementos provenientes de setores médios da sociedade é constatada pelos entrevistados, que vêem tais transformações com pesar, advindo da perda de seus antigos vínculos de amizade, e com desconfiança, resultante da grande quantidade de desconhecidos que circulam, atualmente, pelo Bairro.

Comparando o passado vivido na Vila Nova, caracterizado por uma estreita convivência entre os vizinhos que, com freqüência, participavam da vida familiar uns dos outros, freqüentando mutuamente suas residências, com as relações estabelecidas hoje no Bairro, onde um certo distanciamento entre aqueles que compartilham esse espaço parece predominar, D. Júlia Orlando de Freitas narra:

(...) a gente visitava os vizinhos, os vizinhos visitavam a gente. Eram assim pessoas conhecidas, a gente estava doente, eles vinham visitar a gente. Vinham duas, três vezes. Hoje a gente não tem mais visita, hoje ninguém visita ninguém. Ninguém visita mais. (Júlia Orlando de Freitas, março, 2004)

A nostalgia sentida na fala de D. Júlia é compartilhada pelo Sr. Joaquim Cardoso Sales, que complementa:

Olha, o que eu mais sinto falta hoje... é que a evasão de pessoas, porque praticamente isso aqui era uma cidade que você conhecia todo mundo. Quando você saía em Vila Nova, qualquer pessoa que você encontrasse pela rua você sabia. Então com o progresso, que é uma coisa natural o progresso, o pessoal foi vendendo casa, saindo, morrendo, mudando. Eu sinto falta do pessoal antigo aqui, da convivência que era como se fosse uma cidade antiga, uma cidade pequena do interior que todo mundo conhece todo mundo. Então de longe você conhecia todo mundo. Hoje você sai assim aqui hoje e você conta nos dedos as pessoas conhecidas que você... e via de regra as pessoas são o quê? São pessoas que fizeram amizade de 70 pra cá. Os mais antigos hoje são poucos. (Joaquim Cardoso Sales, abril, 2004)

Se, inicialmente, a população do Bairro era constituída por famílias situadas em áreas invadidas, com o decorrer dos anos, com o crescimento da cidade e as suas conseqüentes modificações, o Bairro também passa a ser habitado por pessoas de classe média, funcionários públicos e pequenos comerciantes. A Vila Nova foi perdendo, assim, o seu caráter de bairro periférico, destinado aos migrantes sem posses, para se transformar num bairro central, mais valorizado dentro da configuração urbana de Goiânia. A transformação do perfil dos moradores, advinda do crescimento da Vila Nova e da infra-estrutura urbana implementada em seu espaço urbano, é assim descrita pelo Sr. José Teodoro da Silveira:

Depois é que foi chegando. Aí construiu hospital, outras coisas, aí começou a vir gente mais assim... gente formada, sabe, médico, essas coisas. Mas primeiro era mais gente comum, assim, o pessoal chegava e ia mais para os bares, ficava meio ruim das pernas, vendia aqui já por um dinheirinho bom e foi indo para lá. Então onde então veio vindo gente melhor assim, gente estudada. Aí começou a montar comércio bom, maior, teve mercado, aí foi evoluindo, foi montando mais comércios, fez as coisas. (José Teodoro da Silveira, março, 2004)

A chegada de novos indivíduos ao Bairro parece ser interpretada de forma contraditória pelos moradores da Vila Nova, como é possível observar na fala acima. Se, por um lado, eles se ressentem da ausência de velhos amigos e vizinhos que, sem condições financeiras para permanecer no Bairro, acabaram por vender suas casas e se mudar para localidades mais distantes da cidade, a chegada de

elementos de maior poder aquisitivo também representou, para esses moradores, a prova de que a Vila Nova tinha se tornado um bom local para se morar, um bairro valorizado, na medida em que passou a atrair “gente melhor”, “gente estudada” capaz de investir no comércio local, o que acabou por propiciar o desenvolvimento do Bairro.

De acordo com os moradores, as transformações que ocorreram no espaço urbano da Vila Nova alteraram bastante as suas formas de apropriação. As ruas, que outrora eram um prolongamento do espaço doméstico, quase um quintal coletivo e ampliado, funcionando como locais de integração para os moradores, tornaram-se espaços do anônimo e do potencialmente perigoso, perdendo suas características de lugar de convivência para se tornarem um reflexo de transformações maiores que atingem as grandes cidades como um todo.

Os velhos moradores relatam os momentos de lazer vividos no Bairro, lembrando as comemorações de casamento, aniversário e batizados realizadas na igreja e nas casas dos vizinhos, assim como as festas juninas e folias de reis que tomavam as ruas da Vila Nova e que, por vezes, envolviam toda a comunidade, estreitando a convivência e os laços de solidariedade entre os moradores. As lembranças dos momentos de interação entre os vizinhos, parentes e amigos, ocorridos durante as festas, são fundamentais para a identificação das formas sociais de apropriação do espaço local.

As ruas eram espaços compartilhados pela comunidade, cujos vínculos de intimidade sugeriam um sentimento de pertencimento similar àqueles instituídos no interior das famílias extensas, nas quais as relações de parentesco extrapolam o núcleo familiar composto por pais e filhos e estabelecem um conjunto de obrigações simbólicas mantidas pelos laços de compadrio formados à semelhança daqueles estabelecidos nos meios rurais do País. A certeza de serem parte da comunidade do Bairro era confirmada pelas festas e demais eventos de caráter coletivo, fundamentais para a constituição de uma identidade capaz de agregar os moradores da Vila Nova.

Descrevendo as festas juninas promovidas pela comunidade do Bairro, Sr. Domingos Soares Santos conta:

Aqui antigamente a gente fazia muitas festas juninas, a comunidade fazia, fechava as ruas, fazia. Eram várias festas juninas que tinham aqui. (Domingos Soares Santos, abril, 2004)

De acordo com os moradores, as folias de reis também eram freqüentes na Vila Nova. Foliões de diversas localidades acorriam ao Bairro para apresentar suas canções aos moradores que tomavam parte nos festejos. Estes são assim recordados pelo Sr. Geraldo Faria Campos:

Aqui apareciam muitas folias de reis. O sujeito pedia a permissão, de repente o sujeito chegava na sua porta dizendo: 'Posso cantar pra você a folia de reis?' Aí você dava um contribuição para uma confraternização maior. Folia de reis tinha muito aqui na Vila Nova. (Geraldo Faria Campos, abril, 2004)

Sejam as festas juninas, sejam as folias de reis, em ambas as festas, as raízes rurais ou interioranas da população de Goiânia e da Vila Nova eram celebradas nas ruas do Bairro, confirmando os laços de lealdade estabelecidos entre os vizinhos e consolidando o espaço urbano da Vila Nova como local de intercâmbio social entre os seus moradores. Numa época em que os valores urbanos começavam a penetrar no Estado, ainda que de forma incipiente, as festas de rua podem ser compreendidas como espaços rituais de sobrevivência de tradições rurais formadas em outros tempos e lugares e que, hoje, se vêem ameaçadas por um modo de vida industrial e urbano, atualmente predominante no País.

Também são freqüentes as recordações, sempre carregadas de muita nostalgia, das brincadeiras de criança vivenciadas nas ruas, então sentidas como um prolongamento da casa e da vida familiar, lugar de alegria e algazarra compartilhado pela meninada da vizinhança. Num tempo em que o Bairro possuía ruas tranqüilas, transitadas quase tão somente pelos seus próprios moradores, livres dos carros e das multidões que hoje assolam as grandes cidades, as ruas eram espaços de sociabilidade das crianças, que nelas vivenciavam suas primeiras experiências de convivência e contato externas ao núcleo familiar mais imediato, tal como aqui relata o Sr. Domingos Soares Santos:

Outras formas de lazer era brincar de pique, pião. À noite, a gente se reunia nas portas e brincava de salve cadeia, salve latinha, pique-esconde. O lazer era tomar banho de rio também, tomava banho lá no João Leite, no Meia Ponte. Eram águas limpas, você podia tomar banho. Hoje não tem mais, as águas foram ficando poluídas. (Domingos Soares Santos, abril, 2004)

As lembranças das brincadeiras de rua partem, principalmente, dos moradores que vivenciaram a sua infância no Bairro, onde os momentos experimentados nas ruas e nas calçadas pouco diferiam daqueles passados na mata e no córrego em

virtude da estreita convivência, ainda existente, entre o meio urbano, que pouco a pouco se afirmava, e o meio rural, que gradualmente desaparecia na Vila Nova. Nas narrativas envolvendo as brincadeiras de infância, é possível observar que ambos os cenários ainda coexistiam, o que é compreensível se levarmos em conta o fato de que a cidade surgiu em terras outrora ocupadas por fazendas.

As lembranças dos moradores costumam variar de acordo com o vivido pelo entrevistado. Se os moradores que passaram a infância na Vila Nova estão sempre prontos a narrar as brincadeiras nas ruas, aqueles que já não eram crianças no período em que viveram no Bairro parecem ter como mais importantes as recordações dos momentos de sua mocidade. Num período em que os códigos morais que regiam as relações entre os sexos eram bem mais rígidos do que os atualmente experimentados, os encontros entre moças e rapazes com o potencial de se transformarem em amizades, flertes ou namoros, vividos pela juventude do Bairro, costumam ser lembrados com muita saudade pelos moradores entrevistados.

As lembranças sobre o footing realizado nos finais de tarde na 4ª Avenida são narradas com certa frequência, tendo em vista que a atividade era uma das principais formas de interação social da juventude da Vila Nova. Nessas ocasiões, a rua era então transformada em palco para uma encenação publicamente representada, tendo como cenário maior o espaço social do Bairro. As lembranças sobre o footing são narradas, da seguinte maneira, por D. Lêda de Araújo Vilela:

E aqui tinha uma coisa muito, muito boa, aí já foi um tempinho mais tarde de 50, 54, por aí. Aqui na 4ª Avenida a gente chamava era footing, na época era assim, um vai e vem de moças e rapazes. Ali na 4ª Avenida tinha duas casas que tinham alto-falante. Então tinha aquela história: 'Ó fulano, passa essa música para aquela menina que está de rosa com sapato branco, com muito amor e carinho.' O outro passava. 'Ah, eu devolvo, agradeço a música, ofereço para aquele rapaz que está de camisa estampada, que está na bicicleta tal.' Então era assim, a gente passava, ia até lá perto da 5ª Avenida e voltava, ia e voltava... mas muito, muito, muito rapaz e muita moça. Era muito delicioso isso. Eu mesmo... a gente fugia da minha mãe para ir lá, no footing, no vai e vem. (Lêda de Araújo Vilela, março, 2004)

Ao rememorem as experiências vividas no Bairro, os moradores reafirmam a sua participação na construção do mesmo, sentindo-se no direito de pertencer ao seu espaço em virtude de sua ligação com o passado da Vila Nova. A formação de uma comunidade de memória fundamentada em sua experiência coletiva, funciona, para esses moradores, como uma defesa contra o crescente desenraizamento cultural experimentado no contexto maior da cidade.

Num momento em que o sentimento de continuidade em relação ao passado se vê ameaçado nas grandes cidades, locais onde não mais se recorre à tradição no intuito de se buscar modelos de compreensão e sentido para as experiências vividas no presente, a existência de redutos onde pequenas comunidades de memória ainda subsistem pode significar para os indivíduos que compõem tais comunidades, a oportunidade de continuarem mantendo uma identidade própria, parcialmente preservada da desagregação promovida pela massificação em outras regiões da capital. Nesse sentido, o sentimento de enraizamento local surge como uma dádiva por impedir aquilo a que Ecléa Bosi (2003, p. 24) denomina de a crescente alienação imposta pelo desenvolvimento capitalista.

2.4. Lembrando os anos 60

As grandes transformações na Vila Nova ocorreram no decorrer da década de 1960, quando os melhoramentos mais significativos vão sendo lentamente implementados no Bairro, que passa, então, a contar com a pavimentação de algumas de suas principais ruas, com rede de abastecimento de água encanada, com sistema de esgoto e energia elétrica. Essas transformações produziram impactos nos moradores, que descrevem o entusiasmo e a alegria que então sentiram ao constatarem que, finalmente, seriam contemplados com os “benefícios da modernidade” em seu próprio Bairro, tal como descreve D. Valdecy Abadia de Andrade Calassa:

Transformação imensa, imensa. Asfalto, energia, hospital... tem tudo, você não precisa de ir no Centro para fazer nada. Tem banco. Vila Nova, tem tudo, Banco do Brasil, tem Caixa Econômica, tem tudo, tudo. (Valdecy Abadia de Andrade Calassa, março, 2004)

As transformações que então ocorriam na Vila Nova foram parte de um conjunto maior de modificações que se processavam em Goiânia, que, por essa ocasião, já se encontrava consolidada, podendo, finalmente, ser considerada como uma verdadeira capital. A cidade perdia o seu caráter de empreendimento em processo inicial de formação, controlado pelo Estado, para se tornar um organismo

relativamente autônomo, cujo crescimento espacial, demográfico e econômico passava a obedecer a uma dinâmica própria, regulada por processos internos que se desenrolavam no espaço urbano da cidade.

As lembranças dos moradores sobre esse período encontram-se profundamente vinculadas ao espaço físico do Bairro, que então sofria uma violenta alteração decorrente da implementação de uma estrutura urbana que propiciava o seu desenvolvimento e o bem-estar dos seus moradores. Tais transformações são, muitas vezes, narradas pelos entrevistados não como consequência de processos mais amplos que se desenrolavam por todo o País, mas como obra de personalidades específicas que então governavam a cidade e o Estado, e que, na memória dos moradores, foram os principais responsáveis pelas mudanças ocorridas durante a década de 1960 no espaço físico da Vila Nova e de Goiânia.

O prefeito Hélio de Brito, que trouxe o asfalto para a principal avenida do Bairro, a 5ª Avenida, o seu sucessor Íris Resende, responsável pela pavimentação de extensas áreas de Goiânia, incluindo a Vila Nova, e o governador Mauro Borges, lembrado tanto pelo seu parentesco com Pedro Ludovico Teixeira, como pela sua cassação, em 1964, pelo regime militar, são especialmente mencionados pelos entrevistados, surgindo como figuras de destaque na memória política dos moradores. Recordando o asfaltamento da 5ª Avenida, ocorrido por iniciativa do prefeito Hélio de Brito, o Sr. Eliseu Barreira Lemos narra:

O Hélio asfaltou essa 5ª Av. Quando ele saiu do governo já tinha patola para abrir rua, tinha caminhão de pegar lixo, tinha vasculantes de fazer qualquer... apanhar um cascalho e tudo para arrumar a rua e tudo. (Eliseu Barreira Lemos, abril, 2004)

A pavimentação do restante do Bairro no governo de Íris Resende, que provocou a expulsão de parte dos moradores que não puderam arcar com as taxas cobradas na implementação desse serviço, é recordada pelo Sr. Geraldo Faria Campos:

O Íris veio para a prefeitura e asfaltou tudo. Mas o asfalto era pago pelas pessoas, então quem não tinha salário... o asfalto foi feito por um banco particular, o Banco Mercantil. Então muitas pessoas naquela época venderam a casa para pagar o asfalto." (Geraldo Faria Campos, abril, 2004)

Os moradores também se lembram do governo de Mauro Borges, deposto, em 1964, pelos militares, apesar da resistência do governador em abandonar o cargo. O relato sobre a ação performática do exército, que incluiu até mesmo um tanque ocupando os arredores da Catedral de Goiânia e aviões sobrevoando a cidade, numa demonstração de força visando a assustar os resistentes, é contado, da seguinte forma, pelo Sr. Eliseu Barreira Lemos:

E Mauro Borges no governo e estava aquele rebuliço que era greve para todo o lado, estava aí um agitação do comunismo que estava danado, de estudante e tudo. Porque inclusive Mauro Borges condecorou aquele Che Guevara, ele condecorou ele aqui na Praça Bandeirantes e aí com aquilo e com a queda do João Goulart, porque o João Goulart não estava agindo de acordo, aí resolveram tirar o João Goulart da presidência. E Mauro aqui tratou, como coronel do exército não devia, ele sabia que o exército era muito forte, ele não devia se armar de polícia, querer um sistema de uma guerra, mas estava confiado em Minas e São Paulo e lá não agiram e Mauro aqui para agir. Mas ele pra bancar o duro arrumou a polícia aí na beira dessa mata, armou lá no Centro Administrativo que estava em obras, que ele construiu aquele prédio, mas não terminou. Mas com isso o exército veio, veio uns dois aviões a jato, deu uns rasantes aí, veio até caminhão tanque, ficou ali na Catedral. Aí puseram ele para fora do palácio, ele foi cassado na época. (Eliseu Barreira Lemos, abril, 2004)

A memória política dos moradores da Vila Nova pode ser analisada sob uma perspectiva temporal. Se a grande figura política local mencionada durante todo o período de formação do Bairro, situado entre as décadas de 1930 e 1950, é a do interventor e, posteriormente, governador, Pedro Ludovico Teixeira, a partir da década de 1960 em diante, outros personagens passam a se destacar no cenário político local, sendo, por esse motivo, recordados pelos moradores entrevistados. Centralizando em torno de sua pessoa o empreendimento em que se constituiu a construção de Goiânia, então entendida como obra materializada em virtude de sua liderança e engenho pessoal, Pedro Ludovico concentrou em sua figura todas as atenções voltadas para a cena política do Estado durante três longas décadas, sendo inevitavelmente assimilado, nas lembranças dos moradores do Bairro, à construção da capital.

Durante essas três décadas, Goiânia esteve sob a influência direta do interventor, reproduzindo, em nível local, o centralismo político que se processava em âmbito nacional no País, marcado, até pelo menos 1945, pela identificação do Estado Novo com a figura política do presidente Getúlio Vargas. Essa profunda identificação que ocorria, em nível local, entre o governo de Pedro Ludovico e a

cidade de Goiânia foi apenas atenuada no decorrer da década de 1960, com o seu relativo afastamento do cenário político, numa ocasião em que a cidade se desvencilhava, gradualmente, do controle estatal, passando a crescer de forma não planejada e bastante desordenada. Nesse momento, novos personagens puderam ascender à esfera política municipal e estadual, sendo recordados pelos moradores da Vila Nova conforme o impacto de suas ações político-administrativas no espaço urbano do Bairro e da cidade.

É importante recordar que, a partir da década de 1960, as migrações internas aumentaram sensivelmente em vastas extensões do território nacional, sendo que tais deslocamentos, originários, fundamentalmente, de pequenas cidades e áreas rurais, se direcionavam, principalmente, para os meios urbanos, com destaque para as grandes capitais do Brasil. As migrações, associadas à crescente industrialização e urbanização do País, produziram profundas mudanças na sociedade brasileira. As conseqüências dessa nova configuração demográfica, espacial e econômica também foram sentidas na capital Goiânia, que viu a sua população crescer expressivamente nesse período.

A trajetória urbana da Vila Nova e de Goiânia pode ser acompanhada pelos relatos dos entrevistados que comparam o que eram as décadas de 40 e 50 com os anos vivenciados num período posterior, compreendido entre os anos 60 e 70. Esses relatos são marcadamente descritivos e fundamentados em torno de categorias duais como antes e depois, presença e ausência, passado e presente, que se alternam de forma polarizada, tal como contam D. Leila Braz Muniz e D. Selma Rodrigues Sales:

Nós chegamos em 49, 50, deve ter sido em... lá para 60, 62, nós ficamos muito tempo, sabe Sílvia, quase uns dez anos nesse sofrimento de... com água, um pouco aqui, consegue a água, depois consegue a energia, foi tudo devagar, sabe, você... o asfalto, batalharam muito os pioneiros da Vila Nova, batalharam muito. (Leila Braz Muniz, abril, 2004)

Eu vejo Vila Nova hoje suntuosa em vista desses anos atrás, 57 para cá. É um Bairro bem arborizado, tem uma estrutura muito boa, água, luz, iluminação pública, esgoto, quase todos os tipos de serviço nós temos aqui em Vila Nova, comércio muito bom, saúde... É um Bairro que continua ainda como um bairro, quer dizer, não é um bairro nobre, é um bairro de pessoas trabalhadoras, mas gente que batalha e gente que consegue, que quer conseguir as coisas e vai à luta. Eu vejo uma melhoria muito grande, tanto na parte física do Bairro, no visual do Bairro, quanto assim no desenvolvimento das pessoas, um desenvolvimento muito bom, uma diferença muito boa, enorme. (Selma Rodrigues Sales, abril, 2004)

Foi também na década de 60 que um grande desenvolvimento comercial teve início na Vila Nova, cuja infra-estrutura urbana, em processo de implementação, favorecia o surgimento de novos estabelecimentos, propiciando a diversificação na oferta de serviços comerciais no Bairro. Nessa ocasião, pessoas de outras partes da cidade passaram a freqüentar a Vila Nova, que se tornava cada vez mais integrada à cidade, sendo, hoje, capaz de garantir o abastecimento de sua população e de moradores de bairros situados no seu entorno.

A verticalização do Bairro, entretanto, só ocorreu nos anos 70, com a construção dos primeiros prédios residenciais e estabelecimentos comerciais de maior porte. Atualmente, a predominância do setor terciário pode ser observada na Vila Nova, que conta com serviços bancários (Banco do Brasil, Caixa Econômica, Bradesco, HSBC), agência de correio e uma grande quantidade de estabelecimentos de compra e venda e de prestação de serviços, como bares e botecos, frutarias, açougues, padarias, mercearias, supermercados, farmácias, gráficas, casas de material de construção, confecções, lojas de roupas, de calçados, de utilidades-domésticas, oficinas mecânicas e de consertos diversos (elétricos e eletrônicos, sapatarias, etc), freqüentemente mencionados pelos moradores como exemplos concretos das transformações que ocorreram no espaço urbano do Bairro, tal como descreve o Sr. José Teodoro da Silveira.

Aí começou depois a construir prédio, os predinhos daqui e dali, aí depois começaram a construir esses grandes já, lá de baixo. Tem a TELEGOIÁS, também fizeram ali, tem lá em baixo Correios, Caixa Econômica, foi fazendo tudo. Banco, farmácia... antigamente tinha aqui só farmacinha, agora tem farmácia para todo o lado, graças a Deus... hospital muito bom, que é o da Vila Nova. (José Teodoro da Silveira, março, 2004)

As lembranças dos moradores sobre os momentos de dificuldade vividos envolvem não apenas os problemas relativos à ausência de fornecimento de água, saneamento básico, energia elétrica e pavimentação, mas, também, à precariedade do sistema viário, praticamente inexistente nas primeiras décadas de formação do Bairro. Vila Nova, atualmente, possui uma malha viária por onde circulam ônibus coletivos com diversos trajetos, como o Eixo Anhanguera, situado na divisa com Setor Universitário, que cruza a cidade de Goiânia no sentido leste-oeste, e linhas com destino aos setores Santa Genoveva, Jaó, Jardim Guanabara, Bairro Feliz, Circular, Campus-Centro e Campus-Universitário. Ao recordarem os problemas de

locomoção enfrentados no passado pelos moradores do Bairro, D. Leila Braz Muniz e D. Valdecy Abadia Calassa contam:

Eu fico imaginando o que era aqui. Um bloco de pessoas que moravam num lugar e uma cidade começando uma vida nova, tudo longe e andando a pé, porque naquele tempo não tinha nem ônibus. Por exemplo, eu estudei mesmo numa escola lá perto da estação rodoviária, nós saíamos daqui a pé e íamos até lá. (Leila Braz Muniz, abril, 2004)

Periferia mesmo. Periferia... Nem jeito de locomover de ônibus. Naquele tempo falava era jardineira. 'Vamos pegar a jardineira.' Para ir para o Centro não tinha não. Depois de muito tempo que nós morávamos lá é foi que fizeram um ônibus que passava na 4ª Av., vinha pela Rua 200, saía no Botafogo, que era Botafogo, nem asfalto não tinha, né, é que ia para o Centro. (Valdecy Abadia de Andrade Calassa, março, 2004)

Essas lembranças do passado de relativo isolamento, ocasionado pela ausência de uma rede de transporte urbano capaz de integrar a Vila Nova a outras localidades de Goiânia, são parte da memória coletiva dos moradores. Essa memória formada pelas comparações estabelecidas entre o presente e o passado, gera uma compreensão dos processos que se desenrolaram, ao longo do tempo, no espaço urbano do Bairro, permitindo o aprofundamento da consciência histórica de seus moradores e tornando-os capazes de atribuir sentido às experiências vividas dentro desse espaço.

Outra característica das memórias dos entrevistados é que elas se compõem de um conjunto de marcos espaciais situados no Bairro. Dentre esses marcos, destacam-se os estabelecimentos voltados para a assistência médica dos moradores, como o Centro de Assistência Integral à Saúde - CAIS, o Hospital e Maternidade Vila Nova, Gabinetes Odontológicos e Laboratórios.

A lembrança da ausência de hospitais e centros de saúde na Vila Nova, fez com que o primeiro e único hospital do Bairro, construído durante a década de 70, adquirisse um significado especial para os moradores. Constituindo-se num importante marco para memória do Bairro, o Hospital da Vila Nova é citado como uma referência do progresso que chegava e como símbolo das transformações que então se processavam, tal como narra D. Selma Rodrigues Sales:

O problema da saúde melhorou muito, porque nós temos hospital no Bairro também, naquela época a gente precisava correr para o Centro, qualquer problema de saúde que tivesse nós tínhamos que procurar um médico no Centro da cidade.(...) Esse hospital de Vila Nova é bastante antigo, ele tem mais de trinta anos. Já tem esse tempo assim, porque esse aí eu vi a construção dele também, ele tem mais de trinta anos. É uma maternidade, mas que atende a várias especialidades também. (Selma Rodrigues Sales, abril, 2004)

A Vila Nova foi perdendo, assim, o seu aspecto interiorano para se tornar um bairro cada vez mais integrado a Goiânia, que, em poucas décadas, se transformaria numa verdadeira metrópole, cada vez mais globalizada e, ao mesmo tempo, fragmentada em decorrência da diversificação de cenários que passaram então a compor a capital. Todos esses fatores, associados ao crescimento da cidade, tiveram repercussões nas lembranças dos moradores sobre esse período, compostas por narrativas mais heterogêneas do que aquelas formadas em torno das décadas de 1930, 40 e 50.

À medida que a cidade crescia, os grupos de sociabilidade se diversificavam e os laços entre os vizinhos perdiam a sua força, as lembranças do Bairro, especialmente as relacionadas às décadas posteriores a 1960, foram, pouco a pouco, perdendo a sua consistência. Todas essas transformações processadas no espaço urbano da Vila Nova acabaram por dificultar a solidificação de uma memória nos mesmos moldes daquela construída em torno do seu período de formação, quando então as lembranças eram transmitidas oralmente nos pequenos grupos de interação formados no interior do Bairro.

A constante reafirmação dessas lembranças por um conjunto de pessoas, os vizinhos, que então narravam de maneira semelhante certas histórias que se referiam a acontecimentos ocorridos na Vila Nova, permitia que estas fossem devidamente elaboradas, de modo a formarem uma memória consolidada sobre o período de formação do Bairro. Com a dispersão de antigos moradores e o enfraquecimento dos modos de transmissão de suas narrativas, a memória de décadas mais recentes foi sendo, gradualmente, diluída. Tal situação se deve, em grande medida, às enormes transformações que se processaram no Bairro a partir da década de 1960, em parte responsáveis pelo empobrecimento daquilo a que Benjamin (1987, p. 198) denomina de a arte de narrar, caracterizada pela capacidade de transmitir experiências.

É importante afirmar, entretanto, que, embora as lembranças dos moradores sobre décadas posteriores ao período de formação da Vila Nova já não sejam tão coesas, alguns pontos em comum ainda podem ser identificados em seus relatos, como, por exemplo, os que envolvem a criação de Brasília, cuja construção, no final dos anos 50 e início dos anos 60, promoveu importantes transformações no cenário geopolítico do Estado. A capital federal construída próxima à Goiânia, em território cedido à União pelo Estado de Goiás, deu início a uma nova etapa de interiorização do Brasil, estimulando uma nova onda migratória proveniente de diversas regiões do País para ambas as cidades e promovendo o deslocamento de pessoas da própria capital goiana e do Bairro da Vila Nova para a capital federal, onde muitos foram tentar a sorte trabalhando na construção civil ou abrindo pequenos estabelecimentos comerciais. As repercussões geradas em Goiânia pela construção de Brasília são assim descritas pelo Sr. Eliseu Barreira Lemos:

(...) quando foi em 58, com a Brasília, o início de Brasília lá, em 58 para 59. Em 58 aqui caiu muito as vendas, porque o povo só falava em Brasília para ir trabalhar, pedreiro e tudo. Aqui em Goiânia, procurava uma pessoa para trabalhar, era difícil encontrar. Eles iam para Brasília por causa dos preços, que as coisas foram aumentando, os preços foram aumentando muito, aí eu resolvia a vender o armazém em 58. (Eliseu Barreira Lemos, abril, 2004)

Narrando a sua breve passagem pela capital federal, antes de se estabelecer como comerciante na Vila Nova, o Sr. José Fernandes Queiroz conta:

Eu vim para cá com comércio mesmo. Eu vim de Brasília, que eu fiquei dois anos em Brasília, 58 para Brasília, 60 para Goiânia. Quando me casei achei que aqui em Goiânia ia oferecer um nível de vida melhor para a família assim, a situação de Brasília era muito difícil para a família. Então eu vim para Goiânia já com comércio e continuei com comércio, até hoje. Até hoje aqui no Bairro. (José Fernandes de Queiroz, abril, 2004)

Foi imenso o impacto de Brasília. A inauguração da capital federal, em 1960, intensificou o crescimento de Goiânia que, nessa data, já contava com 150 mil habitantes, favorecendo o aparecimento de novos bairros. Quanto à Vila Nova, a construção de Brasília significou não apenas progresso e desenvolvimento para o Bairro, dos quais a cidade de Goiânia, como um todo, se beneficiou, mas também uma intensa migração entre ambas as cidades, da qual os moradores do Bairro não foram excluídos. Nessa época, muitos deixaram Goiânia para tentar a sorte na

capital federal, enquanto outros, depois de passarem pela nova cidade sem lá obter sucesso, terminam por se instalar na Vila Nova.

Esse surto desenvolvimentista reverteu-se em melhorias na infra-estrutura urbana e nos equipamentos sociais dos bairros da cidade, incluindo a Vila Nova. Em 1956, foi inaugurado o Instituto de Educação de Goiás, que atingiu o seu apogeu de vagas e fama nos fins da década de 50 e anos 60 e, em 1962, foi fundada a Escola Superior de Educação Física de Goiás – ESEFEGO, ambos situados no Bairro.

Apesar desses benefícios advindos do acelerado crescimento de Goiânia e do intenso desenvolvimento cultural e econômico do Estado, vivenciados na segunda metade dos anos 50 e anos 60, certas contradições se fizeram sentir nesse processo, tornando evidente algumas formas de exclusão que então ocorreram na Vila Nova. Ao se referirem à pavimentação das ruas que se estendia pelo Bairro, os moradores, que foram obrigados a financiar com recursos próprios esse serviço, se recordam de antigos vizinhos que, não possuindo recursos para tal, foram expulsos para bairros distantes, pagando, assim, um alto preço pelos benefícios trazidos pela urbanização. A lembrança daqueles que, nessa ocasião, deixaram a Vila Nova, afastados pelo “progresso” que chegava, é assim narrada pelo Sr. José Teodoro da Silveira e pelo Sr. Domingos Soares Santos:

Daqui de par era um velho, Sr. Rosa, era carroceiro. Aí quando veio o asfalto ele ficou com medo de não dar conta de pagar e vendeu aí para outro, outro já vendeu para outro. Agora está morando aí um rapaz, até da polícia civil, o pai dele comprou aí e deu para ele morar. (José Teodoro da Silveira, março, 2004)

O asfalto aqui espantou muita gente aqui, porque quando o asfalto veio para cá os moradores não tinham condições de pagar, tanto que aqueles de menor poder aquisitivo foram vendendo os imóveis, aí o setor foi crescendo. O setor começou a expandir, certo, e começou a vir gente de poder aquisitivo maior para cá, porque os daqui começaram a vender os lotes e ir embora porque achavam que não davam conta de pagar o asfalto. Mudou muito os moradores. Por exemplo, nessa rua aqui nossa, de antigo mesmo tem a gente aqui, o professor Geraldo, a Bárbara, D. Marina... então no máximo seis resistiram ao progresso. (Domingos Soares Santos, abril, 2004)

A cobrança de taxas referentes à implementação de serviços urbanos, como a pavimentação das ruas, parece ter se constituído numa estratégia de limpeza social, visando à expulsão dos moradores mais pobres do Bairro para regiões distantes da cidade. Na medida em que a Vila Nova foi deixando de ser um bairro periférico da

capital para se tornar uma localidade cada vez mais centralizada dentro de Goiânia, a permanência desse seguimento populacional significava uma convivência pouco desejável pelos estratos sociais mais altos da população que ocupavam regiões situadas próximas ao Centro da capital. Além disso, a presença de pobres nessas áreas centrais comprometia a divulgação de uma imagem positiva da cidade que se pretendia difundir em meios externos.

Uma mudança gradual foi ocorrendo, portanto, dentro do espaço urbano do Bairro. Vila Nova, a princípio formada como invasão e periferia de Goiânia, recebendo aquela parcela mais pobre da população que afluía à capital, transformou-se num bairro integrado ao Centro, usufruindo dos vários benefícios decorrentes de sua localização e abrigando, predominantemente, setores sociais médios e populares. Os moradores, entretanto, ainda recordam do tempo em que a Vila Nova ainda se relacionava de forma periférica com Goiânia, constituindo-se, de acordo com as suas falas, numa localidade “à parte de cidade”, tal como conta o Sr. Joaquim Cardoso Sales.

Vila Nova com relação à Goiânia, que inclusive... não era distante, mas você saía daqui para ir ao Centro você nunca falava: 'Eu vou ao Centro.' Você usava, só falava: 'Eu vou a Goiânia.' Foi criado como se Vila Nova fosse uma cidade. Você nunca falava 'Eu vou ao Centro.' Pouco tempo para cá desapareceu esse termo de relacionar Goiânia, falar 'Eu vou ao Centro.' 'Vou à Goiânia.' É como se fosse uma cidade, você tivesse deslocando de uma cidade para a outra, você ia daqui para o Centro, falava: 'Vou lá para Goiânia.' Então Vila Nova era um bairro que tinha uma vida própria, totalmente independente, quer dizer, de acordo com o poder aquisitivo do pessoal do Bairro. Então sempre teve vida própria a Vila Nova, então você só ia ao Centro para comprar alguma coisa que por ventura aqui não tivesse. Mas Vila Nova sempre teve aquele cotidiano dela de uma vida de interior, separada de Goiânia, como se não fosse um bairro, fosse uma cidade. (Joaquim Cardoso Sales, abril, 2004)

As lembranças das experiências vividas em outros tempos no Bairro, comparado, na fala de nosso narrador, a uma cidade do interior, reafirmam os vínculos de pertencimento em relação ao mesmo. Ainda que, no presente, os moradores já não experimentem a mesma coesão interna em seus grupos de interação social como resultado do enfraquecimento dos laços que uniam os vizinhos, a memória formada em torno de sua existência no Bairro permanece viva, surgindo como uma matriz de sentidos fundamental para a construção da identidade desses velhos moradores.

O expressivo crescimento da Vila Nova e a sua completa integração à cidade de Goiânia não permitem que o Bairro, hoje, possa ser diferenciado como uma localidade à parte da capital. De acordo com os dados do Censo 2000 do IBGE, o número de habitantes da Vila Nova é de 16.471 pessoas que, segundo o Cadastro de Habitações do Município de Goiânia do Departamento de Ordenação Sócio-Econômico da SEPLAM - Secretaria de Planejamento do Município, habitam em 2166 casas, 1786 apartamentos e 684 barracões. Oficialmente possuindo o nome de Setor Leste Vila Nova, o Bairro foi incorporado pela regionalização de 2002 da SEPLAM à Região 01-Central, composta também pelos Setores Central, Sul, Oeste, Aeroporto, Norte Ferroviário e Leste Universitário.

A infra-estrutura urbana, atualmente encontrada no Bairro e implementada, de forma gradual, a partir da década de 1960, compõe-se de rede de água encanada, de energia elétrica, de esgoto e de escoamento de água pluvial, além de ruas pavimentadas e serviços diários de varrição e coleta de lixo. O crescimento do Bairro, o seu desenvolvimento urbano e, finalmente, a sua incorporação à região Central da cidade trouxeram uma nova percepção dos moradores sobre o espaço em que vivem, sendo corrente em suas falas a observação de que “a periferia virou centro”.

A mudança de status da Vila Nova no cenário urbano de Goiânia é assim descrita por D. Doralice Gidirana Nogueira:

Então eu fico pasma de ver, eu acho que é simplesmente porque é centralizado, haja visto que se eu quiser pegar ônibus para ir lá no Centro não pego. Dependendo a altura do lugar que eu vou você não precisa pegar ônibus, porque eu passo aqui ou pelo bosque ou então pelo Mutirama, que é centro também. Eu pego o calçadão aí... não é? É, e no bosque também transita gente a todo minuto com uma ponte confortável... e pronto, não tem problema. Já um bairro distante não acontece isso. (Doralice Gidirana Nogueira, abril, 2004)

As percepções dos moradores sobre as alterações espaciais envolvendo o Bairro são expressas por meio de um discurso que reconhece os benefícios atuais trazidos pelo progresso, pela centralização e pela instalação de equipamentos sociais e serviços urbanos na Vila Nova, e que se afirma em contraposição às lembranças do seu passado, quando o Bairro era apenas um conjunto de casas pobres situadas em áreas invadidas em meio ao cerrado. O reconhecimento dos

benefícios provenientes dessas transformações, entretanto, não impede que os moradores se queixem do descaso do poder público no atendimento a certos problemas e necessidades atuais da Vila Nova que, apesar de não mais ser um bairro periférico, tampouco chega a usufruir da atenção destinada aos setores “nobres” da cidade.

Existe a concepção, entre alguns moradores, de que a Vila Nova ainda é um bairro pouco valorizado na configuração urbana de Goiânia, sendo essa desvalorização atribuída às origens populares do Bairro, tendo em vista que locais outrora desabitados e loteados num período muito posterior à formação da Vila transformaram-se em bairros nobres, contando com melhores serviços e equipamentos urbanos em seu espaço. É provável, porém, que o que realmente ocorra em relação à Vila Nova é uma certa dificuldade na apropriação do seu espaço urbano pela indústria imobiliária de Goiânia, pois o Bairro, densamente povoado e formado, em grande parte, por pequenas casas populares, parece não comportar empreendimentos de grande porte voltados para um mercado mais exigente, direcionado a consumidores de maior poder aquisitivo.

Os moradores que habitam a Vila Nova há mais de cinquenta anos sentem-se esquecidos pelo poder público que atende prioritariamente bairros formados mais recentemente, habitados por aqueles que chegaram “depois”, considerados forasteiros em Goiânia pela comunidade mais antiga do Bairro. Em suas falas, pode ser observada uma espécie de categorização fundamentada numa dicotomia que coloca em lados opostos aqueles que fazem parte do Bairro e os que não fazem, classificados de acordo com uma distinção entre o nós e os outros, entre os de dentro e os de fora. A comparação estabelecida com outras regiões da cidade é assim narrada pelo Sr. Claudomiro Ferreira de Freitas:

Os outros bairros não existiam nem um rancho. Jardim América, Setor Oeste, Vila Coimbra, não tinha nada. Hoje está aí, que dá gosto da gente andar lá, tudo bem organizado. Aqui... que eu te falei lá embaixo do negócio da árvore? A raizama da árvore está levantando o muro assim, com rua e tudo, com asfalto e tudo, e não tem quem tomar conta, não tem quem vê isso. Sabe como é? Júlia quebrou o pé, era para me acompanhar. De forma que eu não posso olhar com muito entusiasmo, não. Esqueceram de nos avisar. Se pode assim dizer. (Claudomiro Ferreira de Freitas, março, 2004)

Essa comparação também se encontra implícita na fala de D. Lêda Araújo Vilela, que aqui se queixa de alguns problemas observados no Bairro. Embora a Vila Nova seja uma das localidades mais antigas de Goiânia, alguns de seus problemas ainda não foram solucionados, ao contrário do que pode ser observado em certas partes da cidade.

Olha, pela época que eu era criança e agora melhorou muita coisa. Mas eu acho que não foi o suficiente pelos tantos anos que passaram. Acho que deveria estar melhor, acho que ela ainda é um pouco abandonada. Porque você ainda vê aqui praças mal cuidadas, muita sujeira, apesar de que o governo está mandando a coleta de lixo, trabalha bastante, mas ainda vê muita sujeira, ainda vê muito lote baldio, falta assim de bastante estrutura. Rede de esgoto fluvial entope demais, então está faltando, tem muito a desejar essa Vila Nova, viu, pelos tantos anos que tem essa Vila Nova. Ela era para ser... que ela já está sendo considerada um bairro nobre mas... só de nome porque ainda tem muita pobreza. (Lêda de Araújo Vilela, março, 2004)

Por meio das narrativas dos moradores, é possível identificar a cidade como local de disputas e interesses divergentes, onde práticas sociais diversificadas são encenadas pelos diferentes atores que integram o seu espaço urbano. Nesse espaço, a vida é construída pelas lembranças do passado vivido e pelo presente cotidianamente experimentado, numa relação dialética de consenso e confronto que parece permear as diferentes formas de relacionamento e fazer humano.

CAPÍTULO 3

OS LUGARES DE MEMÓRIA DA VILA NOVA

O parque, as praças, o mercado, as escolas e as igrejas compõem os diversos lugares da Vila Nova, possuindo diferentes usos e inserções dentro do Bairro. Considerados como marcos espaciais para os moradores entrevistados, eles funcionam como suportes exteriores para a lembrança, formando os vestígios do outrora, fundamentais para a reconstrução da memória coletiva local.

Esses lugares ocupam uma posição privilegiada nas narrativas dos velhos moradores, ao permitirem a evocação da lembrança do passado aí vivido. Alguns deles atuam como lugares de memória, na medida em que englobam três sentidos, que na perspectiva de Nora (1993, p. 21) os definem como tal. Eles são lugares materiais onde a memória se ancora, lugares simbólicos, por evocarem a experiência vivida por um grupo de moradores, e lugares funcionais, ou seja, lugares onde as lembranças são cristalizadas e transmitidas.

Embora esses lugares tenham uma história e uma referência na realidade, a sua principal característica é que eles mesmos se constituem em suas próprias referências, o que significa que, de certa forma, eles escapam a um recorte espacial e temporal preciso, para se constituírem em símbolos em constante mutação, abertos a assimilação de novos significados. (NORA, 1993, p. 27)

Os lugares de memória são lugares de comemoração, de uma ritualização coletiva. São lugares onde uma dada coletividade se reconhece e celebra a sua identidade. Longe de serem criações espontâneas, naturais, os lugares de memória são, sobretudo, lugares consagrados pelo grupo, lugares reveladores de processos sociais, de interesses e conflitos, que se encontram revestidos de uma vontade de memória. (NORA, 1993, p. 22)

3.1. A Praça Boaventura

A Praça Boaventura está entre os lugares de maior significado para o Bairro, por ser um dos primeiros núcleos de povoamento da Vila Nova. Durante todo o período de formação do Bairro, situado entre as décadas de 1930 e 1950, a Praça não possuía esse nome e nem seu aspecto atual, pois então era apenas descampado de chão batido, um espaço vazio em meio ao cerrado em torno do qual se agrupavam as primeiras casas da região.

A Praça Boaventura é parte da recordação dos moradores, que contam como ela era ocupada, nessa ocasião, pelas primeiras famílias do Bairro. Ao recordar o cenário da Praça, o Sr. Manoel Rodrigues Santana descreve:

(...) e naquele tempo a Vila Nova aqui, nesse período lá de 40, 44, 45, a Vila Nova aqui, essa parte ali da Praça Boaventura, aí para baixo assim, para cá, tudo era cerrado, tinham algumas casas, uns ranchos, estava começando mesmo a Vila. Aí aonde é essa Praça, nos anos de 50, ali bem no centro morava uma família, bem no centro da Praça morava uma família, cercou ela ali e ele morava ali, esse senhor morava... me passa o nome dele, mas lembro bem o nome da esposa dele, que era uma mulher arrumada, chamava Maria, eu sei que ela chamava Maria. Ali ele tinha umas plantações, criava galinha, criava porco, tudo ali, no meio da Praça. (Manoel Rodrigues Santana, abril, 2004)

Constituindo-se num local capaz de agregar os moradores de diferentes partes do Bairro, a Praça Boaventura, até o final da década de 50, ainda não era urbanizada, embora fosse bastante freqüentada pelo fato de aí estarem localizadas a igreja católica do Bairro e a feira de frutas e verduras.

Nas narrativas dos moradores, a Praça Boaventura surge como um marco espacial da Vila Nova. Lembrada como o local onde ocorriam os jogos de futebol e as brincadeiras das crianças e como espaço onde os comícios eram realizados e onde o circo eventualmente se instalava, a Praça foi palco de uma diversidade de acontecimentos que ocorreram no Bairro, tal como contam o Sr. José Teodoro da Silveira e D. Valdecy Abadia de Andrade Calassa:

Ali a Praça Boaventura... eu não estava dizendo para você que nós brincávamos de bola ali? Não tinha nada, aí vinha circo. O circo que vinha montava aí. (José Teodoro da Silveira, Goiânia, março, 2004)

Vixe, minha filha! Era em cima de carroça, era em cima de caminhão, era de qualquer jeito a gente ia para os comícios. Ia escutar, mas ia mesmo, ficava assim... Naquela Praça que hoje é Boaventura, não tinha Praça nenhuma, então fazia lá mesmo, em cima dos caminhões, carroceria de caminhão. Mas era bom, era divertido! Muito divertido! (Valdecy Abadia de Andrade Calassa, março, 2004)

Nesse período, situado entre as décadas de 1930 e 1950, quando a Vila Nova era um bairro ainda não urbanizado, os moradores que aí viviam inventavam suas próprias formas de lazer e diversão, tendo a Praça Boaventura como um dos seus principais centros de sociabilidade, como lugar onde os membros da comunidade podiam ver e ser vistos e como espaço de comunicação entre os vizinhos. De acordo com os entrevistados, a Praça também era palco de atividades como footing, que ocorria, nos finais de tarde, na 4ª Av., situada num dos seus lados. O Sr. Manoel Rodrigues Santana descreve:

Antigamente, assim no começo, o povo tinha aquele passeio que... Então os homens, por exemplo, vão assim para a direita e as mulheres vêm ao contrário, à esquerda. Aqui tinha, aqui tinha na 4ª Av.. Então o pessoal vinha de lá da Praça Boaventura assim, vinha na 4ª Av. até em baixo ali mais ou menos naquela esquina do hospital. Aquele vai e vem, eles falam o vai e vem. Quando os homens estavam subindo, as mulheres descendo, fazendo esse vai e vem. Assim aos sábados, domingos. Depois não sei porque deixaram, acabou. (Manoel Rodrigues Santana, abril, 2004)

Na praça também era cenário de festas, lugar onde população se reunia para dançar, tal como conta D. Valdecy Abadia de Andrade Calassa:

Tinha o ranchão do Aldôncio, ali onde é a Praça ali Boaventura. Aí o pau quebrava, minha filha, era noite inteira dançando. Porque não tinha aonde ir não, não tinha nada... (...) Vila Nova não tinha diversão não. Diversão era correr na rua, andar de bicicleta. Diversão para ir mesmo, não tinha nada, ia nesse salão lá do Aldôncio. (Valdecy Abadia de Andrade Calassa, março, 2004)

As lembranças sobre o Bairro parecem estar, em grande medida, ancoradas nas imagens espaciais formadas em torno dos seus diferentes lugares, que aparecem, nos relatos, revestidos de uma carga afetiva que se relaciona à biografia dos entrevistados. A Praça surge, assim, como um espaço capaz de condensar em si a lembrança das experiências aí vividas em distintas temporalidades, funcionando como elo entre o passado e o presente onde a memória do Bairro pode ser perpetuada.

Durante o trabalho de pesquisa, pude perceber que as lembranças sobre a Praça estão profundamente relacionadas às transformações que ocorreram no seu espaço no decorrer dos anos 60, quando então se iniciaram as primeiras obras voltadas para a sua urbanização. As comparações entre o que era a Praça nos anos 40 e 50 e o que se tornou depois, posteriormente aos anos 60, formam o núcleo central das recordações dos velhos moradores da Vila Nova sobre o local, como é possível observar nos relatos de D. Leila Braz Muniz e D. Selma Rodrigues Sales:

Primeiro começou com uma pracinha simples. Era simplezinha, tinha uns banquinhos de madeira, depois foi crescendo até que tomou parte naquela Praça todinha. Construiu o Mercado, porque lá de primeiro não era Mercado. Eu estava conversando com uma amiga minha esses dias, ela me contando. Tinha umas casinhas lá assim. (Leila Braz Muniz, abril, 2004)

Quando nós viemos para cá a Praça já existia, mas do jeito que eu falei, era uma coisa simples, não aqueles detalhes todos que a prefeitura fez, aqueles canteiros, eu me lembro apenas de um canteiro com poucos... o espaço sem asfalto, sem nada. Depois que foi asfaltado, houve toda aquela arrumação, foram feitos aqueles canteiros, quer dizer, ela melhorou bastante, melhorou bastante. (Selma Rodrigues Sales, abril, 2004)

Durante a década de 60, a Praça foi pavimentada, e em seu espaço foram construídos bancos e canteiros de flores. Tudo isso, associado à edificação do Mercado, em 1958, faria com que a Praça tivesse o seu movimento intensificado. A partir desse período, ela passa a funcionar também como lugar de comemoração e palco de atividades cívicas, tais como os desfiles de 7 de Setembro, lembrados pelos moradores do Bairro.

Recordando o período de sua infância na Vila Nova, vivido durante as décadas de 1960 e 1970, D. Mara Sandra Parente Lemos narra a sua participação nas comemorações ocorridas na Praça Boaventura descrevendo como se dava a sua apropriação pelas crianças do Bairro:

Os desfiles, na Praça eu jogava queimada também, na Praça, época de 7 de setembro hasteava bandeira na Praça e nos desfiles na Praça a gente ficava. Na Praça os meninos jogavam bola também, a Praça Boaventura era uma referência, então hoje mudou muito. (Mara Sandra Parente Lemos, abril, 2004)

De acordo com o narrado pelos entrevistados, a Praça, que deveria ser chamada, após a sua inauguração oficial, de Praça do Sagrado Coração de Jesus,

em virtude da igreja católica de mesmo nome aí localizada, acabou recebendo o nome de Praça Boaventura, em homenagem à memória de um dos mais importantes personagens da Vila Nova, falecido por ocasião de sua inauguração. Ex-mestre de obras, líder comunitário do Bairro e vereador de Goiânia, Boaventura Moreira de Andrade foi um dos responsáveis pela consolidação da Vila Nova e pela própria urbanização da Praça, cujas obras foram concluídas após a sua morte.

As lembranças da Praça estão estreitamente ligadas à memória de Boaventura, e são narradas da seguinte maneira pelo Sr. José Fernandez Queiroz e por D. Valdecy Abadia de Andrade Calassa:

Essa Praça até não era... era outro nome da Praça, mas na véspera de inauguração da Praça o Boaventura faleceu, aí mudou o nome da Praça, ficou o nome de Boaventura nessa Praça aqui, ela ia chamar Praça Coração de Jesus por causa da Igreja aqui que é do Sagrado Coração de Jesus. Aí mudaram para Boaventura, morreu na véspera da inauguração. (José Fernandes de Queiroz, abril, 2004)

Ele não viu a Vila Nova asfaltada, ele lutou tanto! Trabalhou tanto por aquela Praça que ele ia para dentro das valetas, ajudar a construir as valetas para fazer a canalização de água, de esgoto, de tudo. Ele não viu isso, lutou tanto para asfaltar, para ver as praças, para ver a energia chegar... não viu nada. Morreu antes. (Valdecy Abadia de Andrade Calassa, março, 2004)

Segundo os relatos, a construção do Mercado Popular, no final dos anos 50, intensificou a movimentação na Praça Boaventura, que passou a atrair um grande número de freqüentadores de outras localidades de Goiânia que acorriam ao Mercado para comprar os produtos que aí eram oferecidos. Essa situação durou até o início dos anos 80, com a decadência do estabelecimento em virtude da multiplicação dos supermercados que surgiram em diversos bairros de cidade.

Embora a apropriação da Praça durante os horários comerciais seja significativa em função dos estabelecimentos situados no seu entorno, os seus freqüentadores diminuem sensivelmente após o encerramento das atividades comerciais, no final do dia e nos fins de semana. Apesar disso, um pequeno movimento de pessoas ainda pode ser observado durante a noite, freqüentando os quiosques de lanches que permanecem abertos nesse período.

Os moradores também se lembram de outras formas circunstanciais de ocupação mais recentes do espaço da Praça, como a Feira da Marreta que, durante a década de 90, era aí realizada nas manhãs de domingo, quando então diversos camelôs se instalavam na Praça para vender e trocar diferentes tipos de produtos novos e usados. Essa feira recebia uma expressiva quantidade de pessoas aos domingos, sendo formada por um grande número de barracas onde se viam pessoas consertando e vendendo relógios, sapatos, roupas, ferramentas usadas, objetos vindos do Paraguai, fitas piratas, peças de automóveis e outras mercadorias, comercializadas sem a utilização de recibos ou notas fiscais.

A feira da Marreta não era bem vista por muitos moradores da Vila Nova, em virtude da procedência obscura dos objetos aí vendidos, sobre os quais pairava a suspeita de serem produtos de roubos ocorridos em diversas partes de Goiânia. Concebida por alguns entrevistados como uma forma inadequada de apropriação do espaço da Praça, realizada por pessoas alheias à comunidade do Bairro, a feira foi alvo de sucessivas reclamações junto ao poder público que resultaram na sua transferência, em 1997, da Vila Nova para o Parque de Exposições-Agropecuárias, localizado na Nova Vila. A Feira da Marreta é recordada da seguinte maneira por D. Mara Sandra Parente Lemos:

A Praça era dia de domingo, era Praça da Marreta, sabe aquele povo que vinha vender coisas que roubavam e vinham para a Praça, então assim a Feira da Marreta. Só dava gente assim mau elemento, sabe como que é? Você queria achar uma coisa que roubaram em Goiânia era vir na Feira da Marreta. Então era nos domingos, era ponto de referência, todo mundo conhecia, a Praça ficou famosa pela Feira da Marreta, que hoje até saiu, foi para a Pecuária. (Mara Sandra Parente Lemos, abril, 2004)

Embora a Praça Boventura seja pouco freqüentada pela comunidade do Bairro, deixando de se constituir, à primeira vista, como uma localidade propícia aos encontros entre a vizinhança, uma observação mais atenta parece ser fundamental na identificação de novas formas de apropriação do seu espaço. Freqüentada por profissionais de transporte, que aí oferecem serviços de frete, táxi e mototaxi, por jovens que durante a noite lancham nos quiosques e até mesmo por crianças que, nos finais de tarde, acompanhadas de suas mães, brincam num parquinho aí localizado, a Praça também continua sendo visitada por muitos dos velhos

moradores do Bairro, que se reúnem com os amigos nos bares e lanchonetes situados na parte externa do Mercado para conversar.

Nos relatos dos moradores é possível observar que o reconhecimento visual do espaço da Praça parece perpetuar um certo sentimento de segurança advindo da certeza de que as principais localidades materiais que compõem o Bairro permanecem como referências para as suas memórias. Esse sentido de continuidade temporal estabelecido entre passado e presente, dado pela confirmação de que esses lugares seguem existindo, faz com que os moradores se reconheçam no espaço em que vivem, fortalecendo o seu vínculo de pertencimento junto a comunidade da Vila Nova e garantindo a manutenção de sua identidade advinda da lembrança das experiências aí vividas.



Praça Boaventura

Foto: Sílvia Clímaco Mattos

Ano: 2008

Embora a Praça continue sendo uma referência espacial dentro do Bairro, ela não está, entretanto, completamente isenta à lógica da metropolização que atinge Goiânia, como um todo, e que fez com que várias de suas localidades deixassem de

ser lugares de memória para se transformarem apenas em espaços de passagem, usados para o trânsito de pedestres. Diferentemente do que ocorre nas praças de algumas localidades interioranas do país, as praças das grandes metrópoles perderam, em grande medida, a sua antiga capacidade de atrair a população urbana. (GOMES, 2007, p. 107)

Esse crescente afastamento que ocorre nas grandes cidades em relação aos locais públicos de convivência e de lazer atingem, em especial, os grupos sociais de mais alto poder aquisitivo, que, temendo a violência urbana, parecem preferir a convivência em certos espaços protegidos, caracterizados pelo seu caráter íntimo e privado, cercado por portões, grades e muros ou simplesmente inacessíveis a uma grande parcela da população em virtude de seu aspecto economicamente seletivo. Talvez por esse motivo, as praças nas grandes cidades são espaços utilizados, principalmente, pela população de baixa renda que, privada do acesso a outros centros de lazer e de consumo, recorre a esses locais como forma de se divertir e estabelecer contato com a vizinhança. (GOMES, 2007, p. 108)

Apesar de todas essas transformações que atingiram Goiânia, é possível afirmar que a Praça Boaventura continua ainda mantendo grande parte de sua função como lugar de memória do Bairro. Para os moradores ela é um símbolo do início da ocupação da Vila Nova, espaço de brincadeiras das crianças, lugar de consagração da memória de Boaventura Moreira de Andrade e palco de uma grande diversidade de atividades, comemorações e festas que, no passado, eram encenadas no Bairro. A Praça ainda é parte do cotidiano dos velhos moradores, funcionando como suporte para as suas identidades em grande parte construídas em torno do sentimento de enraizamento ao espaço urbano da cidade.

3.2. O Mercado Popular

O Mercado da Vila Nova encontra-se situado na parte oeste da Praça Boaventura, local, onde, anteriormente à sua construção, existia apenas uma feira de frutas e verduras, voltada para a população do próprio Bairro. Com a construção do Mercado, inaugurado no final dos anos 50, a feira aí existente foi por ele absorvida, passando a funcionar no interior do estabelecimento.

O Mercado possui uma estrutura interna coberta, e está dividido em pequenas salas que, após a sua inauguração, foram vendidas ou alugadas pela prefeitura de Goiânia e pela empresa construtora responsável pela sua edificação. A sua importância, hoje, se encontra no fato do Mercado se constituir num lugar de memória da Vila Nova, o que pode ser confirmado nas narrativas dos moradores que o descrevem como um dos espaços mais significativos do Bairro.

De acordo com os relatos, o Mercado, durante as décadas de 1960 e 1970, foi um grande centro comercial, onde era possível encontrar uma extensa variedade de produtos, capaz de atrair tanto os moradores do Bairro, quanto pessoas oriundas de outras localidades de Goiânia. Foi nesse período que o Mercado atingiu seus tempos áureos, passando a abrigar não apenas a feira anteriormente citada, mas, também, outros tipos de comércio e serviços, tais como joalheria, farmácia, barbearias, pastelarias e açougues. Paulatinamente, o Mercado se tornou um dos maiores atrativos para os moradores da Vila Nova e moradores de bairros vizinhos que, por mais de duas décadas, tiveram a sua vida social girando em torno do Mercado, como comenta o Sr. José Fernandez Queiroz:

O comércio aqui do Mercado abastecia o Setor Sul, o Setor Oeste... se abasteciam aqui naquele tempo, por causa da facilidade de estacionamento, essa Praça grande, o Mercado ali. O movimento de carro aqui no setor era muito pequeno ainda e o comércio era da gente, um comércio bom, o Mercado aqui. O Mercado aqui abastecia, muito amplo aí dentro, todo tipo de verdura, de fruta, doze açougues aqui no Mercado, quando começou. Era muito fácil, muito favorável comprar aí, então se abasteciam muito aí, um comércio pesado, viu. E todo mundo se beneficiou disso, até passar essa fase assim. (José Fernandes de Queiroz, abril, 2004)

Ainda hoje, os moradores se recordam do período de prosperidade vivenciado na Vila Nova, que duraria até o início dos anos 80, quando então o Mercado começou a perder prestígio e movimento devido ao surgimento de outros locais de compra e venda de mercadorias. Testemunha de diversos acontecimentos ocorridos no Mercado Popular, em virtude dos muitos anos em que trabalhou nesse estabelecimento, onde, há mais de quatro décadas, possui uma pequena joalheria, o Sr. José Fernandes de Queiroz assim descreve a trajetória do Mercado:

Aí o Mercado foi movimentando assim nos anos seguintes e quando foi em 64 houve um fluxo de comércio muito bom na Vila Nova, foi uma época muito boa. Até que começaram aí a época dos shoppings centers. Aí quando começou os supermercados, primeiro foram os supermercados, foi diminuindo o comércio da Vila Nova. Depois os shoppings e aí a Vila Nova

hoje está meio decaída. Mas foi muito bom de comércio aqui na época de 64 até 81. De lá para cá foi decaindo, decaindo e a Vila Nova hoje está muito limitada, está meio desprezada comercialmente. A turma vai mais para o lado do Centro, do Centro não, dos shoppings centers, que viraram o ponto comercial. Na Vila Nova diminuiu muito. (José Fernandes de Queiroz, abril, 2004)

Prejudicado por outros tipos de estabelecimentos comerciais fixados em novos bairros, pela falta de incentivo governamental e pela a criação das redes de supermercados e shopping centers, o antigo Mercado Popular encontra-se quase desativado, com as salas situadas em seu pátio interno, em sua maioria, fechadas. As lojas situadas de frente para a Praça Boaventura e ruas adjacentes, a chamada parte externa do Mercado, ainda continuam funcionando, embora com um movimento bastante reduzido se comparado ao de anos anteriores, o que é lamentado por muitos moradores do Bairro, tal como o Sr. Domingos Soares Santos:

Nosso antigo Mercado da Vila Nova nunca mais decolou, o Mercado lá. Se você for no Mercado da Vila Nova hoje em dia você vai ver as lojas fechadas, o que resiste lá um pouquinho são os vendedores de fumo, que vende aqueles de fumo de rolo, mas a maior parte já fechou. (Domingos Soares Santos, abril, 2004)

Ainda assim, é comum ver alguns grupos de velhos moradores, em especial homens aposentados, conversando, durante o dia, com seus amigos nos estabelecimentos que compõem a parte externa do Mercado. As relações de amizade e vizinhança se mesclam às relações de compra e venda, sendo freqüente encontrar antigos vendedores de jogo de bicho, sorveteiros, freteiros e taxistas desempenhando, simultaneamente, as suas funções profissionais e o seu papel de vizinhos, amigos, fregueses e parceiros de jogos, nos arredores do Mercado.

Concebido pelos velhos moradores do Bairro como patrimônio histórico-cultural⁴ da Vila Nova, o Mercado encontra-se investido de uma aura simbólica pelos seus antigos freqüentadores. O esquecimento desse patrimônio é percebido por eles como uma ameaça à memória da Vila Nova, pois, na medida em que um crescente número de pessoas não recorda o seu significado, privando-o de seu reconhecimento como monumento memorável, as lembranças construídas sobre o

⁴ Entendo por patrimônio histórico-cultural a produção material ou manifestação imaterial de homens do passado, legados ao tempo presente e reconhecidos como um bem cultural pela comunidade que os recebe como herança ao reafirmar a sua importância para a constituição de sua memória e identidade.

Bairro correm o risco de desaparecerem, juntamente com a extinção da comunidade de memória formada pelos velhos moradores. Comparando o passado do mercado com o que pode ser observado em seu presente, o Sr. José Teodoro da Silveira narra:

Depois eles fizeram o Mercado, agora acabou aquilo ali. Lá dentro não tem nada quase, em vista do que era, acabou tudo. Tem muita sala vazia. Tem barbeiro, tem negócio de comida, mas lá dentro tem muita sala lá que está vaziazinha. Não tem mais aquela coisa. Antigamente era assim, ó! O povo vendia, vinha esses caras que mexiam com verdura, esses trem, tudo vinham ali para o Mercado. Uns tinham as bancas, já tinham alugado quando alugava da prefeitura. Outros compravam, às vezes. Salão (barbearia) agora só tem dois, parece. Teve uma vez que tinha seis salões de barbeiro. Aí foi acabando, dois morreram, os donos, as mulheres venderam as cadeiras, tiraram. Outros compraram as salas, outros alugaram da prefeitura, foram pondo outras coisas. Mais lá é pastelaria, essas coisas, tem farmácia, tem uma de cima, outra lá de baixo, açougue, lá de baixo tem uma lojinha de vender roupa, esses trem aí. Lá dentro tem uns trem lá, eu entrei faz tempo, eles estavam vendendo umas coisinhas lá, mas o cara falou pra mim que acabou. 'Não Zé, isso aqui acabou.' Tem os que vendem, tem muita coisinha assim, lá de fora ali. Mas não é aquele... que aquele tempo, acho que você nem tinha nascido naquela época, tinha não. Era lá um movimento danado, nossa! Você chegava dia de domingo, aquilo lá ficava assim de gente, comprando. Vendia tudo quanto é coisa. O que quisesse tinha lá. Depois foi acabando, daqui para ali, foi acabando com o Mercado. (José Teodoro da Silveira, março, 2004)

A lembrança e o esquecimento em relação ao Mercado parecem se constituir em duas faces de uma mesma moeda, ambos compondo a memória desse estabelecimento. Na medida em que a comunidade de memória que mantém a recordação do Mercado vai se extinguindo em virtude da velhice e morte dos antigos moradores que acompanharam a trajetória do estabelecimento, as lembranças relacionadas ao Mercado vão, pouco a pouco, se desvanecendo, privadas dos antigos grupos que, no passado, lhes davam sustentação.

É provável que esse esquecimento se deva, em grande medida, ao declínio comercial vivido pelo Mercado, que retirou dele a sua antiga função de centro comercial do Bairro. Embora o estabelecimento tenha passado por reformas, essas não foram suficientes para a sua reativação, devido a dificuldade de se competir com os supermercados que oferecem uma gama maior de produtos, num mesmo local, a preços mais acessíveis.

Preocupados com a situação do Mercado, os moradores consideram imprescindível que sejam estabelecidas diretrizes que primem pela sua recuperação e manutenção, visando não apenas a atração de novos clientes e a manutenção dos

seus antigos frequentadores, mas, também a continuação da memória que envolve esse espaço. Ao compararem a situação do Mercado com o que vêem em outros bairros, onde o comércio se desenvolveu de forma mais significativa, os proprietários de estabelecimentos comerciais e velhos moradores do Bairro se queixam do descaso do poder público em relação ao local, reivindicando reformas e incentivo ao desenvolvimento de um dos principais lugares de memória da Vila Nova.

A percepção de que o Mercado foi abandonado por aqueles que poderiam promover a sua reativação, dando-lhe novas destinações, é assim narrada pelo Sr. José Fernandez Queiroz:

Estão tentando com um pessoal, com esses prefeitos assim do interior, daqui de perto, do entorno, para fazer uma feira permanente de produtores pra vir aqui, no pátio interno (do Mercado). Mas isso aí só saiu foi conversa, até agora não saiu nada preparado de fato. (José Fernandes de Queiroz, abril, 2004)



Mercado Popular

Foto: Sílvia Clímaco Mattos

Ano: 2008

Ainda que esses velhos moradores, como bons narradores, se esforcem por transmitir suas recordações sobre o Mercado, numa tentativa de estabelecer uma continuidade entre o ontem e o agora, as suas experiências de outrora parecem não encontrar escuta junto outros grupos, permanecendo restritas aos seus círculos mais próximos de amizade. Para esses indivíduos, o Mercado continua sendo um lugar de memória, ainda que ameaçado em virtude da extinção que, a médio prazo, eliminará as suas lembranças, caso elas não sejam incorporadas à memória das gerações mais jovens do Bairro.

3.3. A Igreja do Sagrado Coração de Jesus

Uma das particularidades da Vila Nova é a grande quantidade de igrejas e templos, pertencentes a diferentes seguimentos religiosos instalados no Bairro. Entre os mais freqüentados e os de maiores dimensões destacam-se a Igreja Católica do Sagrado Coração de Jesus, a Igreja Batista da Vila Nova, a Igreja Presbiteriana, a Irradiação Espírita e a Assembléia de Deus, situadas há várias décadas no Bairro. Além dessas, muitas são as pequenas igrejas evangélicas que, surgidas, mais recentemente, encontram-se espalhadas em vários salões alugados, distribuídos por toda a Vila Nova, onde atendem não apenas aos moradores do Bairro, mas, também, àqueles procedentes das mais diversas partes da cidade. Essa grande diversidade religiosa na Vila Nova, entretanto, não será aqui abordada, pois, nesse trabalho, falarei apenas da Igreja Católica do Sagrado Coração de Jesus, a mais freqüentada pelos velhos moradores do Bairro e a que mais se encontra vinculada à memória da Vila Nova.

Surgida, em 1941, no local onde hoje é a Praça Boaventura, a Igreja era apenas um barracão improvisado onde então eram realizadas as celebrações das missas dominicais. Essa estrutura inicial foi, posteriormente, substituída por uma capela ligada à Paróquia do Imaculado Coração de Maria, cuja construção foi iniciada em 1944. Recordando o período em que a igreja ainda se encontrava em estado inicial de formação, Sr. Manoel Rodrigues Santana recorda:

(...) aí mudamos para aqui e a gente passou a freqüentar aqui, a paróquia daqui. É que naquele tempo também não chamava aí de paróquia, não, era um rancho, um rancho não, um barracãozinho mais ou menos no centro assim do terreno lá. Até aquele portão que entra para outra parte de lá, era mais ou menos ali que tinha um barracão que era onde celebrava a missa, celebrava a missa. O sino era uma peça de caminhão pendurada assim no caibro do barracão, e como o outro pedaço batia, batia naquilo. Era o sino chamando a comunidade para a participação. E aí a gente sempre morando aqui, continuei a freqüentar a mesma paróquia. (Manoel Rodrigues Santana, abril, 2004)

Freqüentada pela comunidade do Bairro, a Igreja receberia, em 1955, um lote maior na Praça Boaventura, doado pelo governo do Estado para a construção de uma paróquia. Em 1957, ela foi elevada à condição de Paróquia do Sagrado Coração de Jesus, embora as atividades religiosas continuassem sendo realizadas na capela, a chamada “igrejinha”, da qual se recordam os velhos moradores do Bairro. As obras da Matriz, iniciadas em 1975, sob a supervisão do padre Gregório Batista só foram finalizadas em 1978, quando o templo adquiriu as suas dimensões atuais.

A Igreja do Sagrado Coração de Jesus, de acordo com as falas dos moradores, se constitui num marco espacial dentro da Vila Nova, localizado na principal praça do Bairro, a Praça Boaventura. A Igreja é um lugar de memória que evoca a lembrança dos anos de formação do Bairro, que ocorreram simultaneamente à sua edificação.

Os moradores que se mobilizaram para construir suas vidas na Vila Nova, adquirindo, pouco a pouco, a posse dos loteamentos e das casas financiadas, ao mesmo tempo em que lutavam pela implementação de benfeitorias urbanas no espaço do Bairro, estiveram, nesse mesmo período, envolvidos com as obras do templo, que, aos poucos, era erguido na Vila Nova. Participando ativamente da construção da Igreja, seja recolhendo doações e promovendo festas para angariar fundos para a sua edificação, seja trabalhando em reparos e reformas de sua estrutura física, os moradores têm com a Igreja uma profunda ligação, como é possível observar nos relatos sobre episódios ocorridos durante a sua construção. D. Leila Braz Muniz conta:

Uma vez deu uma chuva, arrancou o telhado da Igreja quase tudo. Foi no outro dia estava o Padre Otávio em cima do telhado lá, com a batina enrolada, consertando, colocando telha. Aí juntou todo mundo da Vila Nova, a turma da Vila Nova, os homens, e foram lá ajudar ele a colocar o telhado na Igreja, sabe. (Leila Braz Muniz, abril, 2004)

A memória de formação do Bairro encontra-se vinculada à memória da Igreja, na medida em que o seu espaço religioso foi cenário de vários acontecimentos locais que se desenrolaram na Vila Nova. Depositária de um imaginário que evoca a luta dos moradores pela sua fixação no Bairro, a Igreja parece se constituir como símbolo maior de resistência, lugar onde a comunidade reunida expressava a sua fé no sagrado, alimentando a esperança coletiva de que, à semelhança do que ocorria com a Igreja que, aos poucos, era erguida na Vila Nova, eles também construiriam, gradativamente, suas vidas no Bairro. O processo de edificação da Igreja, construída com o auxílio dos moradores é assim narrada por D. Lêda Araújo Vilela:

Começou devagarzinho, os fiéis ajudando... doações, fazia festinha, festivais assim, barraquinha, aquelas barraquinhas que tinha... correio elegante, quermesse. Fazia, foi arrecadando dinheiro e construindo. Aí, aqui da Vila Nova foi uma Igreja pequenininha, depois fez a casa paroquial, que era o salão, aí depois de bem tempo que construíram a Igreja, que é essa que ainda tem hoje aí. É a que eu frequento. Até hoje... era uma igreja pequena pequenininha lá assim, aí foram fazendo, fizeram o salão paroquial, aí passou pra ele, desmanchou a outra e construiu essa que é hoje, que está aí. (Lêda de Araújo Vilela, março, 2004)

Embora a memória dos moradores sobre a Igreja seja parte da memória coletiva, ela também se entrelaça às suas biografias individuais. As recordações do passado aí vivido, são perpassadas por um significado afetivo, pois a igreja não apenas foi o local onde os moradores frequentaram, semanalmente e ao longo de décadas, a missa aos domingos, mas também se constituiu no espaço onde ocorreram importantes rituais religiosos, tais como os seus casamentos e os batizados de filhos e netos. Recordando o seu casamento na capela do Bairro, Sr. Eliseu Barreira Lemos, conta:

A Igreja quando eu cheguei era uma capelinha. Eu casei aí, em 61. Ainda era uma capelinha. Chovendo, que debaixo de água. Era uma capelinha. (Eliseu Barreira Lemos, abril, 2004)

As lembranças sobre a Igreja também se relacionam aos festejos ocorridos no pátio do templo, tal como as festas juninas, das quais participavam toda a comunidade. As festas juninas, populares em quase todo país, durante décadas foram realizadas em diferentes partes do Bairro, constituindo-se num evento de grandes proporções na Vila Nova, capaz de atrair pessoas de outras localidades da cidade. Embora essas comemorações tenham diminuído consideravelmente, ainda

assim elas seguem ocorrendo na Igreja com a participação de seus fiéis. As lembranças das festas juninas realizadas na Igreja são assim narradas pelo Sr. Joaquim Cardoso Sales:

A Igreja aqui teve uma atuação muito forte junto à população, inclusive com festas, também. Festejos juninos, eles faziam barraquinhas na Igreja, era uma semana de festa, o Bairro todo participava. A Igreja teve uma participação muito forte perante a população aqui do Bairro. (Joaquim Cardoso Sales, abril, 2004)

E o Sr. José Fernandes de Queiroz complementa:

Teve uma coisa, ranchão na Igreja aqui, no salão da Igreja, no pátio da Igreja, quando foi para construir a Igreja, eles faziam festa junina, chamava-se 'o ranchão' e vendiam aquelas coisas lá. Faziam quitute, festa assim mais com quermesse, com leilão, com negócio e tal, para angariar dinheiro para a construção de parte da Igreja, que a Igreja era muito pequena na Vila Nova, queriam construir uma Igreja maior, justamente nesse tempo do padre Gregório, do padre Anacleto, do padre Jaime. Foram os três que construíram parte da Igreja, que construíram isso que tem daí. O movimento da Igreja era... era essa festa, tinham essas barracas lá, você entrava, pagava o ingresso para entrar e lá eles assumiam os comes e bebes, como eram essas festas no interior mesmo. (José Fernandes de Queiroz, abril, 2004)

A dimensão afetiva da memória sobre a Igreja perpassa, também, a lembrança dos primeiros padres que atendiam a população da Vila Nova, recordados de forma saudosa pelos moradores mais antigos. Responsáveis pela criação de uma escola voltada para o atendimento das crianças do Bairro que, até recentemente, permaneceu funcionando em convênio com o governo do Estado, em espaço situado nos fundos do terreno da Igreja, os padres são parte das recordações da comunidade. Personagens significativos na trajetória da instituição, os padres são recordados, da seguinte maneira, pelo Sr. Eliseu Barreira Lemos:

O padre Otávio era um padre muito bom, brincalhão, ele brincava com a meninada aí, jogava bola. Se você visse a batina dele, o colarinho aí, era mesmo que ver o barro de Vila Nova. Era vermelho o barro assim. Padre Otávio era muito dado com o povo. Ele muito bom... depois o padre Otávio sai, entrou o padre... Aí na época o padre Otávio tinha idéia, mas já quem construiu esse colégio foi outro. Era o padre Leopoldino. O Anacleto e o Leopoldino que organizaram esse colégio aí. (Eliseu Barreira Lemos, abril, 2004)

Os padres são recordados por moradores de diferentes idades e gerações, tendo a sua memória vinculada, em alguns relatos, à memória da escola por eles

fundada. D. Mara Sandra Parente Lemos, filha do Sr. Eliseu, cuja fala foi acima citada, ao recordar-se da Escola Reunida São José onde estudou, menciona a figura de um dos padres que atendia na Igreja da Vila Nova, narrado as brincadeiras vividas na escola, então administrada pelos padres do Bairro:

Eu estudei na igreja, tinha a igreja aqui ao lado, hoje na Paróquia Coração de Jesus, e eu brincava de queimada na Igreja. Tinha um buraco no lugar onde era a Igreja tinha um buraco, tinha o padre Anacleto que não gostava que a gente brincava no buraco. (Mara Sandra Parente Lemos, abril, 2004)

A Igreja do Sagrado Coração parece se constituir num precioso bem simbólico, num patrimônio histórico-cultural capaz de evocar a memória da Vila Nova. Nesse espaço, os velhos moradores reafirmam seus vínculos de pertencimentos a antigos círculos de amizade, compostos pelos vizinhos que continuam a pertencer à Igreja, assim como têm a oportunidade de interagir com àquelas gerações mais jovens, que também participam das atividades religiosas do lugar.

Ao recordarem um passado em que o espaço religioso ainda ocupava um lugar central em suas vidas, os moradores narram episódios passados na Igreja, tais como as celebrações e procissões que compunham os diferentes rituais aí encenados. Os relatos de alguns entrevistados evocam uma extensa participação nessas comemorações, bem como histórias sobre a criação de seus próprios espaços de atuação na comunidade. A formação de grupos leigos, alguns de cunho assistencialista, outros de caráter devocional, também são mencionados, tal como podemos observar na fala Sr. Manuel Rodrigues Santana, que relata o surgimento da congregação Mariana, formada em torno da devoção à Nossa Senhora da Glória:

Aí eu sempre auxiliando as missas... aí a gente fundou, eu mais uns dois outros companheiros, fundamos aí a congregação mariana, Nossa Senhora da Glória, com o nome de Nossa Senhora da Glória, no dia 15 de agosto de 1944. Éramos diversos, tinham muitos convidados. É que com o tempo, a maioria era assim solteiro, sabe, casaram, foram espalhando, cada um procurando os seus meios de vida. (Manoel Rodrigues Santana, abril, 2004)

Após várias décadas de sua edificação, a Igreja do Sagrado Coração de Jesus teve a sua influência parcialmente reduzida na vida do conjunto dos moradores do Bairro, pois se a fé católica, outrora hegemônica, era vivida intensamente por toda coletividade, de uma maneira socialmente condicionada e quase obrigatória, atualmente, ela já não mais ocupa o mesmo espaço que possuía no passado na

vida social dos indivíduos, dividindo a sua importância com outras atividades cotidianas. O esvaziamento do poder da instituição junto às comunidades talvez possa ser atribuído ao momento histórico atual, marcado pelo crescimento de outras religiões, principalmente as neopentecostais, e pela precedência do Estado laico no cenário político e na vida social do País.



Igreja do Sagrado Coração de Jesus

Foto: Sílvia Clímaco Mattos

Ano: 2008

Os relatos podem, de alguma forma, elucidar o impacto provocado por essas transformações na comunidade religiosa do Bairro. Em muitas narrativas, entretanto, os problemas atualmente vivenciados pela Igreja católica não são compreendidos como causados pela crescente diminuição do controle da instituição na vida das populações urbanas, em geral, mas sim como resultado de confrontos ocorridos em âmbito local, que fizeram com que a Igreja deixasse de ser um espaço de solidariedade e auxílio mútuo, para se transformar, de acordo com alguns moradores, num espaço de conflitos e disputas entre diferentes grupos de leigos. Os relatos, à seguir, pertencentes ao Sr. Geraldo Faria Campos e à D. Mara Sandra

Parente Lemos, ilustram essa percepção da Igreja como um espaço de conflitos, compartilhada por alguns moradores:

Olha, a Igreja no momento em que a gente participava lá era um momento assim de efervescência. Hoje eu não sei como está, eu freqüento a missa do sábado, mas eu acho que a Igreja de Vila Nova não atravessa um bom momento agora, eu acho que tem assim, muita coisa por resolver, tem leigos que passaram a ser donos da coisa, complicado. (Geraldo Faria Campos, abril, 2004)

(...) igual mesmo a Igreja, eu vou te dar o exemplo da Igreja aonde eu freqüento, a Igreja, a comunidade é... toda Igreja tem seus conflitos, a Igreja da Vila Nova era para estar uma Igreja fervorosa, uma Igreja, sabe assim? E no entanto muita gente saiu da Igreja, foi dispersando, foi dispersando as pessoas. Eu fico triste porque não é uma comunidade unida, não é. Então a Igreja tinha tudo para ser uma Igreja, sabe? A comunidade ser mais fervorosa, mas não é. (Mara Sandra Parente Lemos, abril, 2004)

Apesar de tudo isso, a igreja permanece sendo um lugar de inserção efetiva dos velhos moradores na comunidade do Bairro. Funcionando, de acordo com os entrevistados, como um local de coesão, capaz de agregar, no passado, os moradores da Vila Nova, a Igreja tem ainda, no presente, um papel importante junto a esses moradores. Ao se constituir numa localidade propícia aos encontros da comunidade, a Igreja surge como um lugar onde, apesar de todas as transformações ocorridas, as pessoas ainda encontram oportunidade de se reconhecerem, identificando nos símbolos religiosos católicos, os vestígios de seu próprio passado.

3.4. A Feira Livre

A Feira Livre acontece todas as manhãs de domingo numa das principais avenidas do Bairro, a 9ª Avenida. Formada⁵ por um conjunto de barracas onde são comercializadas frutas, verduras, queijos, farinhas e doces provenientes de sítios e fazendas do entorno de Goiânia, a feira foi realizada, por décadas, nas imediações

⁵ Os entrevistados não souberam precisar a data do surgimento da Feira, que, de acordo com os relatos, nasceu de modo espontâneo, juntamente com as primeiras casas construídas na região onde, atualmente, é a Praça Boaventura.

da Praça Boaventura, até a sua transferência, em 1958, para a 9ª Avenida, onde passou a ser realizada aos domingos.

Na Feira são oferecidos gêneros hortigrangeiros que, no passado, vinham de chácaras situadas dentro da cidade, mas que, devido a expansão urbana de Goiânia e o parcelamento dessas antigas áreas produtoras de alimentos, passaram ser produzidos em sítios e fazendas mais afastadas da capital. Vendidas, atualmente, por feirantes que, não necessariamente, são os produtores diretos desses alimentos, se constituindo, em sua maioria, em intermediários dentro da cadeia produtiva, muitas das mercadorias que, aos domingos, são oferecidas na feira são, durante os outros dias da semana, comercializadas na CEASA - Centrais de Abastecimento de Goiás.

D. Leila Braz Muniz descreve, da seguinte maneira, como a feira era realizada, no decorrer das décadas de 1960 e 1970, quando então ela já funcionava na 9ª Avenida:

Por exemplo, nós, aqui muito perto de nós, tinha muita chácara, entendeu? Então ali mesmo, ali na Praça da Bíblia tem uma chácara, ainda existe um pedaço lá que é uma chácara, de uma das pessoas, uma pessoa muito importante de Goiânia. Aí tinha muita chácara, as pessoas da chácara vinham e vendiam, o próprio chacareiro era o feirante. Então chamava Feira Livre da Vila Nova. Era livre por causa disso, porque tudo mundo vinha das suas próprias chácaras e vendia as verduras lá. Vendia banana, vendia tudo, tudo o que tem lá hoje, tinha também antigamente. Mas isso já era assim... em 60, 62, até 70... aí começou a feira, a Feira Livre. (Leila Braz Muniz, abril, 2004)

Nos dias de feira, a 9ª avenida se transforma, pois se em dias comuns ela é simplesmente local de passagem de carros e pedestres, nos domingos ocorre outro tipo de apropriação da avenida, que então é ocupada pela feira em grande parte de sua extensão, incluindo as calçadas. Durante o período da realização da feira, os automóveis já não circulam nesse espaço, que então é tomado por uma multidão de compradores que transita entre barracas coloridas onde são expostos produtos variados, oferecidos pelos feirantes em meio ao burburinho coletivo.

Para grande parte dos moradores, a feira se constitui não apenas num local de compra e venda, mas também num lugar de passeio, freqüentado por famílias que se divertem em observar o movimento enquanto consomem os tradicionais pastéis que são aí vendidos. Surgindo como um espaço de encontro, de relacionamento entre antigos amigos e vizinhos, a feira movimenta, no seu período de duração, o

comércio de outros estabelecimentos do Bairro, como os bares e botecos, mantidos em funcionamento durante a sua realização em virtude do fluxo constante e acentuado de pessoas que, semanalmente, acorrem ao local.

A relação de afetividade estabelecida entre os moradores e a feira pode ser percebida na fala do Sr. Geraldo Faria Campos, que narra, da seguinte forma, as suas impressões sobre a mesma:

Ó na feira é... eu gostava demais do pessoal, houve uma paixão assim, da gente para o pessoal, porque eles parecem assim, os feirantes, já tem uns três anos que eu não frequento, eu frequentei durante uns vinte e cinco anos, eles me davam a impressão da alegria de estar ali para vender alguma coisa, mas ao lado da venda, a relação entre as pessoas. Então parece um clima assim muito familiar na feira. Tem um, não sei se você sabe, um pastel de feira, famílias vão... eu já vi assim famílias inteiras vão para comer o pastel quente na feira no domingo. Então tem esse pastel de feira assim muito, muito... chama o pessoal para a feira. (Geraldo Faria Campos, abril, 2004)

As relações sociais que aí se estabelecem são caracterizadas por um certo grau de intimidade, o que se justifica pelo conhecimento mútuo das pessoas que frequentam, há décadas, o local. A feira parece ser, para grande parte de seus frequentadores, um evento que ultrapassa a sua dimensão econômica, concentrada nas transações de compra e venda que aí se estabelecem, para se constituir numa manifestação cultural de caráter lúdico e afetivo.

De acordo com o narrado durante as entrevistas, a feira é um dos principais lugares de memória do Bairro, capaz de atrair não apenas os moradores da Vila Nova, mas também um número expressivo de pessoas provenientes de outras partes de Goiânia. Constituindo-se numa espécie de ritual semanalmente encenado pelos velhos moradores, as visitas à feira também oportunizam os encontros entre amigos e vizinhos, incluindo aí aqueles que já não vivem mais na Vila Nova, mas que retornam ao Bairro nas manhãs de domingos. A relação estabelecida entre a Bairro e cidade, por meio do espaço social da feira, é expressa, da seguinte maneira, por D. Mara Sandra Parente Lemos:

Hoje ainda tem pessoas que até hoje vem na feira da Vila Nova fazer compras no domingo. Vem comprar, sendo que Goiânia tem shopping, tem supermercado, tem tudo, mas tem que vir na feira no domingo, se não vir na feira não fez a compra, sabe como que é? É um ponto de referência a feira, então essas raízes que não poderiam acabar. (Mara Sandra Parente Lemos, abril, 2004)

As lembranças dos moradores sobre feira incluem, também, a sua compreensão como espaço de comunicação do Bairro, onde circulam diferentes tipos de notícias, muitas referentes aos acontecimentos ocorridos em outras partes de Goiânia. As histórias narradas possuem tanto um caráter local, ou seja, circunscrito ao interesse da comunidade, tais como àquelas que se relacionam aos vizinhos e à suas famílias, como uma dimensão global, que envolve e ultrapassa as narrativas que se referem ao espaço urbano cidade.

Caracterizando-se como um lugar de interseção entre a Vila Nova e Goiânia, o espaço móvel da feira é capaz de concentrar a recordação dessas duas dimensões da cidade. Aí a memória do Bairro é semanalmente reconstruída pelos velhos moradores, que encontram, no espaço feira, a oportunidade de reafirmação de suas identidades, em grande parte formadas em torno dos vínculos de pertencimento à comunidade de memória do Bairro.

3.5. O Parque Botafogo

Desde o início da ocupação da Vila Nova, seus moradores tiveram que conviver com as matas que então ocupavam grande parte das regiões atualmente urbanizadas do Bairro. A recordação da convivência estabelecida entre homem e natureza por ocasião da construção da cidade pode ser percebida nas narrativas dos entrevistados que se lembram que, por ocasião do surgimento das primeiras casas do Bairro, a mata ainda predominava em seu espaço. Referindo-se ao período da ocupação da Vila Nova, D. Leila Braz Muniz e D. Lêda Araújo Vilela contam:

Que aqui o mato, que aqui isso era tudo cerrado, nós andávamos era no meio do cerrado aí. (Leila Braz Muniz, abril, 2004)

Era muito bom, muito bonito. Tinha aqui, ainda tem, essa matazinha, que a gente chama mata. Ali era mata, mata cerrada mesmo. E daqui da Vila Nova, daqui a gente ia para o Centro, passava em trieiros, aqui não tinha casa. Aqui antigamente era fazenda, foi loteado, e formou aqueles trieiros. Tinha gado aí, pastando por aí... era muito tranquilo aqui, assim, nesse ponto, só o que era perigoso era a mata aí. A gente chamava mata do Botafogo. (Lêda de Araújo Vilela, março, 2004)



Parque Botafogo

Foto: Sílvio Costa Mattos

Ano: 1999

É importante recordar que no plano original de Goiânia constava uma preocupação com a criação de parques florestais, que deveriam ser formados a partir da preservação das matas já existentes. Adotando uma perspectiva ecológica inusitada para a época, o plano previa a arborização de ruas e avenidas da cidade e a criação de várias áreas verdes, como o Parque dos Buritis, o Bosque dos Bandeirantes (atual Lago das Rosas), o Parque Botafogo, o Parque das Paineiras (atualmente Clube da CELG, TELEGOIÁS e SANEAGO), o Parque Aquático do Jaó e outros parques lineares situados ao longo das margens dos córregos. (BERNARDES, 1998, p. 179)

Muitas foram, entretanto, as alterações pelas quais passou esse plano⁶, pois as dificuldades encontradas em sua implementação impediram a execução de várias de suas propostas. Ainda assim, o Parque Linear Botafogo, localizado entre a Vila Nova e o Centro foi, efetivamente, implementado, ou seja, introduzido como área pública destinada à preservação das matas à margens do Córrego Botafogo.

⁶ Sobre as transformações do Plano Urbanístico de Goiânia projetado por Atilio Corrêa Lima ver: Cordeiro (1989) Bernardes (1998) e Manso (2001)

O Parque Botafogo que, de acordo com o plano original de Goiânia, deveria contar com cerca de 54 hectares de área verde, teve, com o passar dos anos, sua área reduzida, possuindo, atualmente, apenas 17 hectares de seu total inicial. A ocupação irregular das margens do córrego, associada aos loteamentos promovidos nessa região pelo próprio governo do Estado, acabaram resultando numa devastação de grandes proporções, acentuada, ainda, pela criação da Av. Araguaia, que atravessou a mata, seccionando-a em duas partes, uma delas formando o Parque Botafogo e a outra compondo o Parque Infantil Municipal Mutirama. (BERNARDES, 1998, p. 187).

Ao referir-se a mata do Botafogo, hoje, Parque Botafogo, cujas dimensões, no passado, extrapolavam as que, atualmente, podem ser observadas, D. Valdecy Abadia de Andrade Calassa recorda, da seguinte maneira, as transformações que aí ocorreram ao longo dos anos:

Nós andávamos muito ali naquela mata, ali. Brincava de muito pique ali por dentro. Depois que passou a Av. Araguaia, porque não tinha a Av. Araguaia ali. O bosque era um bosque, direto. Depois que construíram a Av. Araguaia, que asfaltaram, aí já ficou mais difícil. Já não tinha mais liberdade para atravessar a rua... mas a pinguela continua, nós passávamos naquela pinguelinha o tempo todinho. Ali mudou agora, que puseram alambrado de lado. Mas não, teve uma época que teve uma chuva, uma chuva violenta. Foi uma das chuvas que mais marcou, que levou tudo, levou ponte, levou os armazéns ali da beira do Botafogo, levou tudo. Você olhava na beira do córrego você via sofá, cama, colchão, levou tudo, foi uma enchente que deu. Aí levou a ponte. Aí puseram dois paus, para a gente passar no pau. (Valdecy Abadia de Andrade Calassa, março, 2004)

O desaparecimento das matas que compunham o espaço do Bairro é compreendido de maneiras distintas pelos moradores entrevistados. Se por um lado muitos lamentam a destruição do meio ambiente original, o que significou uma perda efetiva do contato com a natureza circundante, sentida como uma limitação ao sentimento de liberdade e tranqüilidade experimentados no início da ocupação da Vila Nova, por outro, a sobreposição do espaço tomado pela mata por um espaço de características eminentemente urbanas representou também uma espécie de vitória ante a luta travada pelo progresso do Bairro, com a conseqüente domesticação de sua paisagem natural.

A presença do Parque na Vila Nova permite a evocação da lembrança de outros tempos, quando o Bairro ainda era parcialmente coberto por uma vegetação de cerrado, cujos restos podem ser visualizados no Parque Botafogo. O

desaparecimento das matas parece indicar a prioridade dada ao meio urbano em detrimento do meio rural, o que foi entendido, pelos moradores, como algo necessário, frente a urgência de que áreas inóspitas, consideradas distantes, fossem civilizadas de acordo com um ideal de cidade visto por eles, ora como positivo, tendo em conta as facilidades adquiridas, ora como negativo, em virtude da insegurança gerada, no presente, pelo perigo da violência que atinge o espaço urbano da cidade.

O Parque Botafogo, que é a maior área verde do Centro de Goiânia, também é atravessado por um córrego, o Córrego Botafogo. Esse córrego foi canalizado durante a administração do prefeito Nion Albernaz, entre 1989-1992, em virtude das obras para a construção da Av. Marginal Botafogo. Nessa ocasião, o bosque foi novamente seccionado, dessa vez em três partes, o que agravou o seu desmatamento, que antes disso já ocorria com as invasões formadas ao longo das ruas 200 A, B e C.

A degradação do Córrego Botafogo tem sido considerada como um dos mais graves problemas ambientais que atingem o Bairro. Completamente poluído devido, principalmente, ao esgoto jogado em suas redes fluviais sem nenhum tratamento, o córrego exala, durante a época da seca, um odor malcheiroso, incomodando a população situada no seu entorno. A recordação do Córrego Botafogo entre as décadas de 1930 a 1950, comparado, com atual situação a que foram reduzidas as suas águas é narrada, com indisfarçável pesar, por D. Valdecy Abadia de Andrade Calassa:

Limpo, cristalino! Cristalina a água do córrego Botafogo. A gente olhava assim para o fundo, você via as pedras. Quantas vezes tomei banho no rio Botafogo? Minha mãe ia para lá, para o córrego lavar roupa. Aquela roupa ficava clarinha, clarinha. Ó que judiação... acabou, acabou tudo, não tem mais. Nós não tínhamos cisterna em casa, nem água canalizada, ia lá na mina, na beira do córrego buscar água na mina. E tinha que fazer fila, que era muita gente. Então todo mundo ia buscar na mina. E água e água cristalina. Hoje eu vejo essa água do córrego Botafogo aí, dá tristeza. (Valdecy Abadia de Andrade Calassa, março, 2004)

A lembrança dos momentos passados na mata é uma constante nos relatos dos moradores, que se recordam de fatos cotidianos aí ocorridos, relacionados às brincadeiras de crianças, aos jogos de futebol, ao trabalho das lavadeiras, aos banhos refrescantes no córrego e às travessias e tombos na ponte que, por muito tempo, foi somente uma pinguela improvisada. A natureza que, com o passar dos anos, foi domesticada, também foi profundamente alterada, deixando saudades

naqueles que a experimentavam em seu aspecto selvagem, ainda que a custa de longas caminhadas dentro da escuridão do bosque, necessárias para o acesso a certas partes da cidade, como conta o Sr. Manoel Rodrigues Santana:

Daqui para a gente ir no Centro da cidade era trieiro, aí dentro da mata, aonde é a Av. Araguaia, aí era trieiro. O mato era fechado, e ali aonde está essa ponte aí, aí era pinguela. Depois fizeram uma ponte assim tosca de madeira, às vezes dava uma enchente, levava. (Manoel Rodrigues Santana, abril, 2004)

As brincadeiras vividas no Parque, durante a infância, também são recordadas pelo Sr. Edson Alves Barros:

Ali era brincadeira de menino, esconde, esconder bolinha de gude,... você escondia e cada um tinha o seu esconderijo dentro do bosque. E eu não sei como os meninos achavam o esconderijo de outros meninos, não entendo. Sabe, dentro do bosque daquele tamanho. (Edson Alves Barros, abril, 2004)

As lembranças das travessias na ponte improvisada que atravessava o Córrego Botafogo também são descritas por D. Doralice Gidirana Nogueira:

Esse bosque eu me recordo muito indo para o colégio, atravessando uma... dava assim o nome de pinguela, não existia ponte, era uma pinguela, e naquela época eu atravessava sem nem um medo, hoje em dia não posso nem ver, se eu ver até na televisão eu tenho medo. Mas era um pau roliço com um pega-mão, só isso, atravessava de lá para cá. (Doralice Gidirana Nogueira, abril, 2004)

A mata do Botafogo foi transformada em Parque Botafogo, com a instalação de equipamentos urbanos no seu espaço, visando o atendimento dos moradores da Vila Nova e do Centro. Em 1995, sob a administração do prefeito Darci Accorsi, foi realizada a reformulação do Parque que passou a contar com quadras de esporte, campo gramado, lago, bosque iluminado e uma pista de cooper. Data, também, dessa época, a construção da passarela ligando o parque à Avenida Araguaia, que trouxe maior integração da Vila Nova com o Centro da cidade. Ao referir-se a tais alterações, o que incluiu a edificação da passarela que atravessa o Córrego, D. Selma Rodrigues Sales conta:

O córrego foi canalizado e foi feita a passarela, naquela época era uma passarela que não era como hoje. Hoje é uma passarela bem feita, tem nome, inclusive ela levou o nome do meu pai: Passarela Antônio Rodrigues da Silva. Porque o meu pai também foi um morador antigo aqui do Bairro, e

foi feita uma enquête, aí puseram o nome dele na passarela, o que orgulha muito a gente também, sabe? A prefeitura fez ali uma quadra de esportes, fez um local ali. Melhorou, melhorou o parque, hoje em dia ele tem assim, tem pista de pedestre para as pessoas andarem, tem a pista de ciclismo também. (Selma Rodrigues Sales, abril, 2004)

Apesar das modificações implementadas, é perceptível que o Parque Botafogo ainda é pouco visitado pelos moradores da Vila Nova e do Centro, se comparado com outros parques de Goiânia, como o Areião e o Vaca Brava, localidades muito freqüentadas pelos habitantes que residem em seu entorno. A falta de segurança e a poluição do Córrego Botafogo, outrora utilizado por banhistas, talvez estejam entre os fatores explicativos para o pequeno movimento do local, embora seja necessário, para a comprovação dessa suposição, um estudo mais aprofundado sobre os parques de Goiânia.

Apesar do Parque ser uma área de lazer razoavelmente equipada, ele tem sido utilizado, segundo os relatos, de forma indevida, em alguns horários, por menores infratores, traficantes e usuários de drogas. Tal situação gera uma certa apreensão nos moradores, que se sentem inseguros em freqüentar o Parque, visto, em alguns momentos, como perigoso. Essa insegurança pode ser observada nas falas de D. Selma Rodrigues Sales e de D. Ivana Gonçalves de Oliveira, ao se referirem ao Parque Botafogo:

O parque é bem servido de árvores até hoje uma boa sombra. Então a gente ia pra lá nesse parque, às vezes passava algumas horas, e naquela época a grande diferença era que a gente não tinha medo de sair. A gente saía tranqüilamente, não era abordada por esses pivetes que a gente é abordada hoje em dia, então era assim mais tranqüilo nesse ponto. (Selma Rodrigues Sales, abril, 2004)

Infelizmente é mal freqüentado, tem certos momentos que não dá para você passar por aí. Tem muito marginal. Tanto oferecendo drogas quanto outras coisas. Mas é um espaço que foi criado para a comunidade, tem certos horários da comunidade usar, porque tem certos horários que é muito perigoso. (Ivana Gonçalves N. de Oliveira, março, 2004)

A memória do Parque Botafogo comporta a lembrança das matas, da natureza exuberante do início da ocupação da Vila Nova que, pouco a pouco, foi desaparecendo até ser confinada a uma área restrita, atualmente, formada pelo Parque. Se na chegada dos migrantes à região, iniciada em 1933, o cerrado ainda se estendia por todos os lados, compondo a paisagem local juntamente com as primeiras casas erguidas, com o passar dos anos e o avançar do processo de

urbanização, a vegetação foi perdendo seu espaço, desaparecendo, pouco a pouco, do Bairro. Vestígio de um passado ainda recordado, onde a identidade da coletividade é reconstruída, o Parque Botafogo é um lugar de memória da Vila Nova, onde as marcas de um tempo perdido continuam sendo reconhecidas.

3.6. A Liga dos Amigos

A memória política dos moradores do Bairro está espacialmente localizada na Liga dos Amigos da Vila Nova. Fundada em 17 de julho de 1948 como uma associação de Bairro de caráter reivindicatório, voltada para os interesses da população da Vila Nova, a Liga esteve, a princípio, sediada num pequeno barracão localizado na Rua 200, onde os moradores costumavam se reunir para discutir os problemas e demandas do Bairro.

Foi na Liga dos Amigos onde surgiram várias propostas voltadas para a implementação de melhorias na Vila Nova, que eram então encaminhadas ao poder público, em nome da entidade, pelas lideranças comunitárias do Bairro. A representação dos interesses da população se constituiu no principal objetivo da entidade, que teve um papel fundamental na conquista de uma série de benfeitorias para o Bairro, tal como aponta o Sr. Joaquim Cardoso Sales:

A Liga foi um ponto forte assim de determinados movimentos que houve aqui para reivindicação, que eram normalmente feitos com a participação da Liga dos Amigos. Porque separadamente é difícil, a pessoa. Então eles se organizavam através das lideranças políticas que no fim sempre envolvia a Liga dos Amigos para encabeçar, organizar, administrar aquele negócio. (Joaquim Cardoso Sales, abril, 2004)

Fundada por lideranças comunitárias do Bairro, a Liga foi o meio encontrado, pelos moradores do Bairro, para conseguir exercer sua influência no cenário urbano de Goiânia, funcionando como um instrumento de comunicação entre Bairro e cidade. A entidade chegou a contar com um número expressivo de sócios, o que permitiu que ela obtivesse recursos para reformular a estrutura original de sua sede e oferecer aos seus associados alguns serviços a um baixo custo, tais como assistência médica e odontológica.

A memória da Liga encontra-se entrelaçada à lembrança de antigos personagens da Vila Nova, sejam os fundadores da entidade, sejam outras tantas lideranças que lutaram em prol da comunidade do Bairro. Essas figuras são lembradas com respeito e saudade pelos velhos moradores, surgindo, em sua memória, como verdadeiros ícones da luta política travada em favor dos mais pobres pela posse da terra e pela implementação de serviços e infra-estrutura urbana no Bairro.

Entre lideranças mais lembradas destacam-se os vereadores Boaventura Moreira de Andrade, um dos fundadores da Liga, e Germino Alves Pereira, que, por anos, presidiu a entidade, num período em que a mesma se encontrava em pleno vigor. Recordando a atuação dessas lideranças, o Sr. Joaquim Cardoso Sales narra:

O Germino Alves também era do oeste da Bahia, de Barreiras, muito atuante também. O Germino Alves, inclusive tem a avenida, antiga 4ª Av., tem o nome dele. Ele também foi um dos políticos, depois do Boaventura em Vila Nova, depois do Boaventura foi ele o mais atuante. Tanto ele como o Boaventura. A Liga foi fundada pelo Boaventura, depois posteriormente, o Germino foi presidente por talvez até vinte anos como presidente lá. Então os dois é que assumiram essa Liga, que trabalharam em prol do Bairro. (Joaquim Cardoso Sales, abril, 2004)

As lembranças do Bairro abrigam acontecimentos, lugares e personagens. Dentre os últimos podemos mencionar o mestre de obras Boaventura Moreira de Andrade, um dos primeiros migrantes a se instalar na região do Botafogo, próximo ao córrego de mesmo nome, que se tornou uma das principais lideranças comunitárias da Vila Nova. Boaventura participou ativamente da formação da Liga dos Amigos, sendo eleito o primeiro vereador do Bairro.

Recordado por todos os moradores entrevistados, Boaventura aparece, em suas falas, como um homem do povo, que dedicou toda a sua vida à população mais pobre da Vila Nova, conquistando, por meio de sua atuação política, uma série de benfeitorias para a região. A atuação de Boaventura é assim descrita por D. Valdecy Abadia de Andrade Calassa:

Ah, a luta dele era mais pelas pessoas carentes. Ele lutava muito. Pelas pessoas carentes ele não media esforços. Assim, mais para o social. Porque coitado, analfabeto, ele não teve condições de estudar, mas ninguém passava ele para trás também não. De jeito nenhum. Menina, eu ficava calada, ele tinha as leis aqui ó, na cabeça. As leis, os artigos, os parágrafos, tudo aqui na cabeça. Se falasse assim: 'Aquela lei tal assim...' 'Não, não é essa lei não, é a lei tal, parágrafo tal, capítulo...' Era uma coisa! Meu pai do

céu! Como que ele sabia? Ele mal assinava o nome! Mas era dinâmico. Como tem um ditado: às vezes as pessoas estudam muito, mas não sabem usar a inteligência. Esse é o maior mal. (Valdecy Abadia de Andrade Calassa, março, 2004)

Carismático, ainda que iletrado, esse baiano, eleito quatro vezes consecutivas para a legislatura na Câmara Municipal, se tornou uma figura mítica na Vila Nova em virtude de sua atuação junto ao poder público, voltada para os interesses do Bairro. Seu empenho em relação aos moradores mais pobres, que auxiliava, muitas vezes com recursos próprios, conseguindo internações, comprando remédios, providenciando sepultamentos, fazendo doações e liderando mutirões para a construção de casas, fez dele um personagem lendário.

A memória de Boaventura envolve estórias cômicas que remetem a episódios onde a sua origem popular é evidenciada por oposição a cultura letrada, então predominante nos espaços políticos oficiais por ele freqüentado a partir de sua eleição como vereador. Estas estórias, solidificadas nas recordações dos moradores, compõem uma parte importante da memória política do Bairro, tal como conta o Sr. Geraldo Faria Campos:

Nós tivemos um caso aqui muito bom, extraordinário, ele chamava-se Boaventura Moreira de Andrade. Um sujeito assim, descente, honesto, trabalhador, tanto que após quatro legislaturas, após dezesseis anos de mandato, não sei se eram cinco, mas acho que eram quatro, dezesseis anos de mandato, ele morre. Um ônibus bate nele na bicicleta, ele cai e morre. Morreu pobre. Ele era pedreiro, então a pessoa estava construindo casa, ele pegava a colher, ia lá, ajudava a construir, ajudava a fazer. Ele não era muito alfabetizado, mas ele sabia as coisas. Eles falavam as coisas para ele, ele guardava e discutia. Discutia sobre leis, discutia sobre invasões. Ele, em defesa dos mais pobres, ele ia para o pau, ele ia, discutia, brigava. Não era de violência, mas ele lutava por aquilo que ele queria. Há coisas assim engraçadas, eu não sei se isso vale para a sua pesquisa... ele não falava Câmara, ele falava cama, e havia uma outra vereadora muito importante, não vou citar o nome, depois ela pode me processar, e ele a elegia, ela era do mesmo partido dele, mas ele tinha tanto voto que sobrava para os outros, voto de legenda. E ele dizia assim: 'Eu mais fulana na cama faz tudo.' Para dizer que ele e ela na Câmara trabalhavam muito. E contam uma piada de inauguração da ponte, não sei se é verdade, não é, porque essas coisas o folclore acaba acrescentando, que ele dizia assim, inaugurando aquela pontezinha lá em baixo no Parque Botafogo... tem uma pontezinha, agora fizeram uma ponte bonita, mas era uma ponte simples... mas na inauguração da ponte diz que ele dizia assim: 'Os que estão de cá passam para lá, os que estão de lá passam para cá. E assim por diante e vice-versa para não se toparem no meio da ponte.' Dizem, não sei. Mas realmente foi um homem assim de trabalho, de muita importância. (Geraldo Faria Campos, abril, 2004)

A Liga dos Amigos, juntamente com os seus fundadores, velhos personagens que marcaram a história do Bairro, pode ser considerada como o principal espaço de memória política dentro da Vila Nova. Lembrada, também, pelos eventos recreativos, festas e bailes que ocorriam em sua sede, capazes de atrair um número expressivo de moradores para a associação, a Liga dos Amigos também se constituiu numa espécie de “trampolim” para aspirantes a cargos políticos eletivos, que tinham na associação o caminho facilitado para as eleições municipais, como esclarece o Sr. Edson Alves Barros:

A Liga dos Amigos foi uma idéia que o meu pai deu ali para uns amigos e esses amigos dele influenciados pelo vereador Boaventura Moreira de Andrade, que é de uma família até antiga na Vila Nova. Ele fez, ele pegou, deu seguimento, e construiu a Liga dos Amigos, entre a Rua 228 e a Rua 200. Então é... foi assim uma construção, foi uma coisa interessante, e havia muitas festas no começo, e era politicamente muito forte, porque na época de eleição se usava muito. Então era muito disputado, havia muita festa ali. (Edson Alves Barros, abril, 2004)

Atualmente, a Liga dos Amigos já não possui a sua mesma expressão do passado, encontrando-se esvaziada quanto a participação dos moradores do Bairro, o que se reflete, inclusive, na ocupação da sede da entidade, hoje restrita a apenas uma sala térrea, onde se localiza o seu escritório, com o restante de seu edifício tomado, há anos, pelo Colégio José de Anchieta. Disputada durante um longo período por diferentes grupos no Bairro, a entidade, que perdeu o seu antigo caráter representativo e mobilizador, tem, ainda assim, oferecido alguns cursos, como o de corte e costura, de cabeleireiro e de restauração de móveis, abertos aos interessados que atendem ao local.

As opiniões sobre a atuação da Liga, hoje, são formuladas de acordo com o lugar ocupado pelo entrevistado junto à entidade. Se, em alguns dos relatos, as administrações anteriores são responsabilizadas pela ineficiência da entidade e pelos chamados “desvios de funcionamento da Liga”, em outros são os atuais administradores da Liga, os ditos “usurpadores da associação de moradores”, os culpabilizados pelo esvaziamento da associação. As divergências entre ex-associados e os grupos que, atualmente, comandam a entidade encontram expressão nas narrativas dos entrevistados, o que me permite identificar o espaço da Liga como *locus* de conflito e disputas pelo poder dentro do Bairro, como é possível observar no relato que se segue, narrado pelo Sr. Pedro Fernandes:

Eu freqüentei na época da D. Nadir, até o Sr. Pedro aqui meu vizinho também era da época. Então na época eles compraram o terreno aí e fizeram a Liga, eu era até sócio. Aí depois foi indo, foi indo, tomaram a Liga e acabou a Liga. Hoje eles só usam a Liga, o nome, porque não tem nada na Liga lá, acho que já fecharam até a salinha que tinha lá. Tinha dentista, tinha tudo, médico, tinha tudo aí. Fui sócio da Liga, tinha tudo aí, era bem arrumado mesmo, dava gosto você ir lá. Dia de sábado tinha festa, diariamente festa para todo mundo, agora acabou tudo. A Liga agora aí não existe. Aqui na Vila Nova não fala Liga da Vila Nova, fala assim, quem conhece a Liga a mais tempo, um ou outro, mas ninguém fala em Liga não. (Pedro Fernandes, abril, 2004)

A maior parte dos moradores entrevistados, ao recordarem o passado dinâmico da Liga em suas lutas em favor da Vila Nova, falam com tristeza do que restou da entidade, que acreditam ter se transformado numa associação voltada para fins particulares e politiqueros de certos grupos do Bairro. Afirmando que a entidade já não mais se constitui num instrumento de comunicação com o poder público voltado para as reivindicações da comunidade, alguns entrevistados parecem acreditar que a reativação da Liga seria uma possível solução para certos problemas que atingem a Vila Nova.

As impressões atuais sobre a associação, narradas, em contraposição às lembranças de sua atuação no passado, são expressas, da seguinte maneira, por D. Doralice Gidirana Nogueira e pelo Sr. Pedro Fernandes:

Ela (a Liga dos Amigos de Vila Nova) ainda existe até hoje. Agora é que eu não sei como que ela atua. Mas na época eu sei que ela atuava bem organizadinha com a liderança do Germino. Tinha a diretoria, que ele era o diretor, e depois tinham os seus auxiliares. Então ele ia, ele via a necessidade do Bairro e chegava até... depois se tornou vereador por muito tempo. Acho que não tem mais assim... não tomaram nem uma atitude nem nada mais, não é? É uma pena, porque o Bairro é muito grande, agora é muito grande o Bairro de Vila Nova, é muito grande. (Doralice Gidirana Nogueira, abril, 2004)

A Liga foi diminuindo para uma salinha, foi acabando. Tinha um prédio, um terreno, tinha tudo lá, como existe até hoje. Mas depois daquela época, a Liga não tinha autonomia mais pra pedir a um candidato uma coisa. Aí a Vila Nova ficou parada. (Pedro Fernandes, abril, 2004)

Nascida num contexto histórico de lutas pela posse da terra na Vila Nova, numa ocasião em que a região se encontrava ocupada por famílias pobres de migrantes, a Liga dos Amigos, segundo os entrevistados, tinha um caráter essencialmente reivindicatório, voltado para os interesses imediatos da comunidade, tais como

àqueles que se referiam a urbanização do Bairro. Na medida em que a entidade conseguiu seus objetivos junto ao poder público, sua função parece ter sido, em grande parte, cumprida, o que levou ao seu progressivo esvaziamento, especialmente com a morte e o envelhecimento de seus associados mais combativos.

As transformações ocorridas nas últimas décadas na cidade, que resultaram no seu crescimento e na alteração das antigas formas de relacionamento e sociabilidade, enfraqueceram, em grande medida, os vínculos locais, que antes predominavam na Vila Nova e que outrora foram tão importantes para a manutenção da Liga. A redução de associados dispostos a contribuir com a entidade, seja financeiramente, seja com a doação de seu tempo, não permite que a mesma se mantenha, no presente, como uma entidade capaz de encabeçar grandes propostas voltadas para a implementação de melhorias para o Bairro.

Ainda assim, a memória política dos moradores encontra na Liga dos Amigos um verdadeiro marco espacial, envolto por um imaginário caracterizado por uma atuação combativa em prol dos moradores mais pobres. Esse imaginário, entretanto, não encontra atualização no presente, seja porque a Liga, hoje, não possui compromissos políticos significativos, seja pelo fato de que já não há nada que possa distinguir a memória política das últimas décadas vividas no Bairro, daquela formada em outras partes de Goiânia.

3.7. O Instituto de Educação

O Instituto de Educação de Goiás - IEG - tem suas origens no antigo Liceu de Goiás, fundado em 1884, na antiga capital do Estado, a cidade de Goiás. Em 1929, o Liceu se dividiu em dois estabelecimentos de ensino: um voltado para os cursos Clássico e Científico, que continuou a ser chamado de Liceu, e outro especializado na formação de professoras primárias, com o nome de Escola Normal do Estado. As duas instituições foram transferidas para a região Central de Goiânia com a mudança da sede da capital, sendo 1937 a data de transferência do Liceu e, 1938, a da Escola Normal.

Em 1947, a Escola Normal teve o seu nome alterado para Instituto de Educação de Goiás – IEG, passando, em 1956, a funcionar na Vila Nova de frente para a Av. Anhanguera, onde se tornou uma referência para o ensino feminino no Estado. O IEG é recordado com orgulho pelos moradores da Vila Nova, que mencionam o fato da escola ter se constituído num espaço elitizado dentro do Bairro, na medida em atendia, predominantemente (embora não exclusivamente), jovens oriundas de setores médios e altos da sociedade goianiense, como lembra o Sr. Edson Alves Barros:

O IEG foi o seguinte, passou muito tempo para se fazer aquele IEG ali. Ali se tornou um colégio não de Vila Nova, mas um colégio da cidade. Era de normalistas, acho que lá tinha o ginásio e tinha o colegial, que eram as normalistas que estudavam lá. Então eu tinha irmã, primas, todas estudaram lá. Era uma referência para normalista, para mulher, na época. (Edson Alves Barros, abril, 2004)

A memória sobre o Instituto de Educação ultrapassa os limites do Bairro da Vila Nova, se estendendo à cidade de Goiânia. Na medida em que a escola se constituía num espaço de ensino voltado para a cidade, as recordações formadas em torno dela possuem um alcance mais amplo, englobando antigas alunas que residiam em diferentes partes de Goiânia, assim como professores, pais de estudantes e outros moradores da cidade que, de alguma forma, estabeleceram algum tipo de vínculo com o espaço da escola, reafirmando, assim, a relação entre Bairro e cidade.

A lembrança do IEG está em grande parte associada a recordação das comemorações cívicas, quando o Instituto, ou “colégio das moças”, na fala de alguns entrevistados, destacava-se pelas apresentações nas paradas de Sete de Setembro e pelos desfiles realizados no aniversário de Goiânia. Sempre acompanhadas de bandas de música, as apresentações do Instituto de Educação, juntamente com as de outros dois importantes colégios da cidade, o Pedro Gomes de Campinas e o Liceu de Goiânia, eram uma presença marcante nas festas da cidade, tal como recordada o Sr. Eliseu Barreira Lemos:

As festas aqui eram lindas, quando era o Sete de Setembro e o aniversário de Goiânia. Você ficava encantado, o tanto que era bonito. Sete de Setembro aqui, a fanfarra começava uns quinze dias antes. O Sete de Setembro... esse Instituto aqui, as moças marchando aí era a coisa mais linda, ensaiando. Era lindo demais a fanfarra dessas moças! A rapaziada, aquele colégio Pedro Gomes que vinha lá de Campinas. Mas olha, era fanfarra direto. No Sete de Setembro você via muita coisa em Goiânia, coisa mais linda! Quando era o Aniversário de Goiânia, em outubro, era do mesmo jeito os desfiles. Do jeito

que era o Sete de Setembro era o aniversário de Goiânia. Goiânia era animada e tudo. Nesse tempo em Goiânia a gente ia para a Av. Anhanguera, que acabou aquilo ali. A gente ia para a Av. Anhanguera, ficava ali na porta daqueles comércios ali e tudo e, à noite, o movimento ia para a Av. Goiás e a gente ficava num banco daqueles ali e aquelas moças passando na Av. Anhanguera, na Rua 6. (Eliseu Barreira Lemos, abril, 2004)

Na medida em que a Vila Nova crescia, adquirindo uma rede completa de infraestrutura e serviços urbanos, aproximando-se, gradativamente do Centro da cidade, ao qual se encontra, atualmente, incorporado, o Bairro foi perdendo o seu *status* negativo de periferia. Embora a memória do IEG ultrapasse os limites da Vila Nova, se estendendo à cidade Goiânia, a escola é, ainda assim, bastante mencionada nas falas dos moradores, que, no passado, atribuíram a presença da instituição no Bairro ao desenvolvimento urbano por ele vivenciado a partir dos últimos anos da década de 50.

Para os moradores da Vila Nova, a presença do Instituto de Educação significava o reconhecimento do progresso que chegava, bem como a comprovação de uma participação efetiva do Bairro nas questões relacionadas à cidade. Após longos anos vivendo numa localidade distante e relativamente isolada em relação ao Centro da capital, a chegada do IEG à Vila Nova comprovava a definitiva inserção do Bairro ao espaço urbano de Goiânia, despertando o sentimento de pertencimento em seus moradores em relação ao contexto maior da cidade.

Apesar do Instituto de Educação ter sido sempre uma instituição de ensino público, ele foi considerado, por cerca de duas décadas, uma escola modelo, de onde saíram grandes nomes que se destacaram no cenário cultural da cidade. Relembrando os anos que estudou no IEG, D. Selma Rodrigues Sales, moradora da Vila Nova e aluna de uma das primeiras turmas que se formaram no Instituto, por ocasião da transferência da escola para o Bairro, narra as suas impressões sobre professores e colegas com os quais conviveu no período em que estudou na instituição:

Quero lhe falar das lembranças de algumas professoras que eu tive no IEG. Não só professoras, como pessoas famosas que trabalhavam, como a Rosarita Fleuri, a escritora famosa, Terezinha Valadares, professor Cândido. Eu me lembro também, tivemos uma professora muito famosa que eu me lembro na época... Ana Braga, professora Ana Braga, não é? Eu me lembro também da professora Laís Terezinha que também era muito popular entre nós. Laís Teresinha era uma professora super simpática, era professora de matemática e a gente adorava a professora Laís, muito bonita, sabe, era uma pessoa assim, muito agradável. Tínhamos também... quer dizer, eu não

quero cometer injustiça, mas infelizmente eu não me lembro o nome de todos. Professora Canã, que era professora de matemática. Naquela época, além da informação, nós tínhamos muita formação também, entendeu? Professora Léia Campos, eu tenho uma lembrança muito boa dela, era professora de História, e outros tantos também... professor Joaquim Edson de Camargo, Joaquim Edson era professor de Canto Orfeônico, então eu me lembro das aulas dele, que eram maravilhosas. Nós íamos assim para o auditório do Instituto de Educação e nós assistíamos aquela aula, que era um show. Ele estava preparando, quer dizer, ele preparava com os alunos o coral. Então nesse coral eu me lembro de três pessoas que ajudavam ele na época, uma tocava piano e parece que a outra violino. Heloísa Barra, Helena... Heloísa, eu não me lembro se eram irmãs. Eu me lembro mais da Heloísa Barra do piano, tocando aquelas músicas lindas para o coral. São lembranças assim que valem a pena a gente estar recordando sempre, sabe, aquelas músicas lindas, maravilhosas, com o coral, as meninas do piano. Naquela época, é o seguinte, eu estava começando e elas já estavam saindo, eu não sei. Eu as via sempre lá como normalistas, não sei se elas já tinham saído ou se elas iam lá somente para as aulas, eu sei que eu tenho lembranças maravilhosas com elas lá. Bons tempos da escola pública, muito bons mesmo. E além do mais, tinha uma diferença muito grande de hoje, a escola era só de alunas, só meninas do sexo feminino. Eu não estou contando isso como vantagem, estou contando como diferença. Para mim, naquela época, foi maravilhoso. É uma diferença, não estou avaliando vantagem nem desvantagem, é uma diferença. Era diferente. (Selma Rodrigues Sales, abril, 2004)

As lembranças de D. Selma sobre o IEG parecem se aproximar mais de uma memória goianiense sobre a escola, do que de uma memória local, produzida no contexto social do Bairro. Talvez isso possa ser atribuído ao fato de D. Selma ter estudado no Instituto, formando suas memórias não como a maioria dos moradores do Bairro que não frequentou essa instituição de ensino, mas como aluna do IEG, como alguém que pertenceu a uma comunidade de memória formada no interior da própria escola e que, hoje, se constitui na memória majoritária, ou oficial, da instituição.

Embora D. Selma fosse moradora da Vila Nova, suas lembranças sobre o Instituto foram, predominantemente, formadas a partir da convivência cotidiana com suas colegas no interior da escola. Ainda que grande parte delas não pertencesse à comunidade do Bairro, procedendo de outras partes da cidade, entre elas existia uma identidade comum: a de estudantes do IEG.

O Instituto, apesar de ser um lugar de memória da Vila Nova, também foi um local onde o amplo acesso dos seus moradores não era possível, no passado, tendo em vista o seu caráter seletivo e elitizado. Contudo, muitas das memórias dos moradores do Bairro sobre o Instituto são compartilhadas com àquelas produzidas no contexto maior da cidade. Dentre elas, cito as que referem ao movimento estudantil, que possuía no IEG um Grêmio forte e combativo que atuava liderando as

alunas da escola em passeatas e outras manifestações de protesto contra o regime militar.

Dentre essas manifestações, é especialmente lembrado o protesto ocorrido em 1968, quando o governo do Estado, sob a administração de Otávio Lage, propõe a mudança do nome IEG para Colégio Ramos Caiado, gerando uma reação contundente das alunas que se recusaram a aceitar tal alteração, inviabilizando a proposta governamental. O episódio é narrado, da seguinte maneira, pelo Sr. José Fernandes de Queiroz:

O Instituto de Educação, que é o IEG, era o afamado de Goiânia, até teve um movimento mesmo, que o governo quis mudar o nome do Instituto, então os estudantes fizeram um movimento aí, levantaram contra... Eles queriam mudar o nome para pôr um nome de político, não sei como é que era, eles queriam mudar, mas os estudantes não deixaram. Lá antigamente era uma escola só feminina, Instituto de Educação de Goiás, ali era só feminina. Depois que modificou, ficou mista. Mas no tempo que era a escola mais famosa aqui do setor, depois daqui só o Pedro Gomes, o Liceu, umas escolas aí. Aqui na Vila Nova era escola de normalistas. (José Fernandes de Queiroz, abril, 2004)

Local de intersecção entre a tradição e a modernidade, o Instituto de Educação, ao mesmo tempo em que representava a continuação de uma tradição de ensino elitizada herdada da Escola Normal do Estado, formada na antiga capital de Goiás, significava, também, a modernidade que começava a adentrar em Goiânia, ao oferecer um ensino de qualidade, em sintonia com o seu tempo, além de participar ativamente, através do movimento estudantil, das questões que se desenrolavam no restante do País.

Atualmente o IEG é um colégio misto, de ensino fundamental e médio, atendendo uma clientela com um perfil bastante diferenciado do de décadas passadas, composta, principalmente, por estudantes provenientes de classes populares. Outrora uma referência para ensino no Estado, atualmente, ele já não possui o prestígio que o caracterizou no passado. Isso se deve, provavelmente, a própria popularização de sua clientela, que fez com que a escola, assim como os demais estabelecimentos de ensino público no país, deixasse de ser prioridade para o poder público local.

3.8. A Escola Superior de Educação Física

Outro lugar de memória situado no Bairro, freqüentemente recordado pelos moradores entrevistados, é a Escola Superior de Educação Física de Goiás – ESEFEGO. Fundada no ano de 1962, sob a administração do então governador Mauro Borges, a ESEFEGO foi a primeira faculdade a oferecer o curso de Licenciatura Plena em Educação Física em Goiás e é a única instituição de nível superior em Goiânia instalada na Vila Nova.

Localizada em uma área total de 36.265 metros quadrados, a ESEFEGO, por ocasião de sua fundação, se constituiu num centro animador para Vila Nova, cujos equipamentos e instalações eram utilizados não apenas pelos alunos da Escola, mas também pelos próprios moradores do Bairro. Construída de acordo com padrões inovadores para época, a instalação da Escola de Educação Física na Vila Nova foi entendida, pelos moradores, como mais uma confirmação da modernidade que chegava ao Bairro.

O impacto da ESEFEGO foi especialmente significativo para os moradores que residiam nas proximidades da Escola e que com ela mantiveram um contato mais estreito. O caso do Sr. Domingos Soares Santos é especialmente ilustrativo nesse sentido, pois além de viver próximo a ESEFEGO, cujo espaço freqüentou desde criança, o Sr. Domingos também estudou na instituição, onde concluiu o curso superior em Educação Física. Sua biografia, tal como podemos observar em seu relato, encontra-se profundamente vinculada à ESEFEGO, lugar que, ainda hoje, continua freqüentando.

Estudei na ESEFEGO, nasci naquela escola lá, freqüentava ali, aquela escola, direto ali, desde quando ela tinha um parquinho de diversão, playground, lá na Anhanguera, quando eles ainda davam merenda escolar lá para os alunos lá. Era toda cercada de madeirinha. Quando inaugurou a piscina morreu um aluno, morreu um morador da Vila Nova lá que... inaugurou a piscina, ele pulou o muro e pulou na piscina escondido e afogou. Não tinha orientação para entrar na piscina e acabou afundando. (Domingos Soares Santos, abril, 2004)

Além do tradicional curso de Educação Física, a ESEFEGO passou a oferecer, em 1994, também o curso de Fisioterapia. Suas instalações foram ampliadas em relação a sua data de fundação e a Escola conta, hoje, com um pavilhão

administrativo, biblioteca, almoxarifado, salas de aula, auditório, três ginásios poliesportivos, uma piscina, duas quadras de tênis, um campo de futebol e uma pista de atletismo.

Muito freqüentado pelos moradores da Vila Nova e moradores de bairros vizinhos, o espaço da ESEFEGO é especialmente utilizado entre as segundas e sextas feira para caminhadas que ocorrem, predominantemente, no início da manhã e nos finais de tarde. Nesses horários, a pista é tomada por velhos amigos e vizinhos, que se reúnem para praticar exercícios físicos e para conversar.

É quando então a Escola se transforma num importante espaço de sociabilidade para os moradores do Bairro, que aí trocam experiências, recordando o passado e buscando respostas para os problemas que os afligem no presente. Para quem caminha na ESEFEGO, no início da manhã e nos finais de tarde, é comum observar pequenos grupos, majoritariamente compostos por senhoras idosas que, enquanto caminham ao lado das amigas, relatam histórias sobre netos, filhos e noras, trocando opiniões e conselhos entre si e informando as companheiras sobre a saúde de seus velhos maridos.

À semelhança do que ocorreu no Bairro por ocasião da instalação do IEG, a construção da ESEFEGO num período em que a Vila Nova vivenciava um grande desenvolvimento, foi entendida pelos moradores como uma nova confirmação do progresso que chegava. Ao se instalar na Vila Nova, a Escola parece ter posto um fim no antigo imaginário de pobreza que caracterizou a ocupação do Bairro, e que o estigmatizava em relação ao restante da cidade.

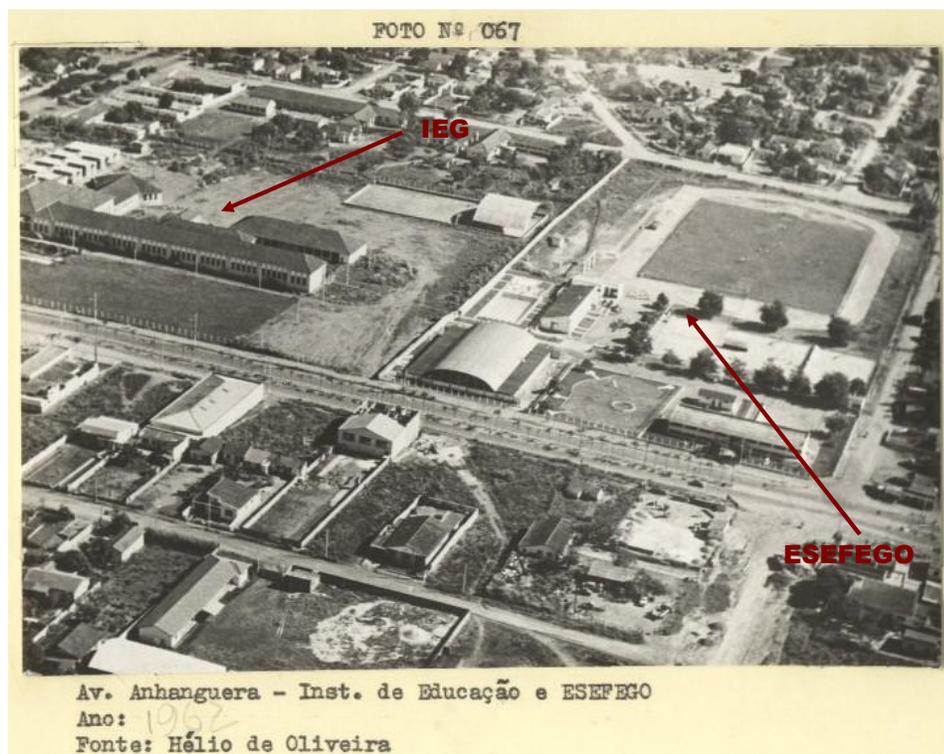
Ao recordar o passado, os velhos moradores narram as suas impressões sobre a ESEFEGO, cujo surgimento, de acordo com os relatos, foi motivo de muita alegria e orgulho. Essas recordações são expressas, da seguinte maneira, pelo Sr. Geraldo Faria Campos:

Uma época eu comecei a fazer ESEFEGO, achei muito gostoso. O governo do Estado criou a Escola de Educação Física e foi um centro animador na Vila Nova, ao lado ali do Instituto. (Geraldo Faria Campos, abril, 2004)

Apesar de os moradores terem, atualmente, o acesso a ESEFEGO quase que restrito à sua pista de atletismo, onde realizam as caminhadas, em razão do restante da estrutura da Escola ser de usufruto dos alunos ou pessoas dispostas a pagar para freqüentarem a academia ou as aulas das diferentes modalidades esportivas

oferecidas pela instituição, a ESEFEGO pode, ainda assim, ser considerada um espaço do Bairro, devido o seu significado para a memória da Vila Nova. Constituindo-se como um local de sociabilidade para os moradores, a ESEFEGO tem papel fundamental na reafirmação dos vínculos afetivos mantidos entre amigos e vizinhos, que acorrem ao espaço da Escola.

Incorporada, em 1998, à Universidade Estadual de Goiás – UEG, a ESEFEGO pode ser considerada um espaço interseção entre o local do Bairro e o global da cidade. Ainda que a Escola se constitua num lugar de memória da Vila Nova, a sua esfera de influência não se limita ao Bairro, se estendendo por toda Goiânia, já que a Escola recebe alunos provenientes das mais diversas partes da cidade e até mesmo do Estado. A relação estabelecida entre Bairro e cidade pode ser observada, também, na tradicional festa junina da Escola, que se constitui num evento da cidade capaz de atrair tanto os moradores do Bairro, quanto pessoas oriundas de outras localidades de Goiânia.



Instituto de Educação e Escola Superior de Educação Física

Acervo: Secretaria Municipal do Planejamento

Ano: 1962

3.9. O Vila Nova Futebol Clube

O Vila Nova Futebol Clube foi fundado em 29 de julho de 1943 pelo Coronel Francisco Ferraz de Lima como um time de futebol amador. Formado por trabalhadores da construção civil que então residiam na invasão que se transformou na Vila Nova, o time iniciou sua trajetória treinando no próprio Bairro, onde disputava campeonatos de várzeas.

A criação do Vila Nova Futebol Clube se deu concomitantemente a formação da Vila Nova, vindo a se constituir numa importante referência para os seus moradores que acompanharam de perto o seu surgimento, a sua profissionalização e a sua participação nos jogos e campeonatos goianos e nacionais. Ao se referir ao Vila Nova, o Sr. Eliseu Barreira Lemos descreve, da seguinte maneira, suas impressões sobre o surgimento do time no Bairro:

Ah, o time. O Vila Nova jogava bola bem aqui de junto do colégio Murilo Braga, ali onde fizeram aquelas casinhas populares, ali adiante onde é a Liga dos Amigos. Ali aquelas casinhas descendo a 228, o time de futebol era ali. O filho da velha Alice, o Bené, é vivo, mora ali. Ele era goleiro do Vila Nova, quando eu cheguei para aqui. Eu ia assistir aí as peladas. Nesse tempo o Goiás, ninguém nem ouvia falar no Goiás, mas era o Atlético, o Atlético já tinha e o Vila Nova. (Eliseu Barreira Lemos, abril, 2004)

Entre os lugares de memória da Vila Nova aqui citados, o Vila Nova Futebol Clube é o único cuja lembrança não se encontra ancorada num meio material, pois embora o time tenha surgido e se desenvolvido no espaço urbano do Bairro, o que lhe empresta de fato a sua característica de lugar de memória é o seu aspecto simbólico e funcional. Ele é simbólico porque se constitui num objeto de comemoração capaz de evocar a memória do Bairro, e é funcional ao possibilitar a cristalização e a transmissão das lembranças que se formaram em torno do mesmo. (NORA, 1993, p. 21)

O vínculo afetivo existente entre os velhos moradores e o time pode ser entendido como uma extensão da própria ligação estabelecida entre esses moradores e o Bairro, fazendo com que o Vila Nova Futebol Clube funcione como um verdadeiro ícone, capaz de condensar a lembrança de acontecimentos vividos no passado. O relato do Sr. Pedro Fernandes ilustra de forma especialmente significativa essa relação estabelecida entre o time e os velhos moradores. Ex-

jogador do Vila Nova e durante trinta anos funcionário do clube, Sr. Pedro sintetiza o vínculo existente entre morador do Bairro e torcedor do Vila, ao possuir a sua própria história de vida ligada ao time há cerca de quarenta anos:

Fui para o Vila em 58, mas já em 58 foi a época que eu casei aqui na Vila. Eu jogava e trabalhava na construção, eu sou mestre de obras. Naquela minha época tinha o time do Vila que era aqui na Vila Nova mesmo, mas nessa época eu jogava no Ciro, e tinha o Vila aqui, amador, disputava campeonato de amador. Daí eles foram construindo, o Onésio arrumou o Vila, foi contratando todo mundo, formou um time e eu fui vendido para o Vila na época. Aí, daí para cá, eu trabalhava e jogava no Vila. Fui funcionário trinta anos lá. Trabalhei lá muitos anos, só não... eu brinco com todo mundo, aqui no Vila eu só não fui goleiro e presidente do Vila, o resto eu trabalhei em tudo. Porque goleiro é o seguinte, a bola pega na cara da gente, arreventa, e presidente não tem dinheiro. A minha esposa aqui lavou roupa para o Vila três anos. Depois eu fiquei lá como administrador de tudo, estragava uma coisa eu arrumava, mexia com campo, iluminação, tudo era eu. Então lavadeira, tudo eu que arrumei, até a lavadeira que eu levei para o Vila, está lá até hoje. E eu sou Vila Nova, fiquei trabalhando, toda função que eles me davam eu ia fazer, continuei no Vila trabalhando e sou vilanovense até hoje. Aqui em casa tudo é vilanovense, de neto até filho. (Pedro Fernandes, abril, 2004)

Embora o Vila Nova não possa ser considerado, atualmente, um time exclusivamente da Vila Nova por possuir uma torcida que ultrapassa os limites do Bairro, se estendendo para os bairros circunvizinhos e até mesmo para outras partes mais distantes da cidade, a identidade estabelecida entre o time e os moradores ainda é bastante significativa. Surgindo juntamente com a própria ocupação da Vila Nova, por iniciativa de seus moradores, em sua maioria, operários da construção civil, num período em que o Bairro ainda se encontrava em estágio inicial de formação, o Vila Nova Futebol Clube encontra-se profundamente enraizado na memória coletiva local.

Acompanhando de perto o seu nascimento e a sua trajetória de vitórias de derrotas em jogos e campeonatos, os velhos moradores vêem o time como patrimônio imaterial⁷ da Vila Nova. Suas recordações sobre a torcida e os títulos conquistados, são narradas, com entusiasmo, como podemos observar no relato do Sr. Edson Alves Barros:

⁷ Patrimônio imaterial é aqui entendido como toda e qualquer expressão cultural que forma uma dada tradição. São as festas, músicas, lendas, danças, costumes, saberes e modos de fazer que compõem a memória e identidade de um grupo.

(...) e era um time muito apaixonado, tanto que no começo da década de 60 o Vila ficou três anos campeão de Goiás, das taças assim, tricampeão direto pela paixão mesmo pelo Vila Nova. Daí surgiu, que era uma das maiores torcidas de futebol, exatamente porque foi muito bem assim, muita paixão. (Edson Alves Barros, abril, 2004)

Os melhores momentos do time foram vivenciados nas décadas de 1960 e 1970, quando o Vila Nova chegou a vencer vários campeonatos importantes, consolidando uma torcida vibrante. As lembranças sobre o time, nessa ocasião, englobam jogadores e torcedores que aparecem, com frequência, nos relatos dos entrevistados, como podemos verificar nas falas do Sr. Geraldo Faria Campos e do Sr. Domingos Soares Santos:

Eu ia pra a feira, era aquela coisa assim tão, tão é... tipo assim torcida do Coríntias, não sei se você já ouviu falar, que o torcedor do Coríntias, diz que não é um time de futebol, é uma religião. É uma religião. E quanto ao Vila Nova aqui, na feira era do mesmo jeito. É Vila Nova, é Vila Nova, é Guilherme, é Vila Nova, é Guilherme... eu achei apaixonante aquilo e gostei do Vila também. E então era domingo na feira e era isso, você ouvia falar de duas pessoas: aquele político Íris que estava surgindo e o Guilherme do Vila Nova. O Vila Nova enchia as medidas de todo mundo. (Geraldo Faria Campos, abril, 2004)

Ah, o time do Vila Nova é um time muito forte aqui no setor, aqui a maior parte é vilanovense, eu lembro de treinar lá no time de base do Vila Nova, treinava lá na Nova Vila... o Ibraim, o Ibraim, um jogador, lá na Nova Vila, a base era lá no início. Então era a época do Guilherme, do Bosca, Altamir, Davi, Valdemar Carabinha, aquele que morava aqui ao lado, jogou lá muito tempo, morreu. Podia até arrumar a fotografia para você aqui. Então tem esse... o Vila Nova tem raízes aqui na Vila Nova, então tem muito... agora mudou um pouquinho que cresceu, não tem mais só Vila Nova aqui. Tem outras pessoas. (Domingos Soares Santos, abril, 2004)

Através das lembranças do time, a memória do próprio Bairro é reconstruída, trazendo à tona os momentos de glória, marcados por dribles, gols e vitórias nos campeonatos goianos, que resultaram em festas e comemorações dentro do Bairro. Constituindo-se, para esses velhos moradores, como um dos principais lugares de ritualização do Bairro, o Vila Nova Futebol Clube compõe a memória coletiva da Vila Nova, ao ser capaz de evocar as lembranças das experiências de luta, coragem e alegria aí vividas.

As boas lembranças, entretanto, são também intercaladas por aquelas que envolvem brigas e confrontos entre torcedores, o que me permite afirmar que a memória dos moradores sobre o Vila Nova Futebol Clube não é, como poderíamos supor, realmente homogênea. A trajetória do Vila Nova esteve, eventualmente,

marcada pela violência, em decorrência de excessos praticados por uma torcida composta, predominantemente, por grupos de forte expressão popular, mal vista por alguns dos moradores entrevistados. Narrando um episódio de uma briga protagonizada por torcedores do Vila Nova, o Sr. Eliseu Barreira Lemos conta:

Aí quando foi em 72... o Atlético Futebol Clube, ali na entrada de Campinas, o Vila Nova foi jogar lá com o Atlético. O Atlético ganha do Vila Nova, aí nessa época eu estava com um comércio bem ali, em 72, ali na Praça Tamanduá, quando no outro dia os atleticanos vieram aqui de manhã fazer farra aqui na Vila Nova com as bandeiras, insultar os vilanovenses. Aqui na beira do Mercado os vilanovenses pegaram eles, tomaram as bandeiras, quebraram e chegaram o cacete neles. Aí desceu uns aí tudo lavado de sangue lá, passaram lá. Aí eu estava no armazém, quando digo: 'Moço, o que foi isso?' 'Esses ignorantes do Vila Nova, nós viemos fazer uma passeata aqui e eles pegaram a gente ali, bateram na gente que danaram.' Eu digo: 'Ah, mas vocês erraram com isso, que vocês não deviam ter vindo fazer essa passeata. Vocês não iam agüentar...' Aí... com eu ver isso, eu digo: 'Ah...' Aí já tinha o Goiás. Agora o Goiás não tinha nem dois por cento de Goiás aqui na Vila Nova. Aí eu digo: 'De agora por diante eu sou Goiás.' (Eliseu Barreira Lemos, abril, 2004)

Atualmente sediado na Rua 256, no Setor Universitário, onde também está localizado o seu estádio, Onésio Brasileiro Alvarenga, assim nomeado em homenagem a um de seus grandes ex-jogadores e ex-presidente do Clube, o Vila Nova, nas últimas décadas, perdeu muito do seu antigo prestígio no futebol goiano. Apesar do seu mau desempenho e dos problemas financeiros enfrentados, o time segue sobrevivendo com o apoio de uma torcida fervorosa e fiel.

Embora lamentem os resultados obtidos pelo time nos últimos tempos, os moradores continuam, ainda assim, a alimentar a fé de que tempos melhores chegarão, quando então o Vila Nova voltará a brilhar, trazendo as glórias vividas no passado, recordadas, por eles, com orgulho. Comparando o momento vivido, atualmente, pelo Vila Nova, com aqueles experimentados no passado, o Sr. José Fernandes de Queiroz, comenta:

O Vila Nova foi um time que estive no auge, chegando aqui em 61, 68 por aí, foi a época do Vila Nova. Depois ficou devagar, marcando passo por aí e o Goiás cresceu. O Goiás, o Vila, o Atlético e o Goiânia... mas o Vila Nova tem marcado passo aí, não sei se é por causa de má administração, tem sofrido muito e nunca sai daquela, fica só... é um time de expressão popular de torcida mas não fez por onde ainda recompensar a torcida pelo valor, valorizar a torcida. (José Fernandes de Queiroz, abril, 2004)

O Vila Nova Futebol Clube parece se constituir, portanto, num dos mais importantes lugares de memória do Bairro, na medida em que a sua recordação permanece sendo intensamente evocada não apenas pelos velhos moradores, mas também por gerações mais jovens que permanecem vivenciando o aspecto comemorativo do time. A memória do Vila Nova Futebol Clube concentra grande parte da memória da Vila Nova, da qual tomou emprestado o seu próprio nome. Sua trajetória evoca a trajetória do Bairro que, como o time, começou de forma totalmente improvisada, ganhando força, com o passar dos anos, até se tornarem, ambos, definitivamente estruturados, além de profundamente imbricados na construção identitária desses moradores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O esforço de reconstrução das memórias dos moradores da Vila Nova que me propus realizar, significou, para mim, uma nova compreensão sobre o Bairro e a cidade de Goiânia. Trabalhei, especialmente, com os relatos orais de moradores do Bairro, pessoas comuns, migrantes, em sua maioria, excetuando aqueles que já nasceram em Goiânia, que chegaram à cidade entre os anos 30 e 50, se instalando na Vila Nova por opção ou por não encontrarem lugar em outras partes da cidade onde pudessem viver.

Cumprindo o papel que lhe foi destinado no processo de povoamento e interiorização do país, Goiânia, cidade concebida sob inspiração dos discursos de progresso e modernidade, veio atender as exigências de poder do governo varguista e de seus representantes regionais, expressas por programas de cunho nacionalista, como o da Marcha para o Oeste. A cidade moderna, nascida em meio ao sertão, foi na primeira iniciativa desse programa implementado pelo Estado Novo, o que fez com que sua construção estivesse envolta em uma aura simbólica, evocadora de um imaginário bandeirantista voltado para a conquista de regiões inóspitas do sertão, que deveria ser incorporado a um modelo de cultura e civilização que então predominava nos grandes centros urbanos do País.

Apesar da capital ter sido planejada, nesse planejamento não houve espaço para pessoas de baixa renda, os construtores da cidade que, recém-chegados, tiveram que forjar seus próprios espaços e construir suas vidas e suas moradias, como fizeram no Bairro da Vila Nova. Apesar de se constituírem no indesejado e não-planejado, os moradores da vila que surgia, vindos de diferentes partes do Brasil, em especial do interior nordestino, conseguiram se afirmar na cidade.

Se muitos sucumbiram nesse processo, em outros tantos casos, as dificuldades foram sendo superadas, pois alguns dos moradores da Vila Nova melhoraram suas vidas, conseguindo conquistar para o Bairro um desenvolvimento que, aos olhos de muitos, parecia pouco provável. Após uma longa trajetória, a Vila Nova ocupa, hoje,

uma posição bastante diferenciada da de seu contexto original, passando por um processo de urbanização que contribuiu para superação de seu status de periferia.

Tentei, através das falas dos moradores, reconstruir o cotidiano do Bairro, com seus personagens, acontecimentos e lugares, buscando inseri-los no contexto maior da cidade. Embora os indivíduos entrevistados desconheçam os variados aspectos que compõem as tramas que envolvem os fatos políticos e acontecimentos sociais que comandam o destino das grandes coletividades, representadas pela cidade de Goiânia, pelo Estado de Goiás e pelo País, eles também participaram, a seu modo, da construção dessa história, conduzindo suas vidas de acordo com realidade que lhes era apresentada.

Acredito que a pesquisa poderá, de alguma forma, contribuir com a historiografia de Goiânia que, apesar de vasta e de contar com bons trabalhos, ainda carece de estudos especificamente direcionados para os bairros da cidade e de trabalhos que adotem abordagens teórico-metodológicas voltadas para as memórias de seus habitantes. A percepção desse segmento sobre a ocupação e a formação do Bairro, assim como sobre a inserção da Vila Nova nos quadros da cidade foi fundamental na construção desse trabalho.

Suas narrativas deixam antever tanto a sua experiência passada como migrantes e posseiros urbanos, como a sua experiência no presente, advinda de uma situação mais confortável, formada por sua condição de moradores de um território legalizado e bastante valorizado em relação ao seu contexto original. Esses moradores não são mais os antigos habitantes da periferia, mas sim, são, agora, moradores do centro da cidade, cujas falas, permeadas por uma dimensão afetiva sempre marcante, revelam a trajetória de suas vidas.

O caráter afetivo de suas narrativas perpassa também os diferentes lugares do Bairro, os chamados lugares de memória, fundamentais no processo de construção das identidades desses moradores. Esses lugares possuem uma dimensão simbólica, funcionando como suportes materiais para a memória da Vila Nova. Talvez por isso, sejam tão freqüentemente mencionados, demonstrando, de maneira particularmente elucidativa, o quão estreitas podem ser as relações estabelecidas entre a memória e o espaço urbano do Bairro e da cidade.

A perpetuação das lembranças do Bairro se dá também pela inserção efetiva de seus moradores no grupo social formado pelos vizinhos, que fazem do ato de recordar uma atividade coletiva. Eles integram uma comunidade de memória,

atuando como narradores responsáveis pela transmissão de suas experiências formadas na Vila Nova. As lembranças desses indivíduos sustentam a memória da do Bairro.

Esses narradores encontram-se, hoje, perplexos com as mudanças experimentadas no decorrer das últimas décadas, causadas pelas transformações que se abateram no espaço urbano do Bairro. Suas lembranças, repletas de comparações entre passado e presente, se expressam através da evocação da paisagem e de antigos relacionamentos, que, atualmente, já não existem ou que se encontram profundamente transformados.

Atenta aos limites desse trabalho, tentei, ao longo de suas páginas, abordar, pela voz dos moradores da Vila Nova, algumas questões que se vinculam a formação e trajetória urbana do Bairro, relacionando-o ao espaço urbano da cidade de Goiânia. Enquanto construção humana, o espaço urbano permanece sempre se modificando, interagindo com meios externos a ele, assim como o fazem as suas distintas partes entre si.

Ainda que os limites que separam as diversas localidades da cidade sejam reais, embora, nem sempre, visíveis, percebo que as diferenças advindas de nível social, local de procedência, escolaridade, universo cultural e experiências de vida, não são definitivas, permitindo diálogos e trocas entre regiões distintas.

Tendo isso em conta, acredito que a pesquisa me permitiu, enfim, ampliar minha compreensão sobre essas relações, que tão profundamente ligam as pessoas ao Bairro e a cidade em que vivem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Cláudia de O. *Uso e ocupação do solo na Vila Nova*. Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso de Arquitetura) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 1995.

ARRAIS, Tadeu Pereira Alencar. *Goiânia: os discursos no urbano e as imagens da cidade*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1999.

BARBOSA, Marise C. *Análise arquitetônica das residências populares da Vila Nova*. Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso de Arquitetura) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 1993.

BERNARDES, Genilda D'arc. *Construtores de Goiânia, O Cotidiano no Mundo do Trabalho*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1989.

_____. *Goiânia, cidade planejada / cidade vivida: discurso e cultura da modernidade*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade de Brasília, Brasília, 1988.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas, Vol.I*. São Paulo: Braziliense, 1987.

BOLLE, WILLI. *Fisionomia da Metrópole Moderna: Representação da História em Walter Benjamin*. São Paulo: Ed. da USP, 2000.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

_____. *Tempo Vivo da Memória – Ensaio de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOTELHO, da Costa. *Memória, Identidade e Cidadania*. Brasília: SESI, 2006.

BOTELHO, Tarcísio Rodrigues (Org.). *Goiânia: cidade pensada*. Goiânia: Ed. da UFG, 2002.

CALDEIRA, Tereza Pires. *A política dos outros – O cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CAMPOS, Francisco Itami. *Os operários na construção de Goiânia*. *Jornal Opção*, Ano 1, v. 19, nº11, 24 out. 1980.

_____. *Mudança da Capital: uma estratégia de poder*. *Cadernos do INDUR*, Goiânia, n.2, p.29-39, nov. 1980.

CAVALCANTI, Lana de Souza (org). *Geografia da cidade: a produção do espaço urbano de Goiânia*. Goiânia: Editora Alternativa, 2001.

_____. (org). *A Cidade e seus Lugares*. Goiânia: E.V, 2007.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

CHARTIER, Roger. *A história cultural, entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

CHAUL, Nasser. *A construção de Goiânia e a transferência da Capital*. Goiânia: Ed. da UFG, 1988.

COELHO, Gustavo Neiva. *A modernidade do art déco na construção de Goiânia*. Goiânia: Ed. do Autor, 1997.

CORDEIRO, Narcisa de Abreu. *Evolução do plano urbanístico*. Goiânia: Arte Gráfica Editorial, 1989.

FERRARA, Lucrecia D'Alessio. *Os Significados Urbanos*. São Paulo: Ed. da USP, 2000.

FINNEGAN, Ruth H. *Tales of the city: a study of narrative and urban life*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

FONTANESI, Janete Romano. *Centro principal de uma Capital Planejada: forma, memória e história de Goiânia – 1933-1969*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2004.

GOMES, Horiestes. *Memórias da Campininha*. Goiânia: Ed. do Autor, 2000.

_____. *Lembranças da Terrinha*. Goiânia: Goiânia: Ed. do Autor, 2002.

- GOMES, Marco Antônio Silvestre. *De Largo a Jardim: Praças Públicas no Brasil – Algumas Aproximações*. In: Estudos Geográficos. Rio Claro: vol. 5, nº1, p. 101-120. 2007.
- GONÇALVES, Alexandre Ribeiro. *Goiânia: uma modernidade possível*. Coleção Centro-Oeste de Estudos e Pesquisas, 10. Brasília: Ministério da Integração Nacional: Universidade Federal de Goiás, 2002.
- HALBAWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1999.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1992.
- LIMA FILHO, Manuel Ferreira. *O desencanto do Oeste: memória e identidade social no médio Araguaia*. Goiânia: Ed. da UCG, 2001.
- LOVENTHAL, D. *The past is a foreign country*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- LYNCH, Kevin. *A imagem da Cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MANSO, Celina Fernandes Almeida. *Goiânia: uma concepção urbana, moderna e contemporânea – um certo olhar*. Goiânia: Ed. do Autor, 2001.
- MATTA, Roberto da. *A casa & a rua*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- MENEZES, Eleuzenira Maria de. *Migrações para Goiânia – os nordestinos (1930-1970)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2004.
- MONTEIRO, Ofélia Sócrates do Nascimento. *Como nasceu Goiânia*. São Paulo: Revista do Tribunais, 1938.
- NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. In: Projeto História. São Paulo, nº 10, p. 7-28, dez. 1993.
- PALACÍN, Luis. *Fundação de Goiânia e desenvolvimento de Goiás*. Goiânia: Oriente, 1976.
- Pollak, Michael. *Memória. Esquecimento. Silêncio*. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro: FGV, vol. 2, nº.3, p.3-15. 1989.
- _____. *Memória e identidade Social*. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro: FGV, vol. 5, nº 10, p.200-2012. 1992.

- RICARDO, Cassiano. *Marcha para Oeste*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1942.
- _____. *Viagem no tempo e no espaço: memórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.
- RICOEUR, Paul. *Tomo e Narrativa, Tomo I*. São Paulo: Papyrus, 1994.
- SABINO JÚNIOR, Oscar. *Goiânia Global*. Goiânia: Oriente, 1980.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço - Técnica e Tempo - Razão e Emoção*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- SEVCENKO, Nicolau. *A Revolta da Vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: Brasiliense, 1984
- SILVA, Ana Lúcia da. *A Revolução de 30 em Goiás*. Goiânia: Cãnone Editorial e Agepel, 2001.
- SILVA, Luis Sérgio Duarte da (org). *Relações Cidade – Campo: Fronteiras*. Goiânia: Ed. UFG, 2000.
- SILVA, Maria Alice Setúbal Souza e. *Memória e brincadeiras na cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX*. / Maria Alice Setúbal Souza e Silva, Maria Alice Lima Garcia, Sônia Campaner Miguel Ferrari. São Paulo: Cortez: CENPEC, 1989;
- SILVA, Renata Borges. *Vila Nova, uma renovação urbana para a “Vila”*. Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso de Arquitetura) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 1999.
- SILVA, Sandra C. *A cultura e a apropriação do espaço arquitetônico*. Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso de Arquitetura) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 1991.
- VAZ, Maria Diva de Araújo Coelho. *Transformação do centro de Goiânia: Renovação ou Reestruturação?* Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2002.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- WEIL, Simone. *O Enraizamento*. Bauru: EDUSC, 2001.

Corpus Escrito

Agenda 21 de Goiânia, 2004.

Decreto nº 574, de 02/01/1947.

Censo de 2000 do IBGE.

Plano Integrado de Desenvolvimento de Goiânia – PIDG 2000.

Plano Diretor de Goiânia de 2007.

Corpus Oral

Claudioiro Ferreira de Freitas, Goiânia, 19 de março de 2004.

Domingos Soares Santos, Goiânia, 3 de abril de 2004.

Doralice Gidirana Nogueira, Goiânia, 5 de abril de 2004.

Edson Alves Barros, Goiânia, 5 de abril de 2004.

Eliseu Barreira Lemos, Goiânia, 3 de abril de 2004.

Geraldo Faria Campos, Goiânia, 1 de abril de 2004.

Ivana Gonçalves N. de Oliveira, Goiânia, 30 de março de 2004.

Joaquim Cardoso Sales, Goiânia, 14 de abril de 2004.

José Fernandes de Queiroz, Goiânia, 6 de abril de 2004.

José Teodoro da Silveira, Goiânia, 30 de março de 2004.

Júlia Orlando de Freitas, Goiânia, 24 de março de 2004.

Lêda de Araújo Vilela, Goiânia, 26 de março de 2004.

Leila Braz Muniz, Goiânia, 8 de abril de 2004.

Manoel Rodrigues Santana, Goiânia, 6 de abril de 2004.

Mara Sandra Parente Lemos, Goiânia, 9 de abril de 2004.

Maria Jerônima G. de Oliveira, Goiânia, 8 de abril de 2004.

Pedro Fernandes, Goiânia, 14 de abril de 2004.

Selma Rodrigues Sales, Goiânia, 13 de abril de 2004.

Valdecy Abadia de Andrade Calassa, Goiânia, 25 de março de 2004